

LLOYD ALEXANDER

O LIVRO DOS Três

as aventuras de
PRYDAIN
volume 1





Título original
The Book of Three

Capa
Pós Imagem Design

Revisão
Renato Bittencourt Neusa Peçanha

Editoração Eletrônica
Abreus System Ltda.

2003

A376I

Alexander, Lloyd

O livro dos três / Lloyd Alexander. — Rio de Janeiro :
Objetiva, 2003

227 p. (As Aventuras de Prydain; v. I)

ISBN 85-7302-499-2

Tradução de: *The book of three*

I. Literatura inglesa — Infanto-juvenil. I. Título.

CDD 028.5



LLOYD ALEXANDER



O LIVRO DOS Três

as aventuras de
PRYDAIN
volume 1

TRADUÇÃO:
ANA DEIRÓ



*Para as crianças que ouviram, para os adultos que foram
pacientes e, especialmente, para Ann Durell.*

Nota do Autor

Esta narrativa sobre a Terra de Prydain não é um novo relato nem é uma nova tradução da mitologia do País de Gales. Prydain não é Gales — pelo menos, não inteiramente. A inspiração para escrevê-la me veio daquela terra magnífica e de suas lendas; mas, essencialmente, Prydain é um país que existe unicamente em minha imaginação.

Alguns de seus habitantes foram inspirados pelas antigas lendas. Gwydion, por exemplo, é um personagem lendário “real”. Arawn, o terrível Lorde de Annvin, faz parte do Mabinogion, a clássica coleção de lendas galesas, embora em Prydain ele seja consideravelmente mais malvado. E existe base mitológica autêntica para o caldeirão de Arawn, Hen Wen, a porca oracular, o velho feiticeiro Dallben e outros. Contudo, Taran, o Porqueiro-Assistente, bem como Eilonwy, dos cabelos vermelhos dourados, nasceram em minha Prydain imaginária.

A geografia de Prydain é característica de si mesma. Qualquer semelhança entre Prydain e Gales talvez não seja coincidência — mas não deve ser usada como guia para turistas. É uma região pequenina, contudo, nela ainda há lugar para a bravura e para o humor; e mesmo um Porqueiro-Assistente pode cultivar certos sonhos.

A crônica de Prydain é uma fantasia. Coisas desse tipo nunca acontecem na vida real. Ou será que acontecem? A maioria de nós de vez em quando se vê diante da obrigação de desempenhar tarefas que ficam muito além do que acreditamos ser capazes de fazer. Nossas capacidades raramente correspondem a nossas aspirações e, com

freqüência, estamos lamentavelmente despreparados. Nessa medida, todos nós, no fundo, somos Porqueiros-Assistentes.

L. Alexander

O Porqueiro-Assistente

Taran queria fazer uma espada; mas Coll, encarregado do lado prático de sua educação, decidiu que deveriam fazer ferraduras. De modo que, durante a manhã inteira, tinham feito ferraduras. Os braços de Taran doíam, a fuligem cobria de negro suas faces. Finalmente, ele deixou cair o martelo e virou-se para Coll, que o observava com uma expressão crítica.

— Por quê? — exclamou Taran. — Por que temos que fazer ferraduras? Até parece que temos cavalos!

Coll era forte, corpulento, de barriga arredondada, e sua cabeça grandiosa e calva reluzia muito rosada.

— Sorte dos cavalos — foi seu único comentário, olhando para o resultado dos esforços do trabalho de Taran.

— Eu seria capaz de coisa melhor se fizesse uma espada — rebateu Taran. — Tenho certeza de que seria. — E, antes que Coll pudesse responder, agarrou a tenaz, atirou uma tira de ferro em brasa na bigorna e começou a martelar animadamente o mais depressa que podia.

— Espere, espere! — gritou Coll. — Não é assim que se faz!

Sem dar atenção a Coll, na verdade sem sequer ouvi-lo com a barulheira que fazia, Taran martelou mais forte ainda. Fagulhas espalharam-se pelo ar. Porém, quanto mais ele martelava, mais o metal se retorcia e se curvava, até que, finalmente, o ferro pulou, soltando-se da tenaz e



caiu no chão. Taran ficou olhando cheio de decepção. Com a tenaz, apanhou a tira de ferro retorcido e a examinou.

— Não é exatamente a espada para um herói — comentou Coll.

— Está um desastre — concordou Taran tristemente.

— Parece uma cobra doente — acrescentou pesadoso.

— Como eu tentei lhe dizer — prosseguiu Coll —, você fez tudo errado. Tem que segurar a tenaz assim. Quando bater no ferro, a força tem que vir de seu ombro, e seu punho deve estar relaxado. A gente pode ouvir quando faz da maneira certa. Há uma espécie de música quando se bate o martelo no ferro da maneira correta. Além disso — acrescentou ele —, isto não é metal para se fazer armas.

Coll botou a lâmina torta, moldada pela metade, de volta na fornalha, onde ela perdeu a forma completamente.

— Eu queria poder ter minha própria espada — disse Taran suspirando —, e que me ensinasse a lutar com a espada.

— Queria! — exclamou Coll. — E por que você haveria de querer saber isso? Não temos batalhas em Caer¹ Dallben.

— Também não temos nenhum cavalo — retrucou Taran —, mas estamos fazendo ferraduras.

¹ *Caer*: antiga palavra galesa que significa fortaleza, cidade fortificada, propriedade ou sede de poder que pertence a um senhor. [N. da T.]

— Ora, pare de reclamar — disse Coll, com indiferença.

— Aquilo foi para ganhar prática.

— E isto também seria — insistiu Taran. — Vamos, ensine-me como se luta com a espada. Você deve conhecer a arte.

A cabeça brilhante de Coll reluziu ainda mais intensamente. Uma sombra de sorriso surgiu em seu rosto, como se ele estivesse saboreando alguma coisa agradável.

— É verdade — disse baixinho —, eu empunhei uma espada uma ou duas vezes nos meus tempos.

— Então me ensine agora — implorou Taran. Ele passou a mão num atizador e o empunhou, cortando o ar de um lado para o outro e saltitando para trás e para a frente no chão duro de terra batida. — Está vendo — gritou animado —, eu já sei quase tudo.

— Calma, devagar com essa mão — disse Coll, com uma gargalhada. — Se viesse lutar comigo desse jeito, com toda essa pose e esses pulinhos, eu faria picadinho de você num piscar de olhos. — Ele hesitou por um momento. — Vou lhe mostrar, veja — acrescentou rapidamente —, pelo menos você deveria saber que existe uma maneira certa e uma maneira errada de fazer isso.

Coll apanhou um outro atizador.

— Então, vamos lá — ordenou, dando uma piscadela com o olho coberto de fuligem. — Empunhe a espada como um homem.

Taran levantou o atizador. Enquanto Coll gritava instruções, eles começaram a aparar e a dar golpes, com muito bater e chocar de atizadores e grande animação. Por um momento, Taran teve certeza de que levaria a melhor sobre Coll, mas o velho girava, desviando-se, tirando o

corpo fora, com uma agilidade de movimentos espantosa. Agora, era Taran quem lutava desesperadamente para se defender dos golpes de Coll.

Abruptamente, Coll parou. E Taran também, com o atizador erguido no ar. No vão da porta da forja estava o vulto alto e corcunda de Dallben.

Dallben, o senhor de Caer Dallben, tinha 379 anos. Sua barba cobria uma parte tão grande de seu rosto que ele parecia sempre estar se esforçando para ver o mundo por cima de uma nuvem cinzenta. Na pequenina fazenda, enquanto Taran e Coll cuidavam de arar e semear a terra, de capinar e arrancar as ervas daninhas, de ceifar e fazer a colheita, e de todas as outras tarefas agrícolas, Dallben dedicava-se à meditação, uma ocupação tão exaustiva, que só conseguia realizá-la mantendo-se deitado e de olhos fechados. Ele meditava uma hora e meia logo depois do café da manhã e de novo mais tarde, durante o dia. A barulheira vinda da forja o despertara de sua meditação matinal; sua bata pendia meio torta sobre os joelhos magros.

— Parem com essa bobagem imediatamente — ordenou Dallben. — Estou surpreso com você — acrescentou, franzindo o cenho para Coll. — Há muito trabalho sério que está por fazer.

— Não foi Coll — interrompeu Taran. — Fui eu que pedi para aprender a arte de lutar com a espada.

— Eu não disse que estava surpreso com *você* — observou Dallben. — Mas, afinal, talvez esteja. Creio que é melhor vir comigo.

Taran seguiu o homem velhíssimo saindo da forja, atravessando o pátio onde ciscavam as galinhas, e entrando na casinha branca de telhado de colmo. Ali, nos aposentos de Dallben, livros grossos, cobertos de bolor,

transbordavam nas prateleiras que se curvavam sob seu peso e estavam espalhados pelo chão, em meio a pilhas de caçarolas de cozinha, cinturões tacheados, harpas sem cordas e outras velharias.

Taran ocupou seu lugar no banco de madeira, como sempre fazia quando Dallben estava disposto a dar lições ou repreensões.

— Tenho pleno conhecimento — disse Dallben, acomodando-se atrás de sua mesa — de que para usar armas, tanto quanto para qualquer outra coisa, é necessário adquirir alguma arte e prática. Mas cabeças mais sábias do que a sua determinarão quando você deverá aprendê-las.

— Sinto muito — começou Taran —, não deveria ter...

— Eu não estou zangado — interrompeu Dallben, levantando a mão. — Só um pouco triste. O tempo voa, passa depressa demais; as coisas sempre acontecem antes do que esperamos. E no entanto — murmurou ele, quase que para si mesmo —, isso me preocupa. Receio que o Rei Cornudo possa ter alguma coisa a ver com isso.

— O Rei Cornudo? — perguntou Taran.

— Mais adiante falaremos dele — disse Dallben. Ele puxou um pesado volume, encadernado em couro, para junto de si, *O Livro dos Três*, que de vez em quando lia para Taran e que, acreditava o garoto, continha em suas páginas tudo o que qualquer pessoa poderia querer saber.

— Como eu já lhe expliquei antes — prosseguiu Dallben —, e você muito provavelmente se esqueceu, Prydain é uma terra de muitos cantreves², de pequenos

² Subdivisão territorial e administrativa do País de Gales. [N. da T.]

reinos e de muitos reis. E, é claro, seus líderes de guerra que comandam os guerreiros.

— Mas existe o Rei Supremo que está acima de todos eles — disse Taran —, Math Filho de Mathonwy. Seu líder de guerra é o mais poderoso herói de Prydain. O senhor já me falou a respeito dele. O Príncipe Gwydion! Sim — prosseguiu Taran com grande animação —, eu sei...

— Existem outras coisas que você *não* sabe — interrompeu Dallben —, pelo simples motivo de que eu não lhe contei. No presente momento, estou menos preocupado com os reinos dos vivos do que com a Terra dos Mortos, com Annuin.

Taran estremeceu ao ouvir a palavra. Mesmo Dallben a pronunciara num sussurro.

— E com o Rei Arawn, o Senhor de Annuin — disse Dallben. — Saiba de uma coisa — prosseguiu rapidamente: — Annuin é mais do que uma terra de morte. É um local onde se guardam tesouros, não só de ouro e jóias, mas de todas as coisas que trazem benefícios aos homens. Há muito tempo, houve uma época em que a raça dos homens era dona desses tesouros. Por meio de artimanhas e de falsidades, Arawn os roubou, um por um, para usá-los para fazer o mal de acordo com seus interesses. Alguns desses tesouros, poucos, porém, foram retomados dele à força, embora a maioria esteja escondida nas profundezas de Annuin, onde Arawn os guarda com grande ciúme.

— Mas Arawn não se tornou soberano de Prydain — observou Taran.

— Você deve se sentir grato pelo fato de ele não ter se tornado — replicou Dallben. — E teria se tornado,

se não fosse pelos Filhos de Don, os filhos de *Lady* Don e de seu consorte, Belin, Rei do Sol. Há muitos e muitos anos, eles vieram para Prydain, oriundos do País do Verão e aqui encontraram uma terra rica e bonita, embora a raça dos homens fosse pobre. Os filhos de Don construíram sua fortaleza em *Caer Dathyl*, ao norte das Montanhas Águia. De lá, eles ajudaram a recuperar pelo menos uma parte do que *Arawn* havia roubado e mantiveram-se como guardiões contra a ameaça sempre constante de *Annuvin*.

— Não gosto nem de pensar no que teria acontecido se os Filhos de Don não tivessem vindo — declarou Taran. — O destino foi bom quando os trouxe.

— Nem sempre tenho certeza disso — observou Dallben, com um sorriso cansado. — Os homens de Prydain passaram a se apoiar na força da Casa de Don como uma criança se agarra às saias da mãe. Continuam a fazer isso até hoje. *Math*, o Rei Supremo, é descendente da Casa de Don. O Príncipe *Gwydion* também é. Mas tudo isso não passa de detalhes. Prydain esteve em paz, na medida em que homens podem viver em paz, até agora.

— O que você não sabe — prosseguiu Dallben — é o seguinte: chegou a meus ouvidos a notícia de que surgiu um novo e poderoso senhor de guerra, tão poderoso quanto *Gwydion*; alguns dizem que até mais poderoso que ele. Mas é um homem do mal para quem uma morte é uma alegria perversa. Ele brinca com a morte como você poderia brincar com um cachorro.

— Quem é ele? — exclamou Taran. Dallben sacudiu a cabeça.

— Nenhum homem conhece seu nome e nenhum homem jamais viu seu rosto. Ele usa uma máscara com uma armação de cornos e, por esse motivo, é chamado de

o Rei Cornudo. Desconheço quais são suas pretensões. Mas suspeito que a mão de Arawn esteja metida nisso, porém de que maneira não sei dizer. Estou lhe falando disso para sua própria proteção — acrescentou Dallben. — Pelo que vi esta manhã, sua cabeça está cheia de bobagens a respeito de façanhas e feitos de armas. Sejam lá quais forem as idéias que você possa ter, eu o aconselho a esquecê-las imediatamente. Há um perigo desconhecido circulando por aí. Você está quase chegando à idade viril e é parte de minha responsabilidade cuidar para que chegue lá, de preferência ileso. De modo que não deve sair de Caer Dallben em nenhuma circunstância, nem mesmo passar dos limites do pomar e, certamente, não deve entrar na floresta, pelo menos por enquanto.

— Por enquanto! — explodiu Taran. — Acho que vai ser por enquanto para sempre, e que só verei verduras e ferraduras pelo resto de minha vida!

— Basta de besteiras — ralhcou Dallben —, há coisas piores que isso. Você quer ser um glorioso herói? Acredita que isso se resume em espadas reluzentes e sair galopando por aí? E quanto a ser um glorioso...

— E o príncipe Gwydion? — exclamou Taran. — Sim! Eu gostaria muito de poder ser como ele!

— Receio — disse Dallben —, que isto esteja completamente fora de questão.

— Mas por quê? — Taran levantou-se de um salto. — Eu sei que se tivesse uma oportunidade...

— Por quê? — interrompeu Dallben. — Em alguns casos — disse ele —, aprendemos mais ao buscar a resposta para uma pergunta e ao não encontrá-la do que aprendemos ao descobrir a própria resposta. Este é um desses casos. Eu poderia lhe dizer por quê, mas no mo-

mento isso só o deixaria mais confuso, só tornaria as coisas mais complicadas. Se você crescer e adquirir algum bom senso, o que é algo de que você de vez em quando me faz duvidar, muito provavelmente chegará a suas próprias conclusões.

— Elas provavelmente estarão erradas — acrescentou ele. — Contudo, uma vez que serão suas, você se sentirá um pouco mais satisfeito com elas.

Taran tornou a sentar-se e ficou quieto ali no banco, triste e silencioso. Dallben já havia começado a meditar novamente. Seu queixo gradualmente foi baixando até descansar sobre a clavícula, a barba flutuando ao redor de suas orelhas como uma massa de neblina, e começou a roncar tranquilamente.

O perfume primaveril das macieiras em flor entrou pela janela aberta. Dos aposentos de Dallben, através dela, Taran avistava ao longe a franja verde pálida da floresta. Os campos, prontos para o cultivo, logo se tomariam dourados com a chegada do verão. *O Livro dos Três* estava fechado sobre a mesa. Taran nunca tivera permissão para ler o volume sozinho e agora tinha certeza de que continha mais coisas do que Dallben decidira lhe contar. No aposento ensolarado, com Dallben ainda meditando e não dando nenhum sinal de que iria parar, Taran levantou-se e foi andando em meio aos raios tremeluzentes de sol. Da floresta, vinha o tique-tique monótono de um besouro.

As mãos de Taran se estenderam para tocar a capa. Ele arquejou de dor e as afastou rapidamente. Doíam como se cada um de seus dedos tivesse sido picado por vespas. Ele saltou para trás, tropeçou no banco e caiu no chão, onde pesaroso pôs os dedos na boca.

Os olhos de Dallben piscaram e se abriram. Ele olhou fixamente para Taran e bocejou devagar.

— É melhor você ir procurar Coll e pedir uma loção para essas mãos — aconselhou. — Caso contrário, não ficaria surpreso se ficassem com bolhas.

Envergonhado, com os dedos doendo e ardendo, Taran saiu depressa do chalé e encontrou Coll perto da horta.

— Você andou mexendo no *Livro dos Três* — comentou Coll. — Isso não é difícil adivinhar. Agora sabe que não deveria fazer isso. Bem, este é um dos três fundamentos do aprendizado: ver muito, estudar muito, sofrer muito. — Ele levou Taran até o estábulo onde ficavam guardados os remédios para os animais de criação e derramou uma decocção sobre os dedos de Taran.

— De que adianta estudar muito quando não devo ver absolutamente nada? — retrucou Taran emburrado. — Creio que me foi reservado um destino em que nunca saberei de nada que seja interessante, nem irei a nenhum lugar interessante, nem farei nada de interessante. Eu certamente não estou destinado a ser nada. Já não sou nada, nem mesmo em Caer Dallben!

— Muito bem — disse Coll —, se isso é tudo que o preocupa, vou fazer com que você seja alguma coisa. A partir deste momento, você é Taran, o Porqueiro-Assistente. Vai me ajudar a cuidar de Hen Wen: cuidar para que sua gamela esteja cheia, carregar sua água e dar-lhe uma boa lavada e esfregada, dia sim, dia não.

— Mas isso é o que eu faço agora — queixou-se Taran em tom amargo.

— Melhor ainda — comentou Coll —, pois torna as coisas muito mais fáceis. Se você quer ser alguma coisa

que venha acompanhada de um nome, não consigo pensar em nada que esteja mais próximo do que isso. E não é qualquer garoto que pode ser um Porqueiro-Assistente de uma porca oracular. De fato, ela é a única porca oracular de Prydain, e a mais valiosa.

— Valiosa para Dallben — disse Taran. — Para *mim* ela nunca diz nada.

— Você achou que ela diria? — retrucou Coll. — Com Hen Wen, você tem que saber como perguntar... ora, mas o que foi aquilo? — Coll sombreou os olhos com a mão. Uma nuvem preta, zumbindo, saiu com grande rapidez do pomar, aproximou-se e seguiu adiante, passando tão perto da cabeça de Coll que ele teve que pular para sair do caminho.

— As abelhas! — gritou Taran — Estão enxameando!

— Não está na época delas — exclamou Coll. — Há alguma coisa errada.

A nuvem ergueu-se alta em direção ao sol. Um instante depois, Taran ouviu cacarejos e gritos agudos do cercado das galinhas. Ele se virou e viu cinco galinhas e um galo batendo as asas. Antes que lhe ocorresse que estivessem tentando voar, eles também estavam indo pelos ares.

Taran e Coll correram para o cercado tarde demais para apanhar os frangos. Com o galo na liderança, as galinhas bateram as asas desajeitadamente, levantando vôo, e desapareceram pelo cume de uma colina.

Do estábulo, o par de touros urrou e revirou os olhos de terror.

A cabeça de Dallben apareceu espetada para fora da janela. Parecia irritado.

— Tornou-se absolutamente impossível fazer qualquer tipo de meditação — declarou ele, com um olhar severo para Taran. — Eu já avisei você uma vez...

— Alguma coisa assustou os animais — protestou Taran. — Primeiro as abelhas, depois as galinhas fugiram voando...

A expressão do rosto de Dallben ficou séria.

— Não recebi nenhum aviso disso — disse ele para Coll. — Temos que perguntar à Hen Wen imediatamente o que está havendo e vamos precisar das varetas de letras. Depressa, venha me ajudar a encontrá-las.

Coll seguiu rapidamente para a porta do chalé.

— Fique de olho vivo e cuide da Hen Wen — ordenou a Taran. — Não deixe que ela saia e não a perca de vista.

Coll desapareceu no interior da casa para procurar as varetas de letras, os longos bastões de madeira de freixo entalhados com encantamentos. Taran estava ao mesmo tempo assustado e excitado. Dallben, ele sabia, só consultava Hen Wen em questões da maior urgência. Que Taran pudesse se lembrar, aquilo nunca acontecera antes. Ele correu para o chiqueiro.

Hen Wen geralmente dormia até o meio-dia. Então, a despeito de seu tamanho, em passinhos de trote, precisos e graciosos, seguia para um canto de sombra em seu cercado e ali se instalava, confortavelmente, pelo resto do dia. A porca branca grunhia e gargalhava continuamente consigo mesma e, sempre que via Taran, levantava seu focinho largo e de gordas bochechas para que ele a coçasse debaixo do queixo. Mas, dessa vez, ela não lhe deu nenhuma atenção. Fungando, bufando e assobiando, Hen Wen estava cavando furiosamente a terra macia no canto

mais afastado do chiqueiro, escavando um túnel tão rapidamente que logo estaria fora dele.

Taran gritou para ela, mas as nuvens continuaram a voar em grande velocidade. Ele pulou sobre a cerca. A porca oracular parou e olhou ao redor. Quando Taran se aproximou do buraco, já de bom tamanho, Hen Wen correu para o canto oposto do chiqueiro e começou outra escavação,

Taran era forte e tinha pernas compridas, mas, para sua preocupação, viu que Hen Wen era mais ligeira do que ele. Assim que a enxotou do segundo buraco, ela se virou rapidamente nas patas curtas e seguiu de volta para o primeiro. Ambos, àquela altura, já estavam grandes o bastante para deixar passar sua cabeça e o quarto dianteiro.

Desesperado, Taran começou a jogar a terra de volta no buraco. Hen Wen cavava mais depressa que um texugo, com as patas de trás firmemente plantadas no chão, as patas da frente arrancando a terra, fazendo-a voar. Taran desistiu de tentar fazê-la parar. Saltou de volta por sobre a cerca e correu para o ponto onde Hen Wen estava prestes a emergir, planejando agarrá-la e continuar agarrado nela até que Dallben e Coll chegassem. Ele subestimou tanto a velocidade quanto a força de Hen Wen.

Com uma explosão de terra e pedrinhas, a porca irrompeu por baixo da cerca, atirando Taran alto pelos ares. Ele aterrissou com uma pancada que o fez perder o fôlego. Hen Wen correu atravessando o campo e entrou na floresta.

Taran correu atrás. Mais adiante, a floresta se erguia escura e ameaçadora. Ele respirou fundo e mergulhou na mata atrás dela.

A Máscara do Rei

Hen Wen havia desaparecido. Mais à frente, Taran ouviu um barulho de algo batendo forte contra as folhas. Tinha certeza de que a porca estava se escondendo em meio aos arbustos. Seguindo o som, continuou correndo para mais adiante. Depois de algum tempo, o solo tornou-se íngreme abruptamente, obrigando-o a escalar, valendo-se das mãos e dos joelhos. Na crista da elevação, a floresta cerrada se interrompia, abrindo-se numa campina. Taran avistou Hen Wen de relance, correndo lá no meio da relva alta que balançava. Depois de atravessar a campina, desapareceu atrás de um grupo de árvores.

Taran correu atrás dela. Já estava mais longe do que jamais havia ousado aventurar-se, mas continuou a seguir adiante, com esforço, em meio à vegetação espessa do solo da floresta. Logo, uma trilha bastante larga se abriu, permitindo que ele acelerasse o passo. Hen Wen havia parado de correr ou o deixara muito para trás. Não conseguia ouvir mais nada exceto o som de seus próprios passos.

Ele seguiu a trilha por mais algum tempo, com a intenção de usá-la como marco, no caminho de volta, embora tivesse curvas e bifurcações com tanta frequência que não estava mais absolutamente certo de qual era a direção em que ficava Caer Dallben.

Na campina, Taran estava de rosto vermelho e transpirando muito. Agora tremia em meio ao silêncio dos



carvalhos e olmos. Ali, a floresta não era cerrada, mas as sombras encobriam os troncos, e o sol só penetrava em faixas entrecortadas. Um odor úmido e verde enchia o ar. Nenhum pássaro cantava, nenhum esquilo chilrava. A floresta parecia estar prendendo a respiração.

Contudo, sob o silêncio, havia uma inquietação gemente e um tremor em meio às folhas. Os galhos se torciam e rangiam uns contra os outros como dentes quebrados. O caminho parecia incerto, indo ora para lá, ora para cá sob os pés de Taran, e ele estava morto de frio. Apertou os braços em volta do corpo e tratou de andar mais depressa para afastar a friagem. Ele estava, agora percebia, comendo sem direção; não conseguia manter a atenção concentrada nas bifurcações e curvas do caminho.

Taran parou subitamente. O som surdo de cascos de cavalo estrondeou à sua frente. A floresta tremeu, à medida que se tornaram mais altos. Mais um instante e um cavalo negro surgiu numa explosão diante de seus olhos.

Taran caiu para trás, aterrorizado. Montada no animal salpicado de espuma estava uma figura monstruosa. Uma capa vermelha esvoaçava como chamas subindo dos ombros nus. Os braços gigantesco estavam manchados de vermelho. Dominado pelo horror, Taran viu, não a cabeça de um homem, mas a cabeça cornuda de um veado.

O Rei Cornudo! Taran atirou-se contra um carvalho para fugir aos cascos velozes e aos flancos ofegantes e reluzentes.

Cavalo e cavaleiro passaram voando. A máscara era um crânio humano, e dele os grandiosos cornos se erguiam em curvas cruéis. Os olhos do Rei Cornudo faiscavam

atrás dos buracos vazios das órbitas de osso esbranquiçado.

Muitos cavaleiros vinham a galope em sua esteira. O Rei Cornudo emitiu um urro prolongado, como uma fera furiosa, e seus cavaleiros o repetiram, enquanto seguiam atrás dele. Um deles, um guerreiro sorridente, de cara feroz, avistou Taran. Ele virou a montaria e desembainhou a espada. Taran pulou para longe da árvore e mergulhou nos arbustos. A lâmina o seguiu, sibilando como uma víbora. Taran a sentiu picar, cortando-o nas costas.

Ele correu cegamente, enquanto galhos finos de árvores novas chicoteavam-lhe o rosto, e pedregulhos escondidos pareciam saltar do solo para atirá-lo no chão e espetar-lhe os joelhos. Quando a mata ficou mais aberta, Taran correu ruidosamente por um leito de rio seco, até que, exausto, tropeçou e estendeu as mãos para se proteger do terreno que girava num redemoinho.

O sol já havia descido rumo ao oeste quando Taran abriu os olhos. Estava deitado num retalho de relva coberto por uma capa. Um de seus ombros ardia dolorosamente. Um homem ajoelhou-se a seu lado. Nas vizinhanças, um cavalo branco pastava na relva. Ainda atordoado, temeroso de que os cavaleiros o tivessem alcançado, Taran tentou se levantar sobressaltado. O homem ofereceu-lhe um cantil.

— Beba — disse ele. — Sua força voltará num instante.

O estranho tinha os cabelos longos e desalinhados, com mechas de fios prateados como o pêlo de um lobo. Seus olhos eram fundos nas órbitas, salpicados de verde. O sol e o vento haviam curtido seu rosto arredondado, deixando-o moreno e riscado por rugas finas. O tecido de

sua capa estava áspero e manchado pela viagem. Um cinto largo, com uma fivela de metal lavrado com um desenho delicado e complexo rodeava-lhe a cintura.

— Beba — disse o estranho novamente, enquanto Taran aceitava o cantil com desconfiança. — Você está com uma cara que parece que estou querendo envenená-lo. — Ele sorriu. — Não é assim que Gwydion, Filho de Don, trata os feridos...

— Gwydion! — Taran se engasgou com o líquido e levantou-se trôpego. — Você não é Gwydion! — exclamou. — Já ouvi falar dele. Era um grande comandante, um herói! Ele não é... — Os olhos de Taran deram com a longa espada no cinto do desconhecido. O botão dourado no punho da espada era liso e arredondado; sua cor deliberadamente esmaecida; folhas de freixo, de ouro de tom pálido, entrelaçavam-se no punho, e um padrão de folhas cobria a bainha. Era realmente a arma de um príncipe.

Taran dobrou um joelho no chão e abaixou a cabeça.

— Lorde Gwydion — disse —, não tive a intenção de ser insolente. — Enquanto Gwydion o ajudava a se levantar, Taran continuou a olhar fixamente, incrédulo, para as roupas simples e para o rosto cansado e marcado. Depois de tudo o que Dallben tinha contado sobre aquele herói glorioso, de tudo o que ele próprio havia imaginado, Taran mordeu os lábios.

Gwydion percebeu o olhar de desapontamento de Taran.

— Não são os trajes e adornos que fazem o príncipe — disse com gentileza —, nem, realmente, é a espada que faz o guerreiro. Vamos — ordenou —, diga-me como se chama e conte-me o que lhe aconteceu. E não me peça

para acreditar que arrumou um ferimento de espada colhendo groselhas espinhosas nem caçando lebres.

— Eu vi o Rei Cornudo! — exclamou Taran. — Seus homens estavam cavalgando na floresta; um deles tentou me matar. Eu vi o Rei Cornudo em pessoa! Foi horrível, muito pior do que Dallben tinha dito.

Os olhos de Gwydion se estreitaram.

— Quem é você? — questionou. — Quem é você para falar de Dallben?

— Eu sou Taran de Caer Dallben — respondeu Taran, tentando se mostrar corajoso, mas conseguindo apenas ficar mais pálido que um cogumelo.

— De Caer Dallben? — Gwydion calou-se por um instante e lançou um olhar estranho para Taran. — O que está fazendo tão longe de lá? Dallben sabe que você está na floresta? Coll está com você?

O queixo de Taran caiu e ele pareceu tão, mas tão assombrado, que Gwydion jogou a cabeça para trás e explodiu numa grande gargalhada.

— Não precisa ficar tão surpreso — disse Gwydion. — Eu conheço bem Coll e Dallben. E eles são espertos demais para deixar você andar por aqui sozinho. Então você fugiu de casa? Vou lhe avisar Dallben não é pessoa que se desobedeça.

— Foi a Hen Wen — explicou Taran. — Eu devia ter imaginado que não conseguiria segurá-la. Agora ela fugiu e a culpa é minha. Eu sou o Porqueiro-Assistente...

— Fugiu? — O rosto de Gwydion se contraiu. — Para onde? O que aconteceu com ela?

— Eu não sei — lamentou-se Taran. — Ela está em algum lugar na floresta. — Enquanto, num desabafo,

ele fazia o relato de todos os acontecimentos daquela manhã, Gwydion ouviu atentamente.

— Eu não havia previsto isso — murmurou Gwydion, depois de Taran concluir. — Minha missão vai falhar se ela não for encontrada rapidamente. — Gwydion virou-se abruptamente para Taran. — Sim — disse ele —, eu também vim em busca de Hen Wen.

— O senhor? — exclamou Taran. — Veio de tão longe...

— Preciso de informações que somente ela possui — respondeu Gwydion. — Viajei durante um mês, de Caer Dathyl até chegar aqui, para obtê-las. Fui seguido, vigiado por espiões e caçado. E agora — ele acrescentou com uma risada amarga —, ela fugiu. Pois muito bem. Ela vai ser encontrada. Preciso descobrir tudo o que ela sabe sobre o Rei Cornudo. — Gwydion hesitou. — Receio que ele próprio também esteja procurando por ela agora mesmo.

— Deve ser isso — prosseguiu ele. — Hen Wen deve ter percebido que ele se aproximava de Caer Dallben e fugiu dominada pelo terror...

— Então devemos impedi-lo — declarou Taran. — Atacá-lo, derrubá-lo! Dê-me uma espada e lutarei a seu lado!

— Calma, vamos com calma — censurou Gwydion. — Não digo que minha vida valha mais do que a de outro homem, mas eu a prezo muito. Você acha que um guerreiro solitário e um Porqueiro-Assistente ousariam atacar o Rei Cornudo e seu bando de guerreiros?

Taran empertigou-se todo.

— Eu não teria medo dele.

— Não? — perguntou Gwydion. — Então você é um tolo. Ele é o homem que mais se deve temer em toda Prydain. Você gostaria de ouvir uma coisa que descobri durante minha viagem, algo de que talvez nem mesmo Dallben tenha conhecimento ainda?

Gwydion ajoelhou-se no relvado.

— Você conhece a arte da tecelagem? Fio por fio, o padrão vai se formando. — Enquanto falava, ele arrancou as longas folhas de relva e as uniu com laçadas para formar uma malha.

— Está muito bem-feito — comentou Taran, observando os dedos de Gwydion que se moviam rapidamente. — Posso ver isso de perto?

— Existe um trabalho de tecelagem mais sério — disse Gwydion, enfiando a malha em seu casaco. — O que você viu foi um padrão de tecelagem feito em tear de Annvin.

— Arawn não abandona Annvin por muito tempo — prosseguiu Gwydion —, mas sua mão anda por toda parte. Há pequenos chefes de clã cuja ambição pelo poder os incita como a ponta de uma espada. Para alguns deles, Arawn promete riquezas e domínios, aproveitando-se de sua cobiça como um bardo toca uma harpa. A perversão de Arawn consome como fogo todos os sentimentos humanos que eles possuem no coração e tornam-se seus vassallos, servindo-o fora das fronteiras de Annvin, e seus escravos para sempre.

— E o Rei Cornudo...? Gwydion assentiu.

— Também. Eu sei, sem qualquer sombra de dúvida, que jurou obediência e fidelidade a Arawn. Ele é o declarado paladino de Arawn. Mais uma vez o poder de Annvin ameaça Prydain.

Taran ficou sem palavras e apenas o encarou de olhos arregalados.

Gwydion virou-se para ele.

— Quando chegar a hora, o Rei Cornudo e eu nos encontraremos. E um de nós morrerá. Este é meu juramento solene. Mas os desígnios dele são perversos e desconhecidos, e preciso saber quais são através de Hen Wen.

— Ela não pode estar longe — exclamou Taran. — Vou mostrar ao senhor onde ela desapareceu. Acho que posso encontrar o lugar. Foi pouco antes de o Rei Cornudo...

Gwydion deu-lhe um sorriso duro.

— Você tem olhos de coruja, para encontrar uma trilha ao anoitecer? Vamos dormir aqui e partiremos ao alvorecer. Com sorte, pode ser que eu consiga recuperá-la antes...

— E eu? — interrompeu Taran. — Hen Wen está sob minha responsabilidade. Eu deixei que ela fugisse e sou eu que tenho que encontrá-la.

— A missão é mais importante do que quem a executa

— disse Gwydion. — Não vou me deixar retardar por causa de um Porqueiro-Assistente que parece ansioso para se expor ao fracasso. — Ele se calou de repente e olhou ironicamente para Taran. — Pensando melhor, parece que vou. Se o Rei Cornudo está cavalgando para Caer Dallben, não posso mandá-lo de volta para lá sozinho e não ousaria ir com você e me arriscar a perder um dia de busca. Você não pode ficar nesta floresta sozinho. A menos que eu encontre alguma maneira...

— Eu juro que não vou atrapalhar — exclamou Taran.

— Deixe-me ir junto com o senhor. Dallben e Coll verão que quando quero sou capaz de ir até o fim de uma tarefa!

— E eu tenho outra escolha? — perguntou Gwydion.

— Parece-me, Taran de Caer Dallben, que seguiremos o mesmo caminho. Pelo menos por algum tempo.

O cavalo branco aproximou-se trotando e encostou o focinho na mão de Gwydion.

— Melyngar veio me recordar de que está na hora de comer— disse Gwydion. Ele retirou provisões do alforje. — Não acenda fogueira esta noite — advertiu. — Os batedores do Rei Cornudo podem estar por perto.

Taran fez uma refeição apressada. As emoções haviam lhe tirado o apetite e ele estava impaciente para que a manhã chegasse. O fermento ficara tão inchado e endurecido que ele não conseguia se acomodar entre as raízes e seixos. Nunca havia lhe ocorrido que um herói fosse dormir no chão.

Gwydion, alerta, montando guarda, estava sentado com os joelhos encolhidos contra o corpo, as costas apoiadas em um enorme olmo. A luz do crepúsculo que caía, Taran mal conseguia distinguir o homem da árvore, e teria sido capaz de andar até a um passo dele antes de se dar conta de que aquilo era mais do que uma escura mancha de sombra. Gwydion tinha mergulhado na própria floresta e somente seus olhos salpicados de verde brilhavam sob o reflexo da lua que acabara de subir.

Gwydion manteve-se silencioso e pensativo por muito tempo.

— Então você é Taran de Caer Dallben — disse finalmente. Sua voz vinda das sombras soava baixa, mas

tinha um tom insistente, ansioso. — Há quanto tempo mora com Dallben? De que família você vem, quem são seus parentes?

Taran, de cabeça baixa e ombros encolhidos contra uma raiz de árvore, puxou a capa para cobri-los melhor.

— Eu sempre morei em Caer Dallben — respondeu. — Não creio que tenha qualquer família. Não sei quem eram meus pais. Dallben nunca me contou. E acho — acrescentou, virando o rosto para o outro lado — que não sei nem quem eu sou.

— De certa maneira — respondeu Gwydion —, isto é uma coisa que todos nós temos que descobrir sozinhos. Nosso encontro foi afortunado — prosseguiu. — Graças a você, sei um pouco mais do que sabia antes, e você me poupou desperdiçar uma viagem até Caer Dallben. Isto faz com que eu me pergunte — continuou Gwydion, com uma risada que não foi indelicada —, será que o destino me reservou a sorte de ter um Porqueiro-Assistente para ser meu ajudante em minha busca? — Ele hesitou. — Ou — ponderou ele — será possível que talvez seja exatamente o inverso?

— O que está querendo dizer? — perguntou Taran.

— Não tenho certeza — respondeu Gwydion. — Não faz nenhuma diferença. Agora vá dormir, pois vamos acordar cedo amanhã.



CAPÍTULO III

Gurgi

Quando Taran acordou, Gwydion já tinha selado Melyngar. A capa com que Taran se cobrira para dormir estava úmida de orvalho. Todas as articulações de seu corpo doíam por ter dormido no chão duro. Obedecendo à insistência de Gwydion, Taran seguiu trôpego em direção ao cavalo, um borrão na luz rosa-acinzentada do amanhecer. Gwydion içou Taran pondo-o sentado na sela atrás dele, deu uma ordem em voz baixa, e o cavalo branco moveu-se rapidamente em meio à névoa que subia do solo.

Gwydion estava procurando o ponto onde Taran tinha visto Hen Wen pela última vez. Mas, muito antes de alcançá-lo, ele puxou as rédeas de Melyngar e desmontou. Enquanto Taran observava, Gwydion ajoelhou-se, baixou a cabeça e examinou a relva.

— Estamos com sorte — disse. — Creio que encontramos o rastro. — Gwydion apontou para um suave círculo de relva amassada. — Ela dormiu aqui, e não faz muito tempo. — Ele deu alguns passos adiante, examinando cada graveto quebrado e cada folha de relva.

Apesar do desapontamento de Taran ao descobrir Lorde Gwydion vestido com um gibão grosseiro e botas salpicadas de lama, agora seguia o homem com crescente admiração. Nada, observou Taran, escapava aos olhos de Gwydion. Como um esguio lobo cinzento, ele movia-se silenciosamente e com facilidade. Um pouco mais adiante,



Gwydion parou, levantou a cabeça de cabelos longos e desalinhados, estreitou os olhos em direção a uma serra distante.

— A trilha não está clara — comentou franzindo a testa. — Posso apenas imaginar que ela tenha descido a encosta.

— Com toda a floresta para correr— questionou Taran —, como podemos começara procurá-la? Ela poderia ter ido para qualquer lugar em Prydain.

— Não é bem assim — respondeu Gwydion. — Eu posso não saber para onde ela foi, mas posso ter certeza de para onde ela *não* foi. — Ele puxou uma faca do cinturão. — Venha, vou lhe mostrar.

Gwydion ajoelhou-se e rapidamente riscou linhas na terra.

— Estas são as Montanhas Águia — disse, com um tom saudoso na voz —, que ficam em minhas próprias terras do norte. Aqui, corre o Grande Avren. Veja só como ele vira para oeste antes de chegar ao mar. Podemos ter que atravessá-lo antes que nossa busca esteja terminada. E este aqui é o rio Ystrad. Seu vale segue rumo ao norte para Caer Dathyl.

— Mas veja só isto aqui — prosseguiu Gwydion, apontando para a esquerda da linha que havia traçado representando o rio Ystrad —, aqui fica o Monte Dragão e o domínio de Arawn. Hen Wen evitaria esta direção de qualquer maneira. Ela esteve prisioneira em Annvin por muito tempo: nunca se aventuraria a se aproximar de lá.

— Hen Wen esteve em Annvin? — perguntou Taran com surpresa. — Mas como...

— Há muito tempo — explicou Gwydion —, Hen Wen vivia entre a raça dos homens. Ela pertencia a um

fazendeiro que não tinha nenhuma idéia de seus poderes. E assim ela poderia ter passado seus dias como uma porca qualquer. Mas Arawn sabia que ela não tinha nada de comum, e que era tão valiosa que ele, pessoalmente, saiu a cavalo de Annuvin e a capturou. Que coisas pavorosas aconteceram enquanto esteve prisioneira de Arawn, é melhor não se falar.

— Pobre Hen! — comentou Taran. — Deve ter sido terrível para ela. Mas como conseguiu escapar?

— Ela não escapou — respondeu Gwydion. — Um guerreiro penetrou sozinho nas profundezas de Annuvin e a trouxe de volta em segurança.

— Isso foi realmente um feito de bravura! — exclamou Taran. — Quem me dera eu...

— Os bardos do norte ainda cantam em sua homenagem — disse Gwydion. — O seu nome nunca será esquecido.

— Quem era ele? — perguntou Taran. Gwydion olhou para Taran com curiosidade.

— Você não sabe? — perguntou. — Dallben foi negligente com sua educação. Foi Coll — declarou. — Coll, Filho de Collfrewr.

— Coll! — exclamou Taran. — Não o mesmo Coll...

— O mesmo — respondeu Gwydion.

— Mas... mas... — Taran gaguejou. — Coll? Um herói? Mas... mas ele é tão careca!

Gwydion deu uma gargalhada e sacudiu a cabeça.

— Porqueiro-Assistente — disse ele —, você tem idéias muito curiosas com relação a heróis. Eu nunca soube que a coragem fosse julgada pelo comprimento do ca-

belo de um homem. Nem, já que estamos falando nisso, pelo fato de ele não ter nenhum cabelo.

Envergonhado e decepcionado, Taran olhou atentamente para o mapa e não disse mais nada.

— Aqui — prosseguiu Gwydion —, não muito longe de Annuin, fica o Castelo Espiral. Também este lugar Hen Wen evitaria a todo custo. É a residência da Rainha Achren. Ela é tão perigosa quanto o próprio Arawn, tão malvada quanto bonita. Mas existem segredos com relação a Achren que é melhor não se contar.

— Tenho certeza — prosseguiu Gwydion — de que Hen Wen não irá na direção de Annuin nem do Castelo Espiral. Do pouco que pude ver, ela está correndo sempre em frente, em linha reta. Agora vamos tratar de andar depressa, vamos tentar descobrir seu rastro.

Gwydion virou Melyngar na direção da serra. Quando chegaram à base da encosta, Taran ouviu as águas do Grande Avren correndo rápidas como o vento numa tempestade de verão.

— Vamos ter que seguir a pé de novo — disse Gwydion. — As pegadas podem estar em algum lugar por aqui, de modo que é melhor irmos devagar e cuidadosamente. Mantenha-se atrás de mim e fique perto — ordenou. — Se começar a correr à minha frente, e você parece ter essa tendência, com suas pegadas vai apagar quaisquer sinais que ela possa ter deixado.

Taran, obedientemente, foi caminhando alguns passos mais atrás. Gwydion não fazia mais ruído que a sombra de um pássaro. Mesmo Melyngar andava silenciosamente; era raro que um graveto estalasse sob seus cascos. Por mais que tentasse, Taran não conseguia se mover tão silenciosamente. Quanto mais cuidadosamente tentava

fazê-lo, mais alto as folhas farfalhavam e estalavam. Onde quer que pusesse o pé, parecia haver um buraco ou um galho malvado para fazê-lo tropeçar. Até Melyngar virou a cabeça para lançar-lhe um olhar de censura.

Taran ficou tão absorvido com a preocupação de não fazer barulho que logo começou a se distanciar, ficando muito para trás de Gwydion. Na encosta, Taran teve a impressão de avistar algo redondo e branco. Ansiava ser o primeiro a encontrar Hen Wen e se encaminhou para aquele lado, escalou com dificuldade pela vegetação — e não encontrou nada além de um pedregulho.

Desapontado, Taran se apressou para alcançar Gwydion. Logo acima, os galhos farfalharam. Quando parou e olhou para o alto, alguma coisa caiu pesadamente atrás dele. Duas mãos cabeludas e fortes cerraram-se em tomo de sua garganta.

Fosse lá o que fosse que o agarrou, fazia ruídos semelhantes a latidos e roncoss. Taran conseguiu emitir um grito pedindo socorro. Lutou contra o oponente que não conseguia ver, retorcendo-se, golpeando com as pernas e jogando-se de um lado para o outro.

De repente, conseguiu respirar novamente. Um vulto voou por cima de sua cabeça e chocou-se com violência contra um tronco de árvore. Taran desabou no chão e começou a esfregar o pescoço. Gwydion estava de pé a seu lado. Esparramada debaixo da árvore estava a mais estranha das criaturas que Taran jamais havia visto. Não conseguia ter certeza nem se era um animal ou um ser humano. Concluiu que era as duas coisas. Os cabelos estavam tão desgrenhados e cobertos de folhas que pareciam um ninho de coruja precisando de uma boa limpeza.

Tinha braços compridos, magros, peludos, e um par de pernas tão flexíveis e imundas quanto as mãos.

Gwydion estava vigiando a criatura com uma expressão de severidade e aborrecimento.

— Então é você — disse ele. — Já lhe ordenei que não criasse impedimentos nem a mim nem a ninguém que estivesse sob minha proteção.

Diante disso, a criatura começou uma choradeira alta e sentida de dar pena, revirou os olhos e bateu no solo com as palmas das mãos.

— É só o Gurgi — explicou Gwydion. — Ele está sempre de tocaia por aí, à espreita num canto ou noutro. Não tem nem a metade da ferocidade que aparenta, nem um quarto da fúria e selvageria que gostaria de ter, e é mais uma amolação do que qualquer outra coisa. De alguma forma, consegue ver a maior parte das coisas que acontecem e talvez possa nos ajudar.

Taran tinha apenas começado a recuperar o fôlego. Estava coberto de cabelos caídos de Gurgi, além do odor desagradável de um cão de caça de lobos molhado.

— O poderoso príncipe — lamuriou-se a criatura —, Gurgi pede desculpas, e agora vai levar tabefes em sua pobre cabeça mimosa, dados pelas mãos fortes desse grande lorde que dá surras assustadoras. Sim, sim, é sempre assim que as coisas acontecem com o pobre Gurgi. Mas que honra é levar uma surra do maior dos guerreiros!

— Não tenho nenhuma intenção de dar tabefes em sua pobre cabeça mimosa — retrucou Gwydion. — Mas posso mudar de idéia, se você não parar com essa chora-deira e essas lamúrias.

— Sim, poderoso lorde! — exclamou Gurgi. — Veja só como Gurgi obedece rápida e imediatamente! —

Ele começou a engatinhar para a frente apoiado nas mãos e nos joelhos com grande agilidade. Se Gurgi tivesse rabo, Taran tinha certeza de que o teria abanado freneticamente.

— Então — suplicou Gurgi —, os dois heróis cheios de força darão a Gurgi alguma coisa para comer? Ah! Que alegria é mastigar e mastigar bem alto lambiscos e petiscos!

— Depois — respondeu Gwydion. — Quando tiver respondido a nossas perguntas.

— Ah, depois! — exclamou Gurgi. — O pobre Gurgi não pode esperar muito, muito tempo para comer lambiscos e petiscos. Daqui a muitos anos, quando os grandes príncipes se regalarem em seus salões de banquetes, e que banquetes, vão se lembrar do infeliz Gurgi, faminto, esperando por eles.

— Quanto tempo você vai esperar para comer seus lambiscos e petiscos — declarou Gwydion —, depende da rapidez com que nos disser o que queremos saber. Você viu uma porca branca esta manhã?

Uma expressão matreira faiscou nos olhinhos apertados de Gurgi.

— A procura de uma porquinha, há muitos grandes lordes a cavalgar pela floresta com gritos de arrepiar. Eles não seriam cruéis de deixar Gurgi passar fome, oh, não, eles lhe dariam de comer...

— Eles cortariam sua cabeça fora, arrancando-a de seus ombros, antes que você pudesse pensar duas vezes nisso — retrucou Gwydion. — Um deles usava uma máscara de cornos?

— Sim, sim! — exclamou Gurgi. — Os grandes cornos! O senhor salvará o infeliz Gurgi de cutiladas mal-

vadas! — Ele começou a dar uivos terríveis e prolongados.

— Estou perdendo a paciência com você — advertiu Gwydion. — Onde está a porca?

— Gurgi ouviu esses poderosos cavaleiros — prosseguiu a criatura. — Ah, sim, com escutas bem cuidadas lá do alto dos galhos. Gurgi é tão silencioso e esperto, ninguém se importa com ele. Mas ele escuta! Esses grandes guerreiros dizem que foram até certo lugar para procurar, mas que um grande incêndio os impediu de chegar. Não estão nada satisfeitos e, com brados e cavalos, ainda estão a procurar a porquinha.

— Gurgi — disse Gwydion em tom muito firme —, onde está a porca?

— A porquinha? Ah, uma fome terrível ataca! Gurgi não consegue se lembrar. Tinha uma porquinha? Gurgi está desmaiando e em cima das moitas desabando, por causa da pança vazia, sua pobre cabeça mimosa está cheia de ar. Taran não conseguiu mais controlar a impaciência.

— Onde está Hen Wen, sua coisa idiota e cabeluda? — explodiu. — Diga-nos agora, imediatamente! Depois da maneira como você me atacou, merece levar uns bons tabefes na cabeça.

Com um gemido, Gurgi desabou no chão, rolou sobre as costas e cobriu o rosto com as mãos.

Gwydion virou-se com uma expressão zangada para Taran.

— Se você tivesse seguido minhas instruções, não teria sido atacado. Deixe que eu cuide dele. Não faça com que fique ainda mais assustado do que já está. — Gwydion baixou o olhar para Gurgi. — Agora vamos lá. Onde está ela? — perguntou calmamente.

— Oh, ira temível! — fungou Gurgi. — Uma porquinha atravessou a água com nadadas e chapinhadas. — Ele sentou-se ereto e acenou com um braço peludo na direção do Grande Avren.

— Se estiver mentindo para mim — advertiu Gwydion —, logo vou descobrir. Então pode estar certo de que vou voltar cheio de ira.

— Agora lambiscos e petiscos, poderoso príncipe? — perguntou Gurgi com um pequeno soluço agudo.

— Como prometi a você — respondeu Gwydion.

— Gurgi quer o menor para mastigar — disse a criatura, lançando um faiscante olhar cobiçoso para Taran.

— Não, você não quer — retrucou Gwydion. — Ele é um Porqueiro-Assistente e faria um mal terrível ao seu estômago. — Desafivelou o alforje e retirou algumas tiras de carne seca, que atirou para Gurgi. — Agora, trate de ir. Lembre-se, não quero mais nenhuma travessura sua.

Gurgi agarrou a comida, enfiou-a entre os dentes e subiu com passos curtos e rápidos pelo tronco de uma árvore, depois saiu saltando de árvore em árvore até sumir de vista.

— Que animal nojento — comentou Taran. — Que criatura má, perversa...

— Ah, ele não é mau de coração — respondeu Gwydion. — Adoraria ser malvado e apavorante, porém simplesmente não consegue. Vive tão cheio de pena de si mesmo que é difícil não se irritar e não se zangar com ele. Mas não adianta nada fazer isso.

— Ele estava contando a verdade sobre Hen Wen? — perguntou Taran.

— Acho que estava — respondeu Gwydion. — Aconteceu o que eu temia. O Rei Cornudo cavalgou até Caer Dallben.

— Ele incendiou Caer Dallben! — exclamou Taran. Até aquele momento, havia se preocupado muito pouco com seu lar. Uma imagem do chalé branco em chamas, recordações da barba branca de Dallben e da cabeça careca do heróico Coll simultaneamente, dominaram sua mente, emocionando-o. — Dallben e Coll estão em perigo!

— E claro que não — declarou Gwydion. — Dallben é uma velha raposa. Nem um besouro poderia se esgueirar para dentro de Caer Dallben sem que ele tivesse conhecimento. Não, tenho certeza de que o incêndio foi uma surpresa preparada por Dallben para os visitantes inesperados.

— Hen Wen é quem está correndo maior perigo. Nossa busca agora tornou-se mais urgente do que nunca—, prosseguiu Gwydion, apressadamente. — O Rei Cornudo sabe que ela fugiu. Ele vai persegui-la.

— Então — exclamou Taran —, temos que encontrá-la antes dele!

— Porqueiro-Assistente — disse Gwydion enfaticamente —, esta, até agora, foi sua única sugestão sensata.

Os Guidaintes

Melyngar os transportou rapidamente através da orla de árvores que se alinhavam nas margens em declive do Grande Avren. Eles desmontaram e velozes seguiram a pé na direção que Gurgi havia indicado. Perto de uma rocha dentada, Gwydion parou e deu um grito de triunfo. Em um pequeno trecho de argila, as pegadas de Hen Wen estavam tão claramente visíveis quanto se tivessem sido entalhadas.

— Bom trabalho, Gurgi! — exclamou Gwydion. — Espero que ele aprecie bastante mastigar seus petiscos e lambiscos! Se soubesse que ele nos guiaria tão bem, teria lhe dado uma porção a mais.

— Sim, ela atravessou aqui — prosseguiu ele — e nós faremos o mesmo.

Gwydion conduziu Melyngar adiante. O ar de repente havia se tornado frio e pesado. O inquieto Avren corria cinzento, recortado por riscas brancas. Agarrando-se à sela de Melyngar, Taran foi se afastando cautelosamente da margem.

Gwydion seguiu em passadas largas, diretamente para dentro da água. Taran, pensando que seria mais fácil se molhar um pouquinho de cada vez, foi ficando para trás tanto quanto pôde — até que Melyngar saltou para a frente carregando-o consigo. Os seus pés buscaram o fundo do rio, ele tropeçou e se debateu na água, enquanto ondas geladas batiam até a altura de seu pescoço. A cor-



renteza tomou-se mais forte, enroscando-se como uma serpente cinzenta ao redor das pernas de Taran. O leito do rio ficou profundo com um declive brusco; Taran perdeu o pé e viu-se dançando freneticamente sobre o nada, enquanto o rio o capturava vorazmente.

Melyngar começou a nadar, suas patas vigorosas mantinham-na flutuando e em movimento, mas a correnteza a fez girar. A égua colidiu com Taran e o empurrou para baixo d'água.

— Largue a sela! — gritou Gwydion, fazendo-se ouvir acima do ruído das águas. — Nade para longe dela!

A água encheu as orelhas e as narinas de Taran. A cada arquejar, o rio inundava-lhe os pulmões. Gwydion saiu atrás dele e logo o alcançou, agarrando-o pelos cabelos e puxando-o em direção aos baixios. Levantou Taran, tossindo e ensopado, para a margem. Melyngar, alcançando terra um pouco mais acima, veio trotando juntar-se a eles.

Gwydion lançou um olhar cortante para Taran.

— Eu disse a você para nadar para longe dela. Por acaso todos os Porqueiros-Assistentes são surdos além de teimosos?

— Eu não sei nadar! — exclamou Taran, os dentes batendo violentamente de frio.

— Então porque não disse isso antes de começarmos a travessia? — perguntou Gwydion furioso.

— Tinha certeza de que podia aprender — protestou Taran —, assim que começasse a fazê-lo. Se Melyngar não tivesse sentado em cima de mim...

— Você precisa aprender a assumir a responsabilidade por suas tolices — sentenciou Gwydion. — Quanto a Melyngar, ela hoje é muito mais sábia e sensata do que

você algum dia pode ter esperanças de vir a se tornar, mesmo se viver o bastante para se tornar homem, algo que me parece cada vez mais improvável.

Gwydion subiu na sela e puxou Taran para cima, ensopado, sujo e molhado até os ossos. Os cascos de Melyngar estalavam ao bater sobre as pedras. Taran, fungando e tremendo, olhou para as colinas que os esperavam. Lá no alto, destacando-se contra o azul do céu, três formas aladas giraram e planaram.

Gwydion, cujos olhos estavam em toda parte ao mesmo tempo, avistou-as imediatamente.

— Guidaintes! — exclamou e virou Melyngar bruscamente para a direita. A abrupta mudança de direção e a explosão ondulante de velocidade de Melyngar desequilibraram Taran. Suas pernas foram atiradas para o alto e ele aterrissou, de costas e com o traseiro, na margem coberta de seixos.

Gwydion, imediatamente, puxou as rédeas de Melyngar. Enquanto Taran lutava para se levantar, Gwydion o agarrou como uma saca de carne e o ergueu atravessado sobre o dorso de Melyngar. Os guidaintes que, vistos de longe, haviam parecido mais como folhas secas ao vento, foram se tornando maiores e maiores, à medida que mergulhavam em direção ao cavalo e aos cavaleiros. Arremeteram descendo rápido para o ataque, as grandes asas pretas impelindo-os a uma velocidade cada vez maior. Melyngar subiu num tropel pela margem do rio. Os guidaintes gritaram com estridência.

Ao chegar à fileira de árvores, Gwydion empurrou Taran para fora da sela e desmontou de um salto. Arrastando-o consigo, Gwydion atirou-se na terra sob os galhos de amplas ramagens de um carvalho.

As asas brilhantes bateram contra a folhagem. De relance, Taran viu bicos curvados e garras impiedosas como punhais. Ele gritou de medo e escondeu o rosto, enquanto os guidaintes faziam meia-volta, subiam e arremetiam de novo. As folhas chocalharam com a sua passagem. As criaturas giraram e novamente alçaram vôo, mantendo-se paradas, indecisas, planando contra o céu por um instante, depois ganharam altura rapidamente e voaram velozes para o oeste.

Pálido e tremendo, Taran se aventurou a levantar a cabeça. Gwydion caminhou até a margem do rio e ficou observando o vôo dos guidaintes. Taran aproximou-se de seu companheiro.

— Eu esperava que isto não acontecesse — disse Gwydion. Seu rosto estava fechado e sério. — Até agora, tinha conseguido evitá-los.

Taran não disse nada. Desajeitadamente, havia caído de Melyngar justo no momento em que a velocidade era mais importante; debaixo do carvalho, havia se comportado como uma criança. Esperou pela repreensão de Gwydion, mas os olhos do guerreiro seguiram os minúsculos pontos escuros.

— Mais cedo ou mais tarde eles teriam nos encontrado — observou Gwydion. — São os espiões e os mensageiros de Arawn, os Olhos de Annuin, é assim que são chamados. Ninguém consegue se esconder deles por muito tempo. Temos sorte de que estivessem apenas fazendo reconhecimento e não numa caçada sangrenta. — Ele se virou quando os guidaintes afinal desapareceram. — Agora, voarão para suas gaiolas de ferro em Annuin — disse ele. — Arawn em pessoa terá notícias nossas antes que este dia acabe. E não vai perder tempo.

— Se pelo menos eles não tivessem nos visto.

— Não adianta se lamentar pelo que já aconteceu — disse Gwydion, enquanto eles se punham a caminho de novo,

— De qualquer maneira, Arawn acabaria sabendo que estamos por aqui. Não tenho dúvida de que ele soube no instante em que saí de Caer Dathyl. Os guidaintes não são seus únicos criados.

— Eu creio que eles devem ser os piores — disse Taran, apressando o passo para acompanhar Gwydion.

Longe disso — declarou Gwydion. — A principal tarefa dos guidaintes não é tanto matar e sim trazer informações. Ao longo de gerações eles foram treinados para isso. Arawn compreende a sua língua, e os guidaintes são controlados por ele, a partir do momento em que saem do ovo. Mas a despeito disso são criaturas de carne e osso, e uma espada pode acabar com eles.

— Existem outros para os quais uma espada não significa nada — prosseguiu Gwydion. — Dentre eles, os Nascidos do Caldeirão, que servem Arawn como guerreiros.

— Eles não são homens? — perguntou Taran.

— Eles foram, outrora — respondeu Gwydion. — São os mortos cujos corpos Arawn rouba de sua última morada nos grandes dólmenes³. Dizem que ele os põe numa infusão em um caldeirão para dar-lhes vida novamente, se é que isso pode ser chamado de vida. Como mortos, estão para sempre condenados ao silêncio; e o seu

³ Monumento neolítico, druídico, formado de uma grande pedra chata horizontal, posta sobre duas outras verticais, considerado como túmulo. [N. da T.]

único pensamento é trazer outros para a mesma escravidão.

— Arawn os mantém como seus guardiões em Annuvin — prosseguiu Gwydion —, pois a força deles vai minguando quanto mais tempo passarem longe e mais distantes estiverem de seu senhor. Contudo, de vez em quando Arawn envia alguns escolhidos para fora de Annuvin para realizarem as tarefas mais cruéis.

“Esses Nascidos do Caldeirão são absolutamente desprovidos de misericórdia ou piedade, pois Arawn lhes fez um mal ainda maior. Destruíu a memória que tinham de si mesmos quando homens vivos. Eles não têm nenhuma recordação de lágrimas ou riso, de sofrimento ou carinhosa gentileza. Dentre todos os feitos de Arawn, este é um dos mais cruéis.”

Depois de muito procurar, Gwydion mais uma vez descobriu os rastros de Hen Wen. Conduziam a um campo estéril, depois seguiam para um desfiladeiro não muito profundo.

— E aqui eles param — comentou Gwydion, franzindo a testa. — Mesmo em terreno rochoso deveria haver algum vestígio, mas não consigo ver nada.

Lenta e meticulosamente, ele percorreu o terreno em várias direções, dos dois lados do desfiladeiro. Taran, exausto e desanimado, mal conseguia se obrigar a pôr um pé diante do outro e sentiu-se aliviado quando o crepúsculo obrigou Gwydion a interromper a busca.

Gwydion amarrou Melyngar numa moita. Taran deixou-se cair sentado no chão e descansou a cabeça nas mãos.

— Ela desapareceu de repente demais, sem deixar nenhum vestígio — comentou Gwydion, trazendo provi-

sões do alforje. — Muitas coisas podem ter acontecido. Dispomos de muito pouco tempo para avaliar cada uma.

— Então o que podemos fazer? — perguntou Taran, dominado pelo medo. — Não há nenhuma maneira de encontrá-la?

— A busca mais garantida nem sempre é a mais curta — respondeu Gwydion —, e pode ser que precisemos do auxílio de outras pessoas antes que isto esteja feito. Há um habitante muito antigo nos contrafortes das Montanhas Águia. O nome dele é Medwyn, e dizem que conhece os corações e costumes de todas as criaturas em Prydain. Se alguém souber onde Hen Wen pode estar escondida, é ele.

— Se pudéssemos encontrá-lo — Taran começou a dizer.

— Você está certo ao dizer “se” — respondeu Gwydion.

— Eu nunca o vi. Outros já o procuraram e não encontraram. Não devemos alimentar grandes esperanças. Mas ter uma pequena esperança é melhor que não ter nenhuma.

O vento havia começado a soprar, sussurrando entre os negros grupos de árvores. De longe soou o latido grave, solitário, de cães de caça. Gwydion sentou-se muito ereto, tenso como uma corda de arco.

— Será que é o Rei Cornudo? — alarmou-se Taran. — Será que ele nos seguiu tão de perto?

Gwydion fez que não com a cabeça. — Não existem cães de caça que dêem esse tipo de bramido, exceto na matilha de Gwyn, o Caçador. E isso quer dizer — refletiu ele — que Gwyn também cavalga longe de casa.

— Ele também é servo de Arawn? — perguntou Taran, a voz aflita traindo sua ansiedade.

— Gwyn é súdito fiel de um lorde que até eu desconheço — respondeu Gwydion —, e talvez um que seja mais poderoso que Arawn. Gwyn, o Caçador, cavalga sozinho com seus cães de caça e, por onde ele passa, segue-se um massacre. Ele é capaz de predizer mortes e batalhas e observa de longe, marcando a queda dos guerreiros.

Mais altas que o uivar da matilha elevaram-se as notas longas e límpidas de uma trompa de caça. Lançado aos céus, o som trespassou o peito de Taran como uma lâmina gelada de terror. Contudo, ao contrário da música propriamente dita, os ecos vindos das montanhas não cantavam tanto o medo e sim a tristeza de uma perda. A medida que iam se apagando, suspiravam que a luz do sol e o cantar dos pássaros, as manhãs claras, o calor de fogueiras, de comidas e bebidas, da amizade e de todas as coisas boas haviam se perdido sem possibilidade de recuperação. Gwydion pôs a mão com firmeza sobre a testa de Taran.

— A música de Gwyn é uma advertência — disse Gwydion. — Considere-a como uma advertência, para qualquer proveito que esse conhecimento possa lhe trazer. Mas não fique escutando muito os ecos. Outros já fizeram isso e ficaram vagando sem rumo, desesperados, desde então.

Um relinchar de Melyngar interrompeu o sono de Taran. Enquanto Gwydion se levantava e ia para junto dela, Taran vislumbrou uma sombra dardejar atrás de um espinheiro. Ficou alerta rapidamente. Gwydion estava de costas. Sob a luz clara do luar, a sombra se moveu novamente. Esforçando-se para controlar o medo, Taran levantou-se de um salto e mergulhou na vegetação rasteira.

Os espinhos o arranharam. Ele aterrissou sobre alguma coisa que lutou e se debateu freneticamente. Taran golpeou e agarrou alguma coisa que parecia a cabeça de alguém, e o odor desagradável e inconfundível de cão de caça de lobos molhado incomodou suas narinas.

— Gurgi! — gritou Taran enfurecido. — Seu covarde traçoeiro... — A criatura se enrascou numa bola desajeitada, enquanto Taran começava a sacudi-la.

— Chega, agora basta! — gritou Gwydion. — Não apavore mais o pobre-coitado!

— Então, da próxima vez, salve sua própria vida! — Taran rebateu Gwydion em tom furioso, enquanto Gurgi começava a uivar o mais alto que podia. — Eu devia saber que um grande líder de guerra não precisa da ajuda de um Porqueiro-Assistente!

— Ao contrário de Porqueiros-Assistentes — disse Gwydion, com gentileza —, não desprezo a ajuda de ninguém. E você deveria saber que não se deve saltar em arbustos de espinheiro sem antes ter certeza do que se vai encontrar. Guarde essa raiva para ser empregada em um propósito melhor... — Ele hesitou e olhou cautelosamente para Taran. — Ora veja, creio que você realmente pensou que minha vida estivesse em perigo.

— Se eu soubesse que era só aquele tolo, o idiota do Gurgi...

— O fato é que não sabia — declarou Gwydion. — De modo que darei ao feito o valor da intenção. Você pode ser muitas outras coisas, Taran de Caer Dallben, mas vejo que não é nenhum covarde. Ofereço-lhe meus agradecimentos — acrescentou, fazendo uma profunda mesura.

— E para o pobre Gurgi? — uivou a criatura. — Nenhum agradecimento para ele, ah, não, só tabefes do grande lorde! Nem mesmo um pequeno lambisco e petisco por ajudar a encontrar uma porquinha!

— Não encontramos porquinha alguma — respondeu Taran furioso. — E se quiser saber, para mim você sabe coisas demais sobre o Rei Cornudo. Não ficaria nada surpreso se tiver ido procurá-lo para contar-lhe...

— Não, não! O lorde dos grandes cornos persegue o esperto e infeliz Gurgi com grandes saltadas e galopadas. Gurgi tem medo de terríveis bofetadas e pancadas. Ele segue os bondosos e poderosos protetores. O fiel Gurgi nunca os deixará, nunca!

— E que foi feito do Rei Cornudo? — perguntou Gwydion rapidamente.

— Ah, está muito zangado — lamentou-se Gurgi. — Os lordes malvados cavalgam resmungando e reclamando porque não conseguem encontrar uma porquinha.

— Onde estão eles agora? — perguntou Gwydion.

— Nada longe. Atravessaram a água, mas só o esperto Gurgi, que nenhum agradecimento recebeu, sabe onde. E eles acendem fogueiras com labaredas assustadoras.

— Pode nos guiar até onde estão? — perguntou Gwydion. — Gostaria de descobrir quais são seus planos.

Gurgi choramingou em tom de pergunta.

— Vou ganhar lambiscos e petiscos?

— Sabia que ele acabaria por chegar nisso — comentou Taran.

Gwydion selou Melyngar e, mantendo-se escondidos nas sombras, eles partiram rumo às montanhas iluminadas pelo luar. Gurgi os conduziu, galopando na diantei-

ra, curvado para a frente com os braços compridos balançando. Atravessaram um vale muito profundo e depois outro, antes que Gurgi parasse no alto da cadeia de montanhas. Lá embaixo, a ampla planície fulgurava iluminada por tochas e Taran viu um grande círculo de chamas.

— Agora, lambiscos e petiscos? — sugeriu Gurgi. Sem lhe dar atenção, Gwydion fez sinal para que todos eles descessem a encosta. Não havia necessidade de se moverem em silêncio. O som surdo e forte do rufar de tambores ecoava com insistência pela planície fervilhante. Cavalos relinchavam, ouviam-se gritos de homens e o clangor de armas. Gwydion agachou-se em meio às grandes samambaias, observando tudo atentamente. Ao redor do círculo fulgurante, guerreiros sobre altas andas⁴ batiam as espadas erguidas contra os escudos.

— O que são esses homens? — sussurrou Taran. — E os cestos de vime pendurados nas estacas?

— Eles são os Orgulhosos Andantes — respondeu Gwydion —, executando uma dança de batalha, um antiqüíssimo ritual de guerra, da época em que os homens não eram mais que selvagens. Os cestos... são um outro costume muito antigo que é melhor que permaneça esquecido.

— Mas olhe ali! — exclamou Gwydion, de repente. — O Rei Cornudo! E ali — exclamou, apontando para as colunas de cavaleiros —, vejo os estandartes dos Cantreves Rheged! Os estandartes de Dau Gleddyn e de Mawr! Todos os cantreves do sul! Sim, agora eu compreendo!

⁴ Pernas-de-pau de tamanho menor, com estribos para apoiar os pés. [N. da T.]

Antes que Gwydion pudesse falar de novo, o Rei Cornudo, empunhando uma tocha, cavalcou até os cestos de vime e ateou fogo neles. As chamas lamberam as jaulas de vimeiro e fétidos rolos de fumaça subiram em direção ao céu. Os guerreiros bateram nos escudos e gritaram todos, em uníssono. Dos cestos erguiam-se gritos medonhos e desesperados de homens. Taran arquejou e deu as costas para a cena.

— Já vimos o bastante, agora vamos — ordenou Gwydion. — Depressa, vamos tratar de sair daqui.

A alvorada já havia clareado quando Gwydion fez uma parada na beira de um campo estéril. Até aquele momento, não tinha dito uma palavra. Até Gurgi se mantivera em silêncio, os olhos arregalados de terror.

Aquilo faz parte do que vim de tão longe para descobrir — disse Gwydion. Seu rosto estava sombrio e pálido.

— Arawn agora ousa tentar a força de armas, com o Rei Cornudo como seu líder de guerra. O Rei Cornudo reuniu um exército poderoso e seus homens marcharão contra nós. Os Filhos de Don estão muito mal preparados para enfrentar um inimigo tão poderoso. Precisam ser avisados do perigo. Eu preciso voltar para Caer Dathyl imediatamente.

De um canto da floresta, cinco guerreiros montados saíram a meio galope e entraram no campo. Taran se levantou de um salto. O primeiro guerreiro esporeou o cavalo para fazê-lo trotar. Melyngar relinchou com estridência. Os guerreiros desembainharam as espadas.

A Espada Quebrada

Gurgi fugiu correndo, ganindo de terror. Gwydion estava ao lado de Taran quando o primeiro cavaleiro os atacou. Com um gesto rápido, Gwydion enfiou a mão no gibão e tirou a rede de relva. De repente, os talos murchos tornaram-se maiores, mais longos, tremeluzindo e crepitando, quase cegando Taran com seu riscado de chama líquida. O cavaleiro levantou a espada. Com um grito, Gwydion arremessou a malha ofuscante no seu rosto. Com gritos agudos, ele deixou cair sua espada e unhou o ar. Despencou da sela com a rede cobrindo-lhe o corpo e colada como uma enorme teia de aranha.

Gwydion arrastou Taran, que estava estarelecido de espanto, para junto de um freixo e, do cinto, puxou a faca de caça que enfiou na mão de Taran.

— Esta é a única arma que tenho de sobra — disse em voz alta. — Use-a tão bem quanto puder.

Dando as costas para a árvore, Gwydion encarou os quatro guerreiros restantes. A grande espada girou no ar em um círculo reluzente, a lâmina faiscante zuniu acima da cabeça de Gwydion. Os atacantes arremeteram contra eles. Um cavalo empinou. Para Taran havia apenas uma visão de cascos mergulhando em direção a seu rosto. O cavaleiro deu um golpe cortante em direção à cabeça de Taran, fez uma meia-volta ligeira e golpeou novamente. Às cegas, Taran atacou com a faca. Gritando de raiva e de



dor, o cavaleiro agarrou a perna e fez o cavalo girar se afastando.

Não havia sinal de Gurgi, mas uma faixa branca atravessava o campo a toda a velocidade. Então Melyngar também entrou na briga. Com a crina dourada esvoaçando, a égua branca relinchou assustadoramente e arremessou-se entre os cavaleiros. Seus flancos poderosos colidiram contra eles, empurrando-os, impedindo seus movimentos, enquanto os cavalos de batalha do grupo de combatentes reviravam os olhos em pânico. Um guerreiro puxou as rédeas freneticamente, tentando desviar sua montaria. O animal deixou-se cair sobre os quartos traseiros. Melyngar empinou, erguendo-se em toda a sua altura; as patas dianteiras golpearam com violência o ar e seus cascos cortantes acertaram o cavaleiro, que pesadamente tombou no chão. Melyngar girou sobre as patas, pisoteando o cavaleiro apavorado, encolhido no solo.

Os três guerreiros montados abriram caminho à força, enfrentando a égua furiosa. Junto ao freixo, a espada de Gwydion retinia, zunia e clangorava em meio às folhas. Suas pernas pareciam enraizadas na terra; o choque dos cavaleiros galopantes não conseguia arrancá-lo dali. Seus olhos brilhavam com uma luz terrível.

— Agüente firme só mais um pouquinho — gritou ele para Taran. A espada assobiou, um cavaleiro deu um grito sufocado. O outro não deu seguimento ao ataque, deixou-se ficar para trás por um momento.

O som de cascos ressoou na campina. No mesmo instante em que os atacantes haviam começado a recuar, mais dois cavaleiros avançaram a galope. Bruscamente puxaram as rédeas dos cavalos, desmontaram, sem hesitação, e correram rapidamente para Gwydion. Seus rostos

eram pálidos; os olhos duros como pedras. Pesadas faixas de bronze cercavam-lhes a cintura e, desses cinturões, pendiam as tiras negras de chicotes. Botões de bronze cravejavam os plastrões que cobriam-lhes o peito. Não traziam escudo nem usavam capacete. As bocas pareciam congeladas no esgar medonho da morte.

A espada de Gwydion ergueu-se faiscando mais uma vez.

— Fuga! — gritou ele para Taran. — Estes são os Nascidos do Caldeirão! Pegue Melyngar e vá embora daqui!

Taran posicionou-se mais firmemente contra o freixo e levantou a faca. Um instante depois, os Nascidos do Caldeirão caíram em cima deles.

Para Taran, o horror que latejava em seu íntimo como um bater de asas negras vinha não das feições lívidas dos guerreiros do Caldeirão nem de seus olhos baços, mas sim de seu silêncio espectral. Os homens mudos brandiram as espadas, o metal rangeu contra o metal. Os cavaleiros implacáveis golpearam e golpearam sem parar. A espada de Gwydion saltou, quebrando a guarda de um oponente e penetrou profundamente em seu coração. Não saiu nenhum sangue quando Gwydion puxou a arma para fora: o Nascido do Caldeirão se sacudiu uma vez sem sequer contrair o rosto e partiu para novo ataque.

Gwydion manteve-se firme como um lobo encurralado, os olhos verdes faiscando, os dentes arreganhados. As espadas dos Nascidos do Caldeirão avançaram contra a guarda de Gwydion. Taran golpeou um dos guerreiros lívidos; a ponta de uma espada cortou-lhe o braço e atirou a pequena faca longe em meio às samambaias.

O sangue escorria pela face de Gwydion: um golpe certo infelizmente lhe abrira um corte na maçã do rosto e na testa. Numa ocasião, sua espada vacilou e um Nascido do Caldeirão deu uma estocada para a frente buscando seu peito. Gwydion girou, levando o golpe no flanco. Os pálidos guerreiros redobram o ataque.

A cabeça majestosa, de longos cabelos desalinha- dos, abaixou-se, enquanto Gwydion cambaleava para a frente. Com um grito poderoso, ele deu uma estocada, então tombou sobre um joelho. Com a força que se esvaía, lutou para tomar a levantar a espada. Os Nascidos do Caldeirão descartaram suas armas, agarraram-no, atiraram-no no chão e rapidamente amarraram-no.

Então os outros guerreiros se aproximaram. Um agarrou Taran pela garganta, o outro amarrou-lhe as mãos atrás das costas. Taran foi arrastado até Melyngar e atirado sobre seu dorso, onde ficou deitado lado a lado com Gwydion.

— Você está muito ferido? — perguntou Gwydion, esforçando-se para levantar a cabeça.

— Não — respondeu Taran —, mas seu ferimento é grave.

— Não é o ferimento que me preocupa — disse Gwydion com um sorriso amargo. — Já sofri piores e sobrevivi. Por que você não fugiu, como mandei? Eu sabia que era impotente contra os Nascidos do Caldeirão, mas poderia ter agüentado e resistido mais um pouco por você. Contudo, lutou muito bem Taran de Caer Dallben.

— O senhor é mais que um líder de guerra — sussurrou Taran. Por que me esconde a verdade? Eu me lembro da rede de relva que teceu antes de atravessarmos

o Avran. Mas em suas mãos, hoje, não foi relva o que eu vi.

— Eu sou o que lhe disse que era. O punhado de relva, sim, é um pouco mais que isso. Foi Dallben pessoalmente quem me ensinou a usá-lo.

— O senhor também é um feiticeiro!

— Tenho certos conhecimentos de magia. Infelizmente, não são grandes o suficiente para me defender contra os poderes de Arawn. Hoje — acrescentou ele —, não foram suficientes para defender um bravo companheiro.

Um dos Nascidos do Caldeirão esporeou o cavalo pondo-se ao lado de Melyngar. Arrancando o chicote do cinto, golpeou brutalmente os prisioneiros.

— Não diga mais nada — sussurrou Gwydion. — Só vai lhe trazer sofrimento. Se não voltarmos a nos encontrar, adeus.

O grupo cavalgou por muito tempo sem fazer uma parada. Durante a travessia das águas rasas do rio Ystrad, os Nascidos do Caldeirão cerraram fileiras dos dois lados dos prisioneiros. Taran só ousou falar com Gwydion uma vez, mas o chicote calou suas palavras. A garganta de Taran estava ressecada, ondas de tonteira ameaçavam afogá-lo. Não conseguia ter muita certeza de quanto tempo tinham cavalgado, pois com frequência caía na inconsciência, dominado por sonhos febris. O sol ainda estava alto, e Taran teve uma vaga impressão de chegarem a um morro, com uma grande fortaleza cinzenta que se avolumou em sua crista. Os cascos de Melyngar ressoaram ao bater contra as pedras, como se um pátio tivesse se aberto diante deles. Mãos ásperas puxaram-no do dorso de Melyngar e empurraram-no, aos tropeções, por um corredor com teto

em arco. Gwydion foi semi-arrastado, semi carregado à sua frente. Taran tentou alcançar seu companheiro, mas o chicote do Nascido do Caldeirão o fez cair de joelhos. Um guarda tornou a botá-lo de pé e acertou-lhe um chute empurrando-o para a frente.

Finalmente, os prisioneiros foram conduzidos a uma espaçosa câmara do conselho. As tochas bruxuleavam de paredes recobertas de tapeçarias escarlates. Lá fora, estivera claro, plena luz do dia; ali dentro, no grande salão sem janelas, o frio e a umidade da noite subiam das grandes lajes como se fossem neblina. No fundo do salão, sentada em um trono entalhado em madeira negra, havia uma mulher. Seus cabelos reluziam prateados. Seu rosto era jovem e bonito, a pele clara parecia ainda mais branca, contrastando com o manto carmesim. Colares adornados com jóias pendiam de seu pescoço, braceletes cravejados de pedras preciosas cingiam-lhe os pulsos e anéis pesados rebrilhavam sob a luz bruxuleante das tochas. A espada de Gwydion estava diante de seus pés.

A mulher levantou-se rapidamente.

— Que vergonha para minha casa é esta? — gritou para os guerreiros. — Os ferimentos desses homens são recentes e não foram tratados. Alguém terá que responder por esta negligência! E este rapaz mal consegue se agüentar de pé. — Ela bateu palmas. — Tragam comida e vinho e medicamentos para tratar os feridos.

Ela virou-se de novo para Taran.

— Pobre menino — disse com um sorriso pesaroso —, lastimáveis maldades foram cometidas hoje. — Ela tocou no ferimento dele com a mão macia e pálida. Com a pressão de seus dedos, um calor confortador encheu o corpo dolorido de Taran. Em vez de dor, uma deliciosa

sensação de repouso apoderou-se dele, repouso como se lembrava de dias havia muito esquecidos em Caer Dallben, a cama quente e gostosa de sua infância, as tardes modorrentas de verão. — Como veio parar aqui? — perguntou ela em voz baixa.

— Atravessamos o Grande Avren — Taran começou a contar. — Sabe, o que havia acontecido...

— Silêncio! — elevou-se a voz de Gwydion. — Ela é Achren! Prepara uma armadilha para você!

Taran prendeu a respiração. Por um instante, não conseguiu acreditar que tamanha beleza escondesse o mal a respeito do qual havia sido advertido. Não teria Gwydion confundido a mulher? Apesar disso, apertou os lábios, cerrando-os.

Com surpresa, a mulher virou-se para Gwydion.

— Não é nenhuma cortesia me acusar desta maneira. Seu ferimento é uma desculpa para sua conduta, mas não há motivo para raiva. Quem é o senhor? Por que o senhor...

Os olhos de Gwydion faiscaram.

— Me conhece tão bem quanto eu a conheço, Achren! — Ele cuspiu o nome pelos lábios ensangüentados.

— Ouvi dizer que Lorde Gwydion estava viajando por meu reino. Além disso...

— Arawn enviou seus guerreiros para nos matar — exclamou Gwydion —, e aqui estão eles em sua câmara do conselho. Diz que não sabe de mais nada?

— Arawn enviou guerreiros para encontrá-los, não para matá-los — respondeu Achren —, caso contrário não estariam vivos neste momento. Agora que o vejo cara a cara — continuou ela, os olhos cravados em Gwydion —, fico feliz que tal homem não esteja vendo sua vida se

esvair em sangue numa vala. Pois existem muitas coisas a respeito das quais precisamos discutir, muitas coisas das quais poderá tirar proveito.

— Se quer tratar comigo — argumentou Gwydion —, desamarre-me e devolva-me minha espada.

— Então faz exigências? — perguntou Achren em tom suave. — Talvez não compreenda. Estou lhe oferecendo algo que não poderia ter, mesmo se desamarrasse suas mãos e lhe devolvesse sua arma. Com isso, Lorde Gwydion, estou me referindo à sua vida.

— Em troca de quê?

— Havia pensado em barganhar com uma outra vida — disse Achren, olhando de relance para Taran. — Mas vejo que ele não tem nenhuma importância, vivo ou morto. Não — repetiu ela —, existem outras maneiras mais agradáveis de negociar. Não me conhece tão bem quanto pensa, Gwydion. Não existe futuro para você além desses portões. Aqui, posso prometer...

— Suas promessas fedem a Annuvin! — exclamou Gwydion em voz alta. — Eu as desprezo. O que a senhora é não é nenhum segredo!

O rosto de Achren ficou lívido. Sibilando, golpeou Gwydion e suas unhas vermelhas cor de sangue amanharam-lhe a face. Achren desembainhou a espada de Gwydion; empunhando-a com as duas mãos, deu uma estocada na direção da garganta dele, parando a apenas um fio. Gwydion manteve-se firme, orgulhoso, os olhos faiscando.

— Não — exclamou Achren —, não vou matá-lo; ainda vai desejar que eu o tivesse feito, Lorde Gwydion, e me implorará pela misericórdia de uma espada! O senhor

despreza minhas promessas! Esta é uma que será bem cumprida!

Achren ergueu a espada acima da cabeça e, com toda sua força, bateu com ela contra um pilar de pedra. Fagulhas voaram, a lâmina retiniu intacta. Com um grito de fúria, ela atirou a arma contra o piso.

A espada brilhou, ainda intacta. Achren a agarrou de novo, segurando a lâmina afiada até suas mãos pingarem sangue escarlate. Um trovão ribombou por todo o salão, uma luz explodiu como um sol carmesim e a arma partida caiu em pedaços no chão.

— E assim que também o despedaçarei, Lorde Gwydion! — berrou Achren com estridência. Ela levantou a mão num sinal para os Nascidos do Caldeirão e falou numa língua estranha, ríspida.

Os guerreiros pálidos avançaram e arrastaram Taran e Gwydion para fora do salão. Em um escuro corredor de pedras, Taran lutou contra seus captores, esforçando-se para chegar ao lado de Gwydion. Um dos Nascidos do Caldeirão golpeou brutalmente a cabeça de Taran com o cabo de um chicote.



CAPÍTULO VI

Eilonwy

Taran recuperou os sentidos deitado numa pilha de palha suja, que era fedorenta como se Gurgi e todos os seus ancestrais tivessem dormido nela. Alguns metros acima dele, um raio de luz do sol, amarelo-claro, brilhava através de uma grade; o raio frágil acabava abruptamente numa parede de pedra úmida e áspera. As sombras das barras se estendiam corando o pequeno retalho de luz. Em vez de iluminar a cela, os raios minguados faziam apenas com que parecesse ainda mais escura e sufocante. A medida que os olhos de Taran se acostumaram com aquele crepúsculo amarelo, distinguiu um portal pesado, cravejado de pinos, com uma fenda na base. A cela propriamente dita não media mais que três passos de largura.

Sua cabeça doía; uma vez que as mãos ainda estavam amarradas às costas, não podia fazer mais que imaginar o tamanho do galo enorme e latejante. Não ousava nem imaginar o que teria acontecido com Gwydion. Depois que o Nascido do Caldeirão o acertara, Taran havia recuperado a consciência apenas por alguns minutos antes de mergulhar de novo na escuridão rodopiante. Naquele breve instante, lembrava-se vagamente de ter aberto os olhos e de se encontrar atirado sobre as costas de um guarda. Sua recordação confusa incluía um corredor mal iluminado com portas dos dois lados. Gwydion gritara chamando por ele uma vez — ou assim acreditava Taran —, não conseguia se recordar das palavras de seu amigo,



talvez até mesmo isso tivesse sido parte do pesadelo. Imaginava que Gwydion tivesse sido encarcerado em outra parte da fortaleza. Taran esperava com fervor que isso fosse verdade.

Contudo, havia bons motivos para ter esperanças de que seu companheiro estivesse vivo. Achren facilmente poderia ter-lhe cortado a garganta enquanto ele a desafiara no salão do conselho. Portanto, ela pretendia manter Gwydion vivo. Talvez, pensou Taran tristemente, fosse melhor que Gwydion estivesse morto. A idéia de ver aquela brava e orgulhosa figura jazendo alquebrada, sem vida, encheu Taran de um pesar que rapidamente se transformou em raiva. Levantou-se trêmulo, com dificuldade, cambaleou até a porta, chutando-a, arremessando-se contra ela com o pingo de forças que ainda lhe restava. Tomado pelo desespero, deixou-se cair no chão úmido, a cabeça apoiada contra as maciças pranchas de carvalho. Depois de alguns instantes, levantou-se novamente e chutou as paredes. Se, por acaso, Gwydion estivesse na cela ao lado, Taran esperava que ouvisse aquele sinal. Mas, pelo som surdo e apagado, acabou por concluir que as paredes eram grossas demais para que um bater fraco pudesse ser ouvido.

Quando deu as costas para a parede, um objeto cintilante passou através das grades e caiu no piso de pedra. Taran parou. Era uma bola do que parecia ser ouro. Perplexo, olhou para cima. Da grade, um par de olhos, de um azul intenso, olhava para ele.

— Por favor — disse uma voz de menina, suave e musical —, meu nome é Eilonwy e, se não se incomodar, poderia me jogar minha bolinha de volta? Não quero que pense que sou um bebezinho, brincando com uma boli-

nha idiota, porque não sou; mas, de vez em quando, não há absolutamente mais nada para fazer por aqui e ela escapuliu de minha mão quando estava jogando...

— Garotinha — interrompeu Taran —, eu não...

— Mas eu não sou uma garotinha — protestou Eilonwy. — Não acabei de lhe dizer isso? Você é lerdo da cabeça? Sinto muito se você for. E terrível ser lerdo e bobalhão. Como se chama? — prosseguiu ela. — Eu me sinto estranha quando não sei o nome de alguém. Desajeitada, sabe como é, ou como se eu tivesse três polegares em uma das mãos, se compreende o que quero dizer. E desconjuntado...

— Eu sou Taran de Caer Dallben — respondeu Taran, depois desejou não ter respondido. Aquilo, percebeu, poderia ser uma outra armadilha.

— Que ótimo — disse Eilonwy alegremente. — Estou muito contente de conhecer você. Imagino que seja um lorde ou um guerreiro, ou um líder de guerra, ou um bardo, ou um monstro. Embora não tenhamos monstros por aqui já há bastante tempo.

— Não sou nenhuma dessas coisas — disse Taran, sentindo-se muito envaidecido pelo fato de que Eilonwy o tivesse tomado por qualquer delas.

— O que mais existe então?

— Sou um Porqueiro-Assistente — respondeu Taran. E mordeu o lábio tão logo as palavras lhe escaparam. Então, para desculpar sua língua solta, disse a si mesmo que não podia haver mal algum no fato de que a menina soubesse daquilo.

— Que coisa fascinante — comentou Eilonwy. — Você é o primeiro desse tipo que temos por aqui... a me-

nos que aquele pobre sujeito, na outra masmorra, também seja Porqueiro-Assistente.

— Diga-me, como está ele — perguntou Taran rapidamente. — Está vivo?

— Eu não sei — respondeu Eilonwy. — Espiei pela grade, mas não saberia dizer. Ele não se move nem um pouquinho, mas imagino que esteja vivo. Caso contrário, Achren o teria dado aos corvos para que o comessem. Agora, por favor, se não se incomoda, a bola está bem ali diante de seus pés.

— Não posso apanhar sua bola — respondeu Taran —, porque minhas mãos estão amarradas.

Os olhos azuis demonstraram surpresa.

— Ah, é mesmo? Bem, isso é um bom motivo. Então acho que vou ter que entrar e ir até aí para buscá-la.

— Você não pode entrar e buscá-la — retrucou Taran, em tom cansado. — Não vê que estou trancado aqui?

— E claro que vejo — respondeu Eilonwy. — De que serviria enfiar alguém na masmorra se não fosse para trancá-lo dentro dela? Francamente, Taran de Caer Dallben, você me surpreende com alguns de seus comentários. Não tenho a intenção de ferir seus sentimentos com a pergunta, mas ser Porqueiro-Assistente é um tipo de trabalho que exige muita inteligência?

Alguma coisa acima da grade, e fora do alcance da visão de Taran, desceu num movimento rápido e os olhos azuis desapareceram repentinamente. Taran ouviu o que imaginou ser uma briga, então um gritinho estridente, seguido por um grito maior e mais estridente, e, durante um ou dois instantes, o som de fortes palmadas.

Os olhos azuis não reapareceram. Taran jogou-se de volta na palha. Depois de algum tempo, no temível silêncio e solidão da minúscula cela, ele de repente começou a desejar que Eilonwy voltasse. Ela era a pessoa mais desconcertante que jamais conhecera e, certamente, devia ser malvada como todos os outros no castelo — embora não conseguisse se levar a acreditar inteiramente naquilo. Apesar disso, estava louco de vontade de ouvir a voz de outra pessoa, mesmo que fosse a tagarelice de Eilonwy.

A grade acima de sua cabeça escureceu. A noite jorrou para dentro da cela numa onda negra, gelada. A portinhola no portal maciço chocalhou e se abriu. Taran ouviu alguma coisa sendo enfiada para dentro da cela e engatinhou até lá. Era uma tigela rasa. Ele cheirou cuidadosamente e finalmente se aventurou a encostar a língua, o tempo todo temeroso de que fosse comida envenenada. Mas não era comida alguma, apenas um pouco de água, morna e bolorenta. Taran estava com a garganta tão seca, que resolveu não dar atenção ao gosto, meteu a cara na tigela e bebeu até não sobrar nada.

Ele se enrascou e tentou dormir e esquecer a dor, as tiras de couro apertadas machucavam, mas, misericordiosamente, suas mãos inchadas estavam dormentes. O sono trouxe apenas pesadelos e, quando despertou, descobriu-se gritando alto. Acomodou-se e sossegou novamente. Então ouviu um som áspero, debaixo da palha.

Taran levantou-se aos tropeções. O ruído áspero, de algo raspando tornou-se mais forte.

— Afaste-se! — gritou uma voz distante. Taran olhou ao seu redor, confuso e atordoado.

— Saia de cima da pedra!

Ele deu um passo para trás. A voz estava vindo da palha.

— Ora bolas, não consigo levantá-la com você de pé em cima dela, seu Porqueiro-Assistente bobalhão! — reclamou a voz abafada.

Assustado e intrigado, Taran pulou para junto da parede. O catre de palha começou a se erguer. Uma laje solta foi levantada, empurrada para o lado e uma sombra esguia emergiu do piso.

— Quem é você? — gritou Taran.

— Quem esperava que fosse? — respondeu a voz de Eilonwy. — E por favor, pare com essa barulheira. Eu disse a você que voltaria. Ah, lá está minha bolinha... — A sombra se abaixou e apanhou a bola luminosa.

— Onde você está? — exclamou Taran. — Não consigo ver nada...

— E isso que o está incomodando? — perguntou Eilonwy. — Por que não me disse logo? — Imediatamente, uma luz clara encheu a cela. Vinha da esfera dourada na mão da garota.

Taran piscou os olhos pasmo de espanto.

— O que é isso? — exclamou.

— E a minha bola — respondeu Eilonwy. — Quantas vezes vou ter que dizer a você?

— Mas... mas ela se acende e ilumina!

— E o que pensou que ela fizesse? Que se transformasse num passarinho e saísse voando?

Eilonwy, como o ainda perplexo Taran a viu pela primeira vez, tinha, além de olhos azuis, longos cabelos louros acobreados que lhe chegavam à cintura. Seu rosto, embora manchado de sujeira, era delicado e travesso, com as maçãs salientes. Vestia uma curta bata branca, franzida

na cintura por uma corrente de elos de prata. Um crescente de lua de prata pendia de um fino cordão ao redor de seu pescoço. Era um ou dois anos mais moça que Taran, mas tão alta quanto ele. Eilonwy pôs a esfera luminosa no chão, aproximou-se rapidamente de Taran e desamarrou as tiras de couro que prendiam suas mãos.

— Eu tinha pensado em voltar antes — explicou Eilonwy.

— Achren me apanhou conversando com você. Começou a me dar uma surra. Enfiei os dentes nela.

— Então ela me prendeu numa das câmaras, lá no fundo dos subterrâneos — prosseguiu Eilonwy, apontando para as lajes. — Existem centenas delas debaixo do Castelo Espiral e todo tipo de galerias e pequenos corredores, como se fosse uma colméia. Achren não as construiu; este castelo, dizem, outrora pertenceu a um grande rei. Ela pensa que conhece todas as passagens secretas. Mas não conhece. Nunca esteve na metade delas. Você pode imaginar Achren se enfiando em um túnel? Ela é mais velha do que parece, sabe? — Eilonwy deu uma risadinha. — Mas eu conheço todas elas e a maioria é interligada. Mas eu demorei mais tempo por causa do escuro, porque não estava com a minha bola.

— Quer dizer que você mora neste lugar terrível?

— E claro — respondeu Eilonwy. — Você não acha que eu ia querer estar aqui de visita, não é?

— Achren é... é sua mãe? — Taran deu um pequeno soluço e recuou temeroso.

— De jeito nenhum! — exclamou a garota. — Eu sou Eilonwy, filha de Angharad, filha de Regat, filha de... A-a-ahh, dá tanto trabalho contar essa história inteira. Meus ancestrais — disse orgulhosamente — são o Povo

do Mar. Sou descendente de sangue de Llyr Meia-Palavra, o Rei do Mar. Achren é minha tia, embora de vez em quando eu não acredite que realmente seja minha tia.

— Então, o que você está fazendo aqui?

— Eu já disse que moro aqui — respondeu Eilonwy.

— Deve ser preciso realmente explicar muito antes de você entender qualquer coisa. Meus pais morreram e minha família me mandou para cá, para que Achren me ensinasse a ser uma feiticeira. E uma tradição de família, sabe? Os meninos são líderes de guerra, e as meninas são feiticeiras.

— Achren é aliada de Arawn de Annuvin — exclamou Taran. — Ela é uma criatura malvada e detestável!

— Ah, mas todo mundo sabe disso — observou Eilonwy.

— De vez em quando desejo que meus irmãos tivessem me mandado ficar com outra pessoa. Mas acho que, a esta altura, eles já se esqueceram de mim.

Ela reparou no corte profundo no braço dele.

— Onde foi que você arranjou isso? — perguntou. — Não creio que você saiba muita coisa sobre combates se permitiu que lhe batessem desse modo e lhe fizessem um corte tão fundo. Mas também não acredito que Porqueiros-Assistentes sejam chamados com frequência para fazer esse tipo de coisa. — A garota rasgou uma tira da bainha de sua túnica e começou a enfaixar o ferimento de Taran.

— Eu não *permiti* que me cortassem — rebateu Taran furioso. — Isso foi coisa de Arawn ou de sua tia. Não sei qual dos dois e não me interessa saber. Um não é melhor que o outro.

— Eu odeio Achren! — explodiu Eilonwy. — Ela é uma pessoa malvada e rancorosa. De todas as pessoas que já apareceram por aqui, você é o único que pelo menos é agradável de se conversar, e ela machucou você!

— E isso não é tudo — disse-lhe Taran. — Ela pretende matar meu amigo.

— Se ela fizer isso — observou Eilonwy —, tenho certeza de que vai incluir você. Achren não faz as coisas pela metade. Seria uma pena se você fosse morto. Eu ficaria muito triste. Sei que não gostaria que isso acontecesse comigo...

— Eilonwy, escute — interrompeu Taran. — Se existem túneis e passagens secretas nos subterrâneos do castelo... você poderia chegar às outras celas? Existe um caminho que leve para fora daqui?

— E claro que existe — respondeu Eilonwy. — Se existe um caminho para entrar, tem que existir um caminho para sair, não acha?

— Você nos ajudaria? — perguntou Taran. — É importante que nos libertemos desse lugar. Você nos mostraria o caminho?

— Deixar vocês fugirem? — Eilonwy deu mais uma de suas risadinhas. — Achren não ficaria furiosa com isso?! — Ela lançou a cabeça para trás e arrebitou o nariz. — Vai ser bem feito para ela por ter batido em mim e tentado me trancafiar. Isso mesmo, isso mesmo — prosseguiu Eilonwy, com os olhos soltando faíscas —, esta é uma idéia maravilhosa. Adoraria ver o rosto dela quando descer para vir procurar vocês. Ah, isso seria mais divertido do que qualquer coisa que eu pudesse planejar. Você pode imaginar...

— Ouça com cuidado — interrompeu Taran —, existe alguma maneira de você me levar até meu companheiro?

Eilonwy sacudiu a cabeça.

— Isto seria muito difícil de fazer. Sabe, algumas das galerias têm ligação com outras que dão para as celas, mas quando você tenta atravessar, o que acontece é que começam a dar em corredores que...

— Então deixe para lá — disse Taran. — Será que posso me encontrar com ele num dos corredores?

— Não vejo por que você quer fazer isso — respondeu a garota. — Seria tão mais simples se eu fosse sozinha e o libertasse e pedisse que ele esperasse por você fora do castelo. Não entendo por que você quer complicar as coisas; já é bastante difícil duas pessoas saírem engatinhando, mas com três, você pode imaginar o que seria. E você não conseguiria encontrar o caminho sozinho.

— Então, tudo bem — concordou Taran, com impaciência. — Primeiro, liberte meu companheiro. Espero apenas que ele esteja em condições de se movimentar. Se não estiver, então você deve vir me dizer imediatamente e pensarei em alguma maneira de carregá-lo.

— E também há a égua branca, Melyngar — prosseguiu Taran. — Não sei o que foi feito dela.

— Deve estar nos estábulos — disse Eilonwy. — Não é lá que se costuma encontrar os cavalos?

— Por favor — disse Taran —, você também tem que tirá-la de lá. E conseguir armas para nós. Vai fazer isso?

Eilonwy concordou sacudindo a cabeça rapidamente.

— Vou, isso vai ser muito, muito divertido. — Ela deu mais uma de suas risadinhas. Apanhou a bola reluzente, cobriu-a com as mãos em concha e, mais uma vez, a cela ficou escura. A pedra rangeu e somente o som cristalino do riso de Eilonwy permaneceu no ar.

Taran andou de um lado para outro. Pela primeira vez, sentiu alguma esperança, embora se perguntasse até que ponto poderia confiar naquela garota avoadada. Era provável que ela se esquecesse do que havia começado a fazer. Pior, poderia traí-lo e contar para Achren. Aquilo poderia ser mais uma armadilha, um novo tormento que lhe prometia a liberdade apenas para tomá-la, mas, mesmo assim, concluiu Taran, eles não poderiam ficar numa situação pior do que aquela em que já estavam.

Para poupar suas energias, deitou-se na palha e tentou relaxar. O braço enfaixado não doía mais e, embora ainda estivesse com fome e com sede, a água que bebera havia amenizado um pouco tudo isso.

Não tinha nenhuma idéia de quanto tempo Eilonwy levaria para fazer o percurso pelas galerias subterrâneas. Mas, à medida que o tempo passava, foi ficando mais ansioso. Tentou remover a laje de pedra que a garota usara, porém ela não se moveu, apesar de Taran ter-se esforçado até fazer sangrar os dedos. Mais uma vez mergulhou na escuridão da espera interminável. Eilonwy não voltou.



CAPÍTULO VII

A Armadilha

Vindo do corredor, um som distante começou a ficar mais alto. Taran correu para encostar a orelha na ranhura do portal. Ouviu passos pesados de pés marchando, o chocalhar de armas.

Levantou-se e ficou parado com as costas encostadas na parede. A garota o havia traído. Olhou em volta em busca de alguma coisa para usar para se defender, pois estava determinado a não permitir que o dominassem com facilidade. Só para ter alguma coisa nas mãos, Taran pegou punhados de palha suja e apertou com firmeza, pronto para atirar; era lamentável como defesa, e desejou desesperadamente ter o dom que Gwydion tinha de fazer com que se incendiasse.

O som dos passos seguiu adiante. Então, ele temeu que eles fossem entrar na outra cela. Deu um suspiro aliviado quando não pararam, mas seguiram em frente até se tomarem mais fracos, indo na direção onde imaginava que ficasse o final do corredor. Talvez a guarda estivesse sendo trocada.

Deu as costas para a porta e tornou a sentar-se, certo de que Eilonwy não voltaria, e furioso com ela e com suas falsas promessas. Era uma tola avoadada que, sem dúvida, daria boas gargalhadas e acharia uma enorme brincadeira quando os Nascidos do Caldeirão viessem buscá-lo. Ele enterrou o rosto nas mãos. Mesmo naquele momento,



ainda ouvia as tagarelices dela. Então Taran sobressaltou-se novamente. A voz que ouvia era real.

— Será que você *sempre* tem que sentar na pedra errada? — disse a voz. — Você é pesado demais para eu levantar.

Taran se pôs de pé de um salto e apressadamente afastou a palha. A laje foi levantada. A luz da bola dourada agora estava fraca, mas ainda era suficiente para que ele visse que Eilonwy parecia muito satisfeita consigo mesma.

— Seu companheiro está livre — cochichou ela. — E tirei Melyngar do estábulo. Estão escondidos no bosque que fica ao redor do castelo. Agora está tudo feito — disse Eilonwy alegremente. — Eles estão esperando por você. De modo que se tratar de ir andando e parar de ficar com essa cara de quem esqueceu o próprio nome, podemos ir ao encontro deles.

— Você encontrou armas? — perguntou Taran.

— Na verdade, não. Não tive oportunidade de procurar — respondeu Eilonwy. — Francamente — acrescentou —, você não pode querer que eu faça tudo, não acha?

Eilonwy baixou a esfera luminosa, mantendo-a junto ao piso de lajes pedras.

— Vá primeiro — instruiu. — Depois eu desço e assim posso botar a laje de volta no lugar. Então, quando Achren mandar que venham matar você, não haverá nenhum rastro. Ela vai pensar que você desapareceu no ar, e isso vai ser um vexame ainda maior. Eu sei que não é gentil fazer as pessoas passarem vexame de propósito, é como botar um sapo na mão de alguém, mas esta oportunidade é boa demais para perder e pode ser que nunca mais tenha outra chance de fazer isso.

— Achren saberá que você nos deixou fugir — disse Taran.

— Não, ela não saberá — rebateu Eilonwy —, porque pensará que ainda estou trancada. E se ela não sabe que posso sair, não pode saber que estive aqui. Mas é muito gentil de sua parte dizer isso. Mostra que tem bom coração, e acho que isso é mais importante que ser esperto.

Enquanto Eilonwy continuava a tagarelar, Taran se enfiou e desceu pela abertura estreita. O teto do corredor era baixo, descobriu, e foi obrigado a se agachar até ficar quase apoiado nas mãos e nos joelhos.

Eilonwy colocou a pedra no lugar e então começou a conduzi-lo. A luminosidade da esfera mostrava paredes de terra batida. A medida que Taran avançava agachado, viu que outras galerias se abriam para os dois lados.

— Trate de me seguir e não parar — gritou Eilonwy. — Não entre em nenhuma dessas galerias. Algumas se abrem para outras e algumas delas não dão em lugar nenhum. Você se perderia e isso seria uma coisa inútil se está querendo escapar.

A garota andava tão depressa que Taran teve dificuldade para acompanhá-la. Duas vezes tropeçou em pedras soltas na galeria, tentou agarrar-se no chão e foi lançado para a frente aos trambolhões. A luz oscilava mais adiante, enquanto atrás dele os dedos longos da escuridão se estendiam para segurar seus calcanhares. Agora compreendia por que a fortaleza de Achren era chamada de Castelo Espiral. As galerias estreitas e abafadas faziam curvas e mais curvas interminavelmente; não conseguia ter certeza se estavam de fato avançando ou se o túnel estava

apenas dando voltas sobre si mesmo, O teto de terra batida tremeu sob passadas que corriam.

— Estamos bem abaixo da sala da guarda — sussurrou Eilonwy. — Alguma coisa está acontecendo por lá. Achren não costuma chamar a guarda no meio da noite.

— Eles devem ter ido às celas — disse Taran. — Houve um bocado de barulho e movimento pouco antes de você chegar. Com certeza já sabem que fugimos.

— Você deve ser um Porqueiro-Assistente muito importante — comentou Eilonwy com uma pequena gargalhada. — Achren não se daria a todo esse trabalho a menos...

— Ande, vamos logo — insistiu Taran. — Se ela puser guardas de vigia ao redor do castelo nunca conseguiremos sair.

— Eu gostaria que você parasse de se preocupar — disse Eilonwy. — Você fala como se alguém estivesse lhe torcendo os dedos do pé. Achren pode botar todos os guardas de vigia que ela quiser. Não sabe onde fica a saída do túnel. E é tão bem escondida que nem uma coruja seria capaz de vê-la. Afinal, você não acha que eu iria passar com você pelo portão da frente, acha?

Apesar de toda sua tagarelice, Eilonwy caminhava em passo rápido. Taran, curvado junto ao chão, movia-se meio guiado pelo tato, mantendo os olhos naquela luz esmaecida; derrapava nas curvas mais fechadas, esbarrava contra as paredes, esfolava os joelhos, depois tinha que redobrar a marcha para recuperar o terreno que havia perdido. Numa outra curva na galeria, a luz de Eilonwy vacilou por um instante e desapareceu de vista. No momento de escuridão, Taran perdeu o equilíbrio, quando o solo ergueu-se numa súbita inclinação num dos lados. Ele caiu

e rolou. Antes que pudesse recuperar o equilíbrio, estava deslizando rapidamente para baixo em meio a uma chuva de terra e pedras soltas. Então colidiu com uma protuberância de rocha, rolou de novo e, de repente, despencou na escuridão.

Taran aterrissou pesadamente sobre pedras achata-das, com as pernas torcidas sob o corpo. Com dificuldade, ergueu-se e sacudiu a cabeça para clareá-la. Subitamente, deu-se conta de que estava ereto, de pé. Não conseguia mais ver Eilonwy e sua luz. Chamou tão alto quanto teve coragem de gritar.

Depois de alguns momentos, ouviu ruídos ásperos de deslizamento acima e viu um fraco reflexo da bola dourada.

— Onde está você? — gritou a garota. Sua voz parecia bastante distante. — Ah... agora vejo. Parte do túnel cedeu. Você deve ter escorregado para dentro de uma fenda.

— Não é uma fenda — respondeu Taran. — Caí direto, para dentro de alguma coisa que é bem profunda. Não dá para você iluminar isto aqui? Tenho que subir de novo.

Houve mais sons de deslizamento.

— É mesmo — comentou Eilonwy —, você se meteu numa encrenca. O solo está todo afundado por aqui e abaixo há uma grande pedra, como uma prateleira, acima de sua cabeça. Como foi que você *conseguiu* fazer isso?

— Não sei como — respondeu Taran —, mas com certeza não fiz de propósito.

— É estranho — observou Eilonwy. — Isto não estava aqui quando passei da primeira vez. Todo aquele

movimento dos guardas deve ter abalado a estrutura de alguma coisa que agora desabou, não sei bem o quê. Não creio que estes túneis sejam nem de longe tão sólidos quanto parecem, e o castelo também não é, já que estamos falando nisso; Achren reclama o tempo todo de coisas vazando e de portas que não fecham direito...

— Pare com essa tagarelice — exclamou Taran, pondo as mãos na cabeça. — Não estou interessado em vazamentos e portas. Me dê luz para que eu possa sair daqui.

— Esse é o problema — disse a garota. — Não tenho certeza de que vá conseguir. Sabe, aquela prateleira de pedra se estende demais para fora e, para baixo, é muito íngreme. Consegue alcançá-la?

Taran levantou os braços e saltou o mais alto que pôde. Não conseguiu encontrar um ponto onde se segurar. Pela descrição de Eilonwy e pela sombra maciça acima, temia que a garota estivesse certa. Não conseguia alcançar a pedra e, mesmo se tivesse conseguido, sua forte inclinação para baixo a teria tomado impossível de escalar. Taran gemeu de desespero.

— Vá sem mim — disse ele. — Avise meu companheiro que o castelo foi alertado...

— E o que você pretende fazer? Não pode simplesmente ficar sentado aí como uma mosca numa jarra. Isso não vai servir de nada.

— Eu não tenho muita importância — respondeu Taran. — Você pode arranjar uma corda e voltar quando as coisas tiverem se acalmado...

— Quem sabe quando isso vai acontecer? Se Achren me vir, não há como saber o que poderia acontecer. E se eu não puder voltar? Você se transformaria num es-

queleto enquanto estivesse esperando. Eu não sei quanto tempo leva para que pessoas se transformem em esqueletos, embora imagine que demore um bom tempo. Você estaria numa situação pior do que antes.

— Que mais posso fazer? — exclamou Taran.

Aquela conversa de Eilonwy sobre esqueletos fazia gelar o seu sangue. Ele se recordou, então, do som da trompa de Gwyn, o Caçador, e a lembrança o encheu de tristeza e medo. Baixou a cabeça e virou o rosto para a parede áspera.

— E muito nobre de sua parte — declarou Eilonwy —, mas não creio que seja realmente necessário, pelo menos por enquanto. Se os guerreiros de Achren saírem e começarem a vasculhar o bosque, não creio que seu amigo vá ficar esperando. Ele iria se esconder e viria procurar você depois, ou pelo menos é o que imagino. Isto seria a coisa sensata a fazer. E claro que, se ele também for um Porqueiro-Assistente, será difícil prever como irá raciocinar.

— Ele não é um Porqueiro-Assistente — respondeu Taran. — E... ora bolas, o que ele é não é de sua conta.

— Isso não é coisa que se diga, não é nada educado. Bem, apesar disso... — a voz de Eilonwy indicou que havia descartado a questão. — O mais importante é tirar você daí.

— Não há nada que possamos fazer — declarou Taran. — Estou preso aqui e muito mais bem trancafiado do que Achren jamais planejou.

— Não diga isso. Eu poderia rasgar minha bata e trançá-la para fazer uma corda, embora possa lhe dizer antecipadamente que não me agradaria nada ficar raste-

jando pelos túneis sem roupa alguma. Mas não creio que dê uma corda suficientemente comprida e resistente. Acho que também poderia cortar meu cabelo, se tivesse uma tesoura, e aumentá-la. Não, ainda assim não adiantaria. Será que você poderia ficar calado por um instante e me deixar pensar? Espere, vou jogar minha bola para você. Aquervai, pegue!

A esfera desceu tamborilando sobre a saliência de rocha. Taran a agarrou em pleno ar.

— Muito bem — gritou Eilonwy —, agora me diga o que há aí embaixo? E apenas algum tipo de poço?

Taran ergueu a bola acima da cabeça.

— Ora, mas não é absolutamente um buraco! — exclamou. — E uma espécie de câmara. Também há um túnel por aqui. — Ele deu alguns passos. — Não consigo ver onde acaba. É grande...

Pedras rolaram às suas costas; um instante depois, Eilonwy aterrissou no chão a seu lado. Taran ficou olhando para ela, incrédulo.

— Sua burra, tola! — gritou. — Sua estúpida... O que foi que você fez? Agora nós dois estamos presos! E vem me falar de ser sensato! Você não...

Eilonwy sorriu para ele e esperou até que perdesse o fôlego.

— Agora — disse ela —, se já acabou com essa bobagem, deixe-me explicar uma coisa muito simples. Se existe um túnel, ele tem que ir para algum lugar. E para onde quer que vá, há uma boa chance de que esse lugar seja melhor do que este, onde estamos agora.

— Não tive a intenção de xingar você — desculpou-se Taran —, mas — acrescentou pesarosamente — não havia motivo para se pôr em perigo.

— Lá vem você de novo — comentou Eilonwy. — Eu prometi que o ajudaria a fugir e é isso que estou fazendo. Eu conheço bem os túneis e não ficaria nada surpreendida se este seguir a mesma direção do que o que estava acima. Ele não tem nem a metade das galerias do outro. E, além disso, é muito mais confortável.

Eilonwy tomou a esfera reluzente da mão de Taran e seguiu adiante, entrando no novo corredor. Apesar de duvidoso, Taran foi atrás.

O Dólmen

Como Eilonwy dissera, o corredor era mais confortável, pois podiam caminhar lado a lado sem precisar se agachar e andar em passinhos curtos como coelhos numa toca. Ao contrário das galerias superiores, as paredes eram revestidas de enormes pedras achatadas; o teto era formado por pedras ainda maiores, cujo peso era sustentado por grandes lajes retangulares, posicionadas na vertical, em intervalos ao longo do corredor reto. O ar, por sua vez, tinha um cheiro ligeiramente melhor: era bofarento, como se tivesse ficado sem movimento durante eras, mas sem o abafamento sufocante dos túneis.

Nada disso confortava muito Taran. A própria Eilonwy admitiu que nunca havia explorado aquele corredor; sua alegre confiança não o convencia de que ela tivesse a mais remota idéia de para onde estava indo. A despeito disso, a garota andava rápido, as sandálias batendo no chão e ecoando, a luz dourada da bola lançando seus raios dardajantes em meio às sombras que pendiam como teias de aranha. Passaram por algumas galerias laterais que Eilonwy ignorou.

— Vamos seguir direto até o fim desta — anunciou ela.

— Tem que haver alguma coisa por lá.

Taran começou a desejar estar de volta à câmara.

— Não deveríamos ter vindo tão longe — observou, franzindo o cenho. — Deveríamos ter ficado lá e



descoberto uma maneira de escalar e sair. Agora, você não sabe nem quanto tempo vai demorar até que este corredor acabe. Poderemos ficar vagando durante dias.

Uma outra coisa o incomodava. Depois de todo o progresso que haviam feito, parecia-lhe que o corredor agora deveria seguir para cima.

— O túnel deveria nos levar para a superfície da terra

— comentou Taran. — Mas até agora, não paramos de descer cada vez mais para o fundo.

Eilonwy não deu atenção aos comentários dele.

Mas, pouco depois, foi obrigada a fazê-lo. Poucos passos mais adiante, o corredor se interrompia abruptamente, fechado por uma parede de pedregulhos.

— Isto é o que eu temia — exclamou Taran, aflito. — Chegamos ao fim de seu túnel, que você dizia conhecer tão bem, e isto é o que encontramos. Agora, não temos alternativa senão voltar, perdemos nosso tempo e não estamos em melhor situação do que quando começamos. — Ele fez meia-volta enquanto a garota ficava olhando com curiosidade para a barreira.

— Não consigo compreender — comentou Eilonwy — por que alguém se daria ao trabalho de construir um túnel e fazer com que não levasse a lugar algum. Deve ter sido uma enorme trabalhadeira para seja lá quem foi que o escavou e colocou as pedras. Por que acha que...?

— Eu não sei! E gostaria que você parasse de fazer perguntas a respeito de coisas que, para nós, não podem fazer nenhuma diferença. Eu vou voltar— declarou Taran. — Não sei como vou conseguir subir naquela prateleira, mas certamente poderei fazê-lo com mais facilidade do que cavar uma parede.

— Bem — comentou Eilonwy —, é de fato muito estranho mesmo. Tenho certeza de que não sei onde estamos.

— Eu sabia que acabaríamos por nos perder. Poderia ter dito isso a você.

— Eu não disse que estava perdida — protestou a garota. — Eu disse apenas que não sabia onde estava. Há uma grande diferença. Quando você está perdido, realmente não sabe onde está. Quando apenas acontece de você não saber onde está no momento, é uma coisa completamente diferente. Eu sei que estou debaixo do Castelo Espiral e isso é muito bom para começar.

— Você está se perdendo em minúcias — criticou Taran. — Estar perdido é estar perdido. Você é pior que Dallben.

— Quem é Dallben?

— Dallben é meu... Aaahh, deixa para lá! — De cara emburrada, Taran começou a seguir de volta por onde tinha vindo.

Eilonwy correu para se juntar a ele.

— Poderíamos dar uma olhada num dos corredores laterais — gritou.

Taran ignorou a sugestão. Apesar disso, quando se aproximou da galeria lateral seguinte, reduziu o passo e espiou rapidamente a entrada escura.

— Ande, entre — insistiu Eilonwy. — Vamos tentar esta. Parece tão boa quanto qualquer outra.

— Psiu! — Taran inclinou a cabeça e ouviu atentamente. De algum lugar distante vinha um leve sussurrar e farfalhar. — Há alguma coisa...

— Bem, por favor, vamos descobrir o que é —, disse Eilonwy, cutucando Taran nas costas. — Ande, vamos lá, está bem?

Taran deu alguns passos cuidadosos. O corredor ali era mais baixo e parecia se inclinar ainda mais para o fundo. Com Eilonwy a seu lado, ele prosseguiu cautelosamente, apoiando cada pé com muito cuidado, recordando-se da queda repentina e assustadora que o levara até ali. O sussurrar transformou-se num som agudo de lamento, um gemido de tormento. Era como se vozes tivessem sido fiadas como linhas, torcidas bem retesadas, prontas para se partirem. Uma corrente gelada serpenteou pelo ar, trazendo consigo os suspiros vazios e uma onda de murmúrios surdos. Havia outros sons também, de ásperos roçares e guinchos, como pontas de espadas arrastadas sobre pedras. Taran sentiu as mãos tremerem, hesitou por um momento e gesticulou para que Eilonwy ficasse atrás dele.

— Me dê a luz — cochichou —, e espere por mim aqui.

— Você acha que são fantasmas? — perguntou Eilonwy.

— Não tenho grãos de fava para cuspir neles, e isso é a única coisa que conheço que realmente resolve com um fantasma. Mas, sabe, realmente não acredito que sejam fantasmas. Nunca ouvi um fantasma, embora imagine que eles possam fazer sons como esses se quiserem, mas não vejo por que se incomodariam de fazer isso. Não, eu acho que é vento o que está fazendo esses barulhos.

— Vento? Como poderia haver... Espere — disse Taran.

— Pode ser que você esteja certa nisso. Poderia haver uma saída. — Não dando ouvidos aos sons apavoran-

tes e preferindo pensar neles como correntes de vento encanado, em vez de vozes espectrais, Taran apressou o passo. Eilonwy, sem dar atenção à ordem dele para que esperasse, caminhou ao seu lado.

Logo chegaram ao fim do corredor. Mais uma vez, pedras caídas bloqueavam-lhes a passagem, mas, dessa vez, havia um buraco estreito, dentado. Dele, os gemidos saíam mais altos e Taran sentiu uma fria comente de ar tocar seu rosto. Enfiou a luz no buraco, mas nem mesmo os raios dourados conseguiam penetrar a cortina de sombras. Taran atravessou cautelosamente a barreira. Eilonwy o seguiu.

Entraram numa câmara de teto baixo e, no instante em que o fizeram, a luz bruxuleou sob o peso da escuridão. De início, Taran só conseguia perceber formas indistintas, com um ligeiro brilho verde. As vozes gritaram com fúria trêmula. Apesar do vento frio, a testa de Taran cobriu-se de suor. Levantou a luz e deu mais um passo adiante. As formas tornaram-se mais nítidas. Agora distinguia os contornos de escudos pendurados nas paredes e pilhas de espadas e lanças. Seu pé bateu em alguma coisa. Abaixou-se para ver o que era e saltou para trás, contendo um grito. Era o cadáver murcho e seco de um homem — um guerreiro, de armadura completa. Havia um outro a seu lado, depois outro e mais outro, formando um círculo de antiqüíssimos mortos guardando uma grande laje sobre a qual estava deitada em todo o seu comprimento uma figura espectral.

Eilonwy não deu muita atenção aos guerreiros, pois tinha encontrado algo que era mais interessante.

— Tenho certeza de que Achren não tem a menor idéia de que tudo isto esteja aqui — cochichou, apontando

para as pilhas de túnicas de peles de lontra e grandes jarras de barro transbordando com jóias. Armas cintilavam em meio a pilhas de capacetes; cestos de vime continham broches, gargantilhas e correntes.

— Ela teria carregado tudo daqui há muito tempo. Sabe, ela adora jóias, embora não lhe fiquem nada bem.

— Sem dúvida isto aqui é o dólmén do rei que construiu este castelo — disse Taran, falando baixinho. Passou pelos guerreiros e aproximou-se da figura deitada na pedra. Ricos trajes vestiam o corpo, pedras lapidadas rebrilhavam no largo cinturão. As mãos cerradas ainda seguravam o punho cravejado de pedras preciosas de uma espada, como se prontas para desembainhá-la. Taran encolheu-se de medo e horror. O crânio pareceu fazer uma careta de desafio, convidando um estranho a ousar espoliar os tesouros reais.

Quando Taran se virou, uma rajada de vento bateu-lhe no rosto.

— Acho que há uma passagem — gritou —, ali, na parede do fundo. — Ele correu para a direção de onde vinham os gritos fantasmagóricos.

Perto do solo, abria-se um túnel: podia sentir o cheiro de ar fresco, e seus pulmões respiraram profundamente.

— Depressa, venha — chamou.

Taran arrancou uma espada da mão ossuda de um guerreiro e entrou rapidamente no túnel.

O túnel era o mais estreito que haviam encontrado. Deitado de bruços, Taran se espremeu e com dificuldade foi abrindo caminho por cima das pedras soltas. As suas costas, ouviu Eilonwy arquejar e se esforçar também. Então um novo som começou, um estrondear e um pulsar

distante. A terra tremeu enquanto o martelar pesado aumentava. De repente, a passagem contorceu-se, escondidas raízes de árvores saltaram no ar, a terra se abriu debaixo de Taran, sacudida por convulsões e desmoronando. Um instante depois, ele foi arremessado para fora, indo parar no fundo de uma encosta rochosa.

Um gigantesco estrondo ressoou nas profundezas da colina. O Castelo Espiral, muito alto acima dele, foi banhado por um fogo azul. Uma tempestade repentina quase esmagou Taran contra o solo. Uma árvore de raios crepitou no céu. Atrás dele, Eilonwy gritou pedindo ajuda.

Ela estava com metade do corpo dentro, metade fora da passagem estreita. Enquanto Taran lutava com as pedras caídas, as paredes do Castelo Espiral se sacudiram como se fossem farrapos cinzentos. As torres oscilaram loucamente. Taran cavou arrancando pedaços de terra e raízes.

— Estou toda atrapalhada com a espada — disse Eilonwy ofegante. — A bainha está presa em alguma coisa.

Taran arrancou a última pedra.

— Que espada? — perguntou, por entre os dentes cerrados. Ele agarrou Eilonwy por baixo dos braços e puxou, libertando-a.

— Ufa! — ofegou ela. — Estou me sentindo como se todos os meus ossos tivessem sido desmontados e depois montados de novo da maneira errada. A espada? Você disse que precisava de armas, não disse? E você pegou uma, pois eu achei que também devia pegar.

Com uma explosão violenta que pareceu rasgar o centro da própria terra, o Castelo Espiral desmoronou sobre si mesmo. As grandiosas pedras de suas paredes

partiram-se como gravetos, os pedaços pontudos apontando para o céu. Então fez-se um profundo silêncio. O vento parou, a atmosfera ficou opressiva.

— Obrigada por salvar minha vida — disse Eilonwy. — Devo dizer que, para um Porqueiro-Assistente, você é muito corajoso. E maravilhoso quando as pessoas nos surpreendem assim.

— Gostaria de saber o que aconteceu com Achren — prosseguiu. — Ela vai ficar realmente furiosa — acrescentou com uma gargalhada deliciada —, e provavelmente porá a culpa de tudo em mim, pois está sempre me castigando por coisas em que nem sequer pensei ainda.

— Se Achren estiver debaixo daquelas pedras, nunca mais vai castigar ninguém — disse Taran. — Mas não creio que devamos ficar por aqui para descobrir. — Ele afivelou a espada.

A espada que Eilonwy havia trazido do dólmen era comprida demais para que a garota pudesse usá-la confortavelmente presa à cintura, de modo que ela a pendurou no ombro.

Taran olhou para a arma com surpresa.

— Ora... mas é a espada que o rei estava segurando.

— E claro — respondeu Eilonwy. — Deve ser a melhor, não acha? — Ela apanhou a esfera reluzente. — Estamos do lado dos fundos do castelo... de onde costumava ficar o castelo. Seu amigo está ali embaixo, entre aquelas árvores... presumindo que tenha esperado por você. Mas ficarei surpresa se tiver esperado, com tudo isso acontecendo...

Eles correram para o bosque. Adiante, Taran viu as formas obscuras de um vulto, com uma capa e um cavalo branco.

— Estão ali — exclamou. — Gwydion! — gritou.
— Gwydion!

A lua saiu de trás das nuvens. O vulto virou-se. Taran parou abruptamente na claridade repentina e seu queixo caiu. Nunca tinha visto aquele homem.

Fflewddur Fflam

A espada de Taran saltou da bainha. O homem de capa apressadamente largou as rédeas de Melyngar e correu para se esconder atrás de uma árvore. Taran golpeou com a espada. Pedacos de casca de árvore pularam no ar. Enquanto o desconhecido corria e se escondia de um lado para outro, Taran golpeava à esquerda e à direita, cortando violentamente arbustos e galhos.

— Você não é Gwydion! — berrou ele.

— Nunca afirmei que fosse — gritou o desconhecido em resposta. — Se pensa que sou Gwydion, está terrivelmente enganado.

— Saia daí — ordenou Taran, dando mais uma estocada.

— De jeito nenhum enquanto você estiver girando essa enorme... olhe aqui, cuidado com isso! Grande Belin⁵, eu estava mais seguro nas masmorras de Achren!

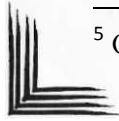
— Saia daí agora ou não vai mais poder sair — berrou Taran.

Ele redobrou o ataque, abrindo caminho furiosamente em meio à vegetação rasteira.

— Trégua! Trégua! — pediu o desconhecido. — Não pode matar um homem desarmado!

Eilonwy, que estivera alguns passos atrás de Taran, correu para ele e agarrou-lhe o braço.

⁵ O Grande Deus dos galeses era Belin, o carneiro. [N. da T.]



— Pare com isso! — gritou. — Isso não é maneira de tratar seu amigo, depois de me dar todo aquele trabalho para resgatá-lo.

Taran libertou-se de Eilonwy.

— Que traição é tudo isso! — gritou. — Você deixou meu companheiro lá para morrer! Você esteve de tramóia com Achren o tempo todo! Eu deveria ter imaginado. Você não é melhor do que ela! — Com um grito de angústia, ele levantou a espada.

Eilonwy correu soluçando para o bosque. Taran baixou a espada e ficou parado de cabeça baixa.

O desconhecido se aventurou a sair de trás da árvore.

— Trégua? — perguntou de novo. — Creia-me, se soubesse que ia causar toda essa confusão, não teria dado ouvidos à menina ruiva.

Taran não levantou a cabeça.

O desconhecido deu mais alguns passos cautelosos.

— Aceite minhas humildes desculpas por desapon-tá-lo — disse ele. — Sinto-me tremendamente lisonjeado por você ter-me confundido com Gwydion. Não somos nem um pouco parecidos, exceto por um certo ar de...

— Eu não sei quem é o senhor — declarou Taran, com amargura. — Mas sei que um homem valente deu a vida pela sua.

— Sou Fflewddur Fflam, Filho de Godo — disse o desconhecido, fazendo uma profunda mesura —, um bar-do da harpa a seu serviço.

— Não preciso de bardos — retrucou Taran. — Uma harpa não trará de volta à vida meu companheiro.

— Lorde Gwydion está morto? — perguntou Fflewddur Fflam. — Esta é uma tristíssima notícia. Ele é

meu parente e sou súdito fiel da Casa de Don. Mas por que você me culpa pela morte dele? Se Gwydion pagou por minha vida com a sua, pelo menos diga-me como e serei seu companheiro no luto.

— Vá embora — disse Taran. — Não é culpa sua. Eu confiei a vida de Gwydion a uma traidora e mentirosa. Deveria pagar com minha própria vida pela negligência.

— Estas são duras palavras para descrever uma garota encantadora — disse o bardo. — Especialmente quando ela não está presente para se defender.

— Não quero ouvir nenhuma explicação — declarou Taran. — Não há nada que ela possa me dizer. Por mim, ela pode se perder na floresta, não me importo.

— Se ela é tão traidora e mentirosa quanto você diz — observou Fflewddur—, então você está lhe dando uma saída fácil. Você pode não querer ouvir sua explicação, mas tenho certeza de que Gwydion quereria. Permita-me sugerir que vá procurá-la antes que ela se afaste demais.

Taran assentiu.

— Sim — disse friamente —, Gwydion terá justiça.

Ele girou nos calcanhares e se encaminhou para as árvores. Eilonwy não tinha ido muito longe; podia ver o brilho da esfera alguns passos adiante, onde a garota estava sentada sobre uma pedra em uma clareira. Ela parecia pequenina e magra, estava com a cabeça enterrada nas mãos e seus ombros tremiam.

— Agora você me fez chorar! — reclamou sem conseguir se conter, enquanto Taran se aproximava. — Eu detesto chorar; faz meu nariz ficar como se fosse um pingente de gelo derretido. Você feriu meus sentimentos, seu Porqueiro-Assistente bobalhão, e tudo por causa de uma coisa que, para começar, é culpa sua.

Taran ficou tão surpreso e confuso que começou a gaguejar.

— Pois é — exclamou Eilonwy —, é tudo, tudinho culpa sua! Você fez todo aquele segredo com relação ao homem que queria que eu fosse libertar e ficava falando de seu amigo na outra cela. Pois bem, eu libertei seja lá quem for que estava na outra cela.

— Você não me disse que havia uma outra pessoa na masmorra.

— E não havia — insistiu Eilonwy. — Fflewddur Fflam ou seja lá qual for o nome dele era o único que estava lá.

— Então onde está meu companheiro? — perguntou Taran. — Onde está Gwydion?

— Não sei — respondeu Eilonwy. — Ele não estava na masmorra de Achren, disso tenho certeza. E vou lhe dizer mais, nunca esteve.

Taran se deu conta de que a garota estava dizendo a verdade. Ao repassar as coisas na memória, recordou-se de que Gwydion estivera com ele apenas por breves instantes; não tinha visto os guardas pondo-o numa cela. Taran tinha apenas presumido isso.

— Mas o que ela poderia ter feito com ele?

— Não tenho nem a mais remota idéia — respondeu Eilonwy e fungou. — Ela poderia tê-lo levado para seus aposentos ou tê-lo trancado na torre... Há uma dúzia de lugares onde Achren poderia tê-lo escondido. Tudo que você precisava dizer era: “Vá libertar um homem chamado Gwydion”, e eu o teria encontrado. Mas, não, você tinha que dar uma de esperto com relação a isso e guardar segredo de tudo...

Taran sentiu um aperto no coração.

— Tenho que voltar ao castelo e encontrá-lo. Você me mostrará onde Achren poderia tê-lo mantido prisioneiro?

— Não restou nada do castelo — disse Eilonwy. — Além disso, não tenho certeza se vou ajudar você de novo, depois da maneira como se comportou; e me chamou de todas aquelas coisas horróricas, isso é como se botar lagartas no cabelo de alguém. — Ela jogou a cabeça para o alto, arrebitou o queixo e recusou-se a olhar para ele.

— Eu acusei você erradamente — admitiu Taran. — Minha vergonha é tão profunda quanto meu sofrimento.

Eilonwy, sem baixar o queixo, deu-lhe um olhar de esguelha.

— Acho que deve ser mesmo.

— Irei procurá-lo sozinho — disse Taran. — Você tem toda razão em se recusar a me ajudar. Não é um problema seu. — Ele fez meia-volta e começou a sair da clareira.

— Você não tem que concordar comigo tão depressa — exclamou Eilonwy. Deixou-se escorregar descendo da pedra e correu atrás dele.

Fflewddur Fflam ainda estava esperando quando eles voltaram. Com a luz da esfera de Eilonwy, Taran pôde ver melhor o companheiro inesperado. O bardo era alto, magro e desengonçado, com um nariz comprido e pontudo. Sua espessa cabeleira loura, de um forte tom amarelo, brilhante, explodia arrepiada em todas as direções, como um sol desgrehado. O gibão e as pernas estavam remendados nos joelhos e cotovelos, e costura-

dos com grandes pontos malfeitos — trabalho, Taran tinha certeza, feito pelo próprio bardo. Uma harpa, com uma bonita moldura em arco arredondado, estava pendurada em seus ombros, mas, salvo por isso, ele não se parecia em nada com os bardos que Taran conhecia a partir das leituras que ouvira de *O Livro dos Três*.

— Então parece que fui resgatado por engano — disse Fflewddur, depois de Taran explicar o que havia acontecido. — Deveria ter imaginado que acabaria sendo algo assim. Fiquei me perguntando, enquanto me arrastava por aqueles túneis tenebrosos, quem poderia estar interessado em saber se eu estava definhando numa masmorra ou não.

— Vou voltar ao castelo — disse Taran. — Pode haver alguma esperança de que Gwydion esteja vivo.

— Sem dúvida — exclamou o bardo, seus olhos se iluminando. — Um Fflam irá ao resgate, comigo pode contar! Para o castelo atacar! De assalto tomar! Os portões derrubar!

— Não sobrou muita coisa do castelo para tomar de assalto — observou Eilonwy.

— Ah é? — Fflewddur parecia desapontado. — Então muito bem, faremos o melhor que pudermos.

Na crista do morro, os grandiosos blocos de pedra jaziam como se esmigalhados pelo punho de um gigante. Somente o arco quadrado do portão permanecia de pé, desolado como um osso. A luz do luar, as ruínas já pareciam antiqüíssimas. Fiapos de neblina pairavam sobre a torre despedaçada. Achren havia descoberto sua fuga, calculou Taran, pois no momento da destruição do castelo havia enviado um contingente de guardas. Em meio aos des-

troços, seus corpos jaziam espalhados, imóveis como as pedras.

Com crescente desespero, Taran escalou as ruínas. As fundações do castelo haviam desmoronado. As paredes tinham desabado para dentro. O bardo e Eilonwy ajudaram Taran a tentar remover uma ou duas das pedras quebradas, mas a tarefa estava além de suas forças.

Finalmente, exausto, Taran sacudiu a cabeça.

— Não podemos fazer mais nada — murmurou. — Isto ficará sendo a sepultura de Gwydion. — Por um momento, ele olhou silenciosamente para a desolação, depois se afastou.

Fflewddur sugeriu que pegassem armas dos corpos dos guardas. Equipou-se com um punhal, uma espada e uma lança. Além da espada que havia tirado do dólmen, Eilonwy prendeu na cintura um fino punhal. Taran recolheu tantos arcos e flechas quantos podia carregar. O grupo agora estava armado com armas leves, mas eficazes.

De coração pesado, o pequeno bando seguiu caminho descendo pela encosta. Melyngar seguia documente, a cabeça baixa, como se compreendesse que nunca mais veria seu dono.

— Preciso deixar este lugar medonho — exclamou Taran. — Estou impaciente para estar longe daqui. O Castelo Espiral só me trouxe infelicidade, não quero voltar a vê-lo nunca mais.

— E o que trouxe para o resto de nós? — perguntou Eilonwy. — Você fala como se nós estivéssemos apenas sentados felizes da vida, sem fazer nada e nos divertindo, enquanto você geme e se preocupa.

Taran calou-se abruptamente.

— Eu... eu sinto muito — desculpou-se. — Não era essa a minha intenção.

— Além disso — prosseguiu Eilonwy —, está redondamente enganado se pensa que eu vou sair marchando pela floresta no meio da noite.

— E eu — acrescentou Fflewddur — não me acanho de lhe dizer que estou tão cansado que seria capaz de dormir no degrau da porta de Achren.

— Todos nós precisamos descansar — concordou Taran. — Mas não confio em Achren, viva ou morta. Além disso, ainda não sabemos nada do que foi feito dos Nascidos do Caldeirão. Se escaparam, podem estar nos procurando agora, neste instante. Por mais cansados que estejamos, seria uma imprudência ficarmos aqui, tão perto.

Eilonwy e Fflewddur concordaram em seguir adiante até se afastarem um pouco mais. Depois de algum tempo, encontraram um recanto bem protegido por árvores e se jogaram exaustos na relva. Taran tirou a sela de Melyngar, agradecido pelo fato de a garota ter pensado em trazer junto as coisas de Gwydion. Encontrou uma capa no alforje e a ofereceu a Eilonwy. O bardo enrolou-se em sua própria capa remendada e ajeitou a harpa cuidadosamente numa raiz nodosa.

Taran ficou de guarda no primeiro turno. Pensamentos e imagens dos lívidos guerreiros ainda o perseguiram e via seus rostos em cada sombra. A medida que a noite avançava, a passagem de uma criatura da floresta ou o suspirar inquieto do vento nas folhas mantinham-no alerta. Os arbustos farfalharam. Dessa vez, não era o vento. Ele ouviu um ligeiro ranger e sua mão voou para a espada.

Uma figura saltou para a luz do luar e rolou até junto de Taran.

— Lambiscos e petiscos? — choramingou uma voz.

— Quem é este seu estranho amigo? — perguntou o bardo,— sentando-se e olhando curiosamente para o recém-chegado.

— Para um Porqueiro-Assistente — comentou Eilonwy—, você realmente tem companhias muito estranhas. Onde encontrou isto? E o que é isto? Nunca vi nada semelhante em minha vida.

— Ele não é meu amigo — exclamou Taran. — É um miserável, traiçoeiro, patife que nos abandonou no instante em que fomos atacados.

— Não, não! — protestou Gurgi, choramingando e sacudindo a cabeça desgrenhada. — O pobre, humilde Gurgi é sempre fiel a poderosos lordes... que alegria é servi-los, mesmo com safanões e trambolhões.

— Conte a verdade — disse Taran. — Você fugiu na hora em que mais precisávamos de você.

— Espadadas e cutiladas são para nobres lordes, não para o pobre e fraco Gurgi. Ah, os assustadores assobios das espadas! Gurgi correu para procurar ajuda, poderoso lordel!

— Você não conseguiu encontrar nenhuma — rebateu Taran furioso.

— Ah, que tristeza! — gemeu Gurgi. — Não houve ajuda para os bravos guerreiros. Gurgi foi longe, longe, com grandes guinchados e altos brados.

— Tenho certeza de que foi — disse Taran.

— Que mais poderia o infeliz Gurgi fazer? Fica triste de ver grandes guerreiros em perigo, ooh, lágrimas de grande tristeza! Mas na batalha, que mais haveria para o

pobre Gurgi senão a dor de ter sua goela espetada, cortada e retalhada?

— Não foi muito corajoso — comentou Eilonwy —, mas também não foi totalmente idiota. Não sei que vantagem ele teria em ser cortado em pedaços, especialmente se, para começar, não podia ajudá-los em nada.

— Oh, a sabedoria de uma nobre donzela! — gritou Gurgi, atirando-se aos pés de Eilonwy. — Se Gurgi não tivesse ido procurar ajuda, ele não estaria aqui para servi-los agora. Mas ele está aqui! Sim, sim, o fiel Gurgi volta para tomar surras e murros do aterrador guerreiro!

— Apenas trate de ficar longe dos meus olhos — disse Taran —, senão realmente vai ter do que reclamar.

Gurgi fungou.

— Gurgi se apressa em obedecer, poderoso lorde. Ele não dirá mais nada, nem sussurros do que viu. Não, ele não perturbará o sono de valorosos heróis. Veja como ele parte, com chorosas despedidas.

— Volte aqui imediatamente — gritou Taran. Gurgi se animou todo.

— Petiscos?

— Escute bem o que vou dizer — advertiu Taran. — Quase não temos o bastante para todos, mas lhe darei uma porção justa do que temos. Depois disso, vai ter que encontrar sozinho os seus lambiscos.

Gurgi concordou balançando a cabeça.

— Muitos outros exércitos marcham no vale com lanças de pontas afiadas... oh, muitos mais. Gurgi espia tão silenciosamente, tão espertamente, e a eles Gurgi não pede ajuda. Não, eles só dariam estocadas malvadas.

— Que história é essa, que história é essa? — exclamou Fflewddur. — Grandes exércitos? Eu adoraria vê-los. Sempre gostei de ver procissões e coisas desse tipo.

— Os inimigos da Casa de Don estão se reunindo — relatou Taran rapidamente ao bardo. — Gwydion e eu os vimos antes de sermos capturados, Agora, se Gurgi estiver contando a verdade, incorporaram mais reforços.

O bardo levantou-se de um salto.

— Um Fflam nunca se acovarda diante do perigo! Quanto maior o inimigo, maior é a glória! Vamos sair ao encalço deles, cair em cima deles! Os bardos cantarão nossas proezas para sempre!

Contagiado pelo entusiasmo de Fflewddur, Taran empunhou a espada. Então sacudiu a cabeça, recordando-se das palavras de Gwydion na floresta, nas vizinhanças de Caer Dallben.

— Não... não — disse lentamente. — Seria loucura pensar em atacá-los. — Ele deu um sorriso rápido para Fflewddur. — Os bardos cantariam nosso feito, mas não estaríamos em condições de apreciar isso.

Fflewddur tornou a sentar-se, desapontado.

— Vocês podem falar de os bardos cantarem suas proezas tanto quanto quiserem — disse Eilonwy. — Não estou com disposição para combates. Eu vou dormir. — Com isso, ela se enroscou no solo e puxou a capa cobrindo a cabeça.

Ainda não convencido, Fflewddur acomodou-se contra a raiz de uma árvore para cumprir seu turno de vigia, Gurgi deitou-se encolhido aos pés de Eilonwy. Embora estivesse exausto, Taran ficou deitado sem conseguir dormir. Em sua mente, viu de novo o Rei Cornudo e ouviu os gritos das jaulas em chamas.

Sentou-se rapidamente. Dominado pelo pesar e a tristeza com a perda de seu companheiro, havia se esquecido do motivo que o trouxera ali. Sua tarefa fora buscar Hen Wen; a de Gwydion, avisar os Filhos de Don. A cabeça de Taran girava. Com seu companheiro certamente morto, será que não deveria tentar chegar a Caer Dathyl? O que aconteceria, então, com Hen Wen? Tudo havia deixado de ser simples. Sentiu saudades da serenidade de Caer Dallben, sentiu saudades até de arrancar as ervas daninhas dos jardins e da horta, e de fazer ferraduras. Virou-se de um lado para o outro, inquieto, sem encontrar resposta. Finalmente, vencido pelo cansaço, ele adormeceu, mergulhado em pesadelos.



A Espada Dyrnwyn

Estava dia claro quando Taran abriu os olhos. Gurgi, já faminto, farejava o alforje. Taran levantou-se rapidamente e dividiu uma porção tão generosa ‘das provisões que restavam quanto se atreveu, guardando uma pequena reserva, uma vez que não tinha idéia de que dificuldade teria para encontrar comida durante a jornada que teriam pela frente. No correr daquela noite de inquietação, ele havia chegado a uma decisão, embora naquele momento evitasse falar a seu respeito, pois ainda estava inseguro de ter feito uma escolha sensata. Por enquanto, concentrou-se no mirrado café da manhã.

Gurgi, sentado de pernas cruzadas, devorou sua comida com tantas exclamações de prazer e altos estalos dos lábios que parecia estar comendo o dobro da quantidade que na verdade comeu. Fflewddur devorou rapidamente sua magra porção como se não comesse uma refeição há no mínimo cinco dias. Eilonwy estava mais interessada na espada que havia trazido do dólmen. Com ela atravessada sobre os joelhos e com o cenho franzido de perplexidade, a ponta da língua entre os lábios, a garota examinava a arma curiosamente.

Quando Taran se aproximou, Eilonwy agarrou a arma e a afastou dele.

— Bem — disse Taran com uma gargalhada —, não precisa agir como se eu fosse roubá-la de você. — Embora o punho da espada fosse cravejado de pedras



preciosas, a bainha estava maltratada, gasta e desbotada, quase enegrecida pelo tempo. Apesar de tudo isso, tinha um aspecto de linhagem antiquíssima, e Taran estava louco para pegar nela. — Vamos — pediu —, deixe-me ver a lâmina.

— Não me atrevo — exclamou Eilonwy, para grande surpresa de Taran. Ele viu que o rosto dela tinha uma expressão solene e quase temerosa.

— Há um símbolo de poder na bainha — prosseguiu Eilonwy. — Já vi este sinete antes, em algumas coisas de Achren. Sempre significa alguma coisa proibida. E claro que todas as coisas de Achren são assim, mas algumas são mais proibidas do que outras.

— Também há uma outra inscrição — disse Eilonwy, novamente franzindo a testa. — Mas é na Escrita Antiga. — Ela bateu o pé. — Ah, eu queria tanto que Achren tivesse acabado de me ensinar a Escrita Antiga. Quase consigo decifrar, mas não exatamente, e não há nada mais irritante. E como não concluir algo que você começou a dizer.

Fflewddur aproximou-se naquele instante e, ele também, olhou com curiosidade para a estranha arma.

— Vem de um dólmen, não é? — O bardo sacudiu a cabeça de pontas de cabelo amarelo espetadas e assobiou. — Sugiro que nos livremos dela imediatamente. Nunca confiei muito em coisas que são encontradas em dólmenes. Mexer com elas é se meter em encrencas. Não se pode ter certeza de por onde elas andaram e quem foram as pessoas que as possuíram.

— Se é uma arma encantada — começou Taran, mais interessado do que nunca em pôr as mãos na espada —, não deveríamos guardá-la...

— Aah! Calem a boca — exclamou Eilonwy. — Não consigo nem ouvir meus pensamentos. Não vejo por que vocês estão discutindo, se querem se livrar dela ou não. Afinal, a espada é minha, não é? Eu a encontrei e a trouxe de lá, e quase fiquei presa num túnel velho e sujo por causa dela.

— Bardos costumam entender dessas coisas — comentou Taran.

— Mas é claro — respondeu Fflewddur, sorrindo confiantemente e aproximando seu narigão da bainha. — Estas inscrições são quase todas iguais. Vejo que esta está na bainha e não na lâmina. Ela diz “Cuidado com Minha Ira”, e aquelas expressões habituais.

Naquele momento, houve um som metálico, um “tóing” bem alto. Uma das cordas da harpa havia se partido.

— Com licença — disse ele e foi cuidar de seu instrumento.

— Não diz nada do que ele falou — declarou Eilonwy. — Agora consigo ler parte da inscrição. Veja, começa aqui perto do punho e desce serpenteando como hera. Eu estava lendo no sentido errado. Primeiro, diz *D-yrnwyn*. Não sei se este é o nome da espada ou o nome do rei. Ah, sim, é o nome da espada e aqui está ele de novo:

DESEMBAINHAI DYRNWYN, SÓ TU DE SANGUE REAL PARA GOVERNAR, PARA GOLPEAR O...

— E alguma outra coisa — prosseguiu Eilonwy. — Está muito apagado, não consigo ler. As letras estão gastas e lisas demais. Isso é estranho. Não estão gastas; foram riscadas, raspadas fora. Devem ter sido entalhadas, gravadas muito profundamente, porque ainda restam marcas.

Mas não consigo ler o resto. Esta palavra parece que é morte... — Ela estremeceu.

— Isso não é muito animador.

— Deixe-me desembainhá-la — pediu Taran novamente. — Pode haver mais na lâmina.

— De jeito nenhum — declarou Eilonwy. — Eu disse a você que tinha um símbolo de poder e que tenho a obrigação de respeitá-lo. Isso é elementar.

— Achren não pode obrigar você a mais nada.

— Não é Achren — respondeu Eilonwy. — Eu disse apenas que ela tinha coisas com o mesmo sinete. Isto aqui é um tipo de feitiço muito mais poderoso do que ela poderia fazer, tenho certeza absoluta. Eu não me atreveria a desembainhá-la, e não tenho a menor intenção de deixar que você o faça. Além disso, aqui diz *só* de *sangue real* e não há uma palavra que mencione Porqueiros-Assistentes.

— Como você pode saber que não tenho sangue real?

— perguntou Taran, zangando-se. — Eu não *nasci* Porqueiro-Assistente. Até onde se pode saber, meu pai poderia ter sido um rei. Isso acontece o tempo todo no *Livro dos Três*.

— Nunca ouvir falar no *Livro dos Três* — comentou Eilonwy. — Mas, para começar, não acredito que baste ser filho de um rei ou mesmo ser um rei. Sangue Real é só uma maneira de traduzir. Na Escrita Antiga, não significava apenas ter pais de sangue real: isso qualquer pessoa pode ter. Significava... Aaah, não sei como você diria isso. Alguma coisa muito especial. E parece-me que, se você tem isso, não precisa se perguntar se tem ou não tem.

— Então é claro — disse Taran, ainda mais irritado com os comentários da garota — que você já decidiu que eu não sou, seja lá o que for.

— Não tive a intenção de ofender você — desculpou-se Eilonwy rapidamente. — Para um Porqueiro-Assistente, acho que você é realmente admirável. Acho até mesmo que você é a pessoa mais gentil que já conheci na minha vida. E só que sou proibida de deixar você pegar nessa espada e pronto, acabou-se.

— O que vai fazer com ela, então?

— Ficar com ela, naturalmente. Não vou jogá-la dentro de um poço, não acha?

Taran fungou, fazendo troça.

— Vai fazer uma figura e tanto... uma garotinha carregando uma espada.

— Eu não sou uma garotinha — rebateu Eilonwy, jogando os cabelos para trás com exasperação. — No meu povo, nos tempos de antigamente, as Donzelas da Espada combatiam lado a lado com os homens.

— Não estamos mais nos tempos de antigamente — replicou Taran. — Em vez de uma espada, você deveria é carregar uma boneca.

Com um grito de irritação, Eilonwy levantou a mão para dar um tapa em Taran, justo no momento em que Fflewddur Fflam voltou.

— Ora, parem com isso vocês dois — censurou o bardo —, chega de brigas: isso não adianta nada. — Com uma chaveta ele apertou a cravelha que segurava a corda que acabara de trocar na harpa.

Então Eilonwy despejou sua irritação contra Fflewddur.

— Aquela inscrição era muitíssimo importante. Não dizia nada sobre tomar cuidado com a ira de ninguém. Você absolutamente não soube ler corretamente. Que grande bardo é você, se não consegue sequer ler o que está escrito numa espada encantada.

— Bem, sabe como é. Para falar a verdade — disse Fflewddur, pigarreando e falando com muita hesitação —, o que acontece é o seguinte. Oficialmente, não sou um bardo.

— Eu não sabia que existiam bardos extra-oficiais — questionou Eilonwy.

— Ah, mas existem sim — declarou Fflewddur. — Pelo menos no meu caso. E também sou um rei.

— Um rei? — perguntou Taran. — Majestade... — Ele dobrou um joelho no chão e abaixou a cabeça.

— Pare com isso, pare com isso — disse Fflewddur. — Não dou mais importância a nada disso.

— Onde fica seu reino? — perguntou Eilonwy.

— A vários dias de viagem a leste de Caer Dathyl — respondeu Fflewddur. — É um reino vasto...

Logo após essas palavras, Taran ouviu mais um som estridente.

— Que coisa mais chata! — exclamou o bardo. — Lá se vão mais duas cordas. Como eu estava dizendo... Sim, bem, na verdade é um reino bastante *pequeno*, no norte, muito sem graça e melancólico. De maneira que renunciei a ele. Sempre tinha adorado a vida de bardo e todo esse vagar pelo mundo, e foi isso que decidi fazer.

— Pensei que os bardos tivessem que estudar muito — observou Eilonwy. — Uma pessoa não pode simplesmente decidir...

— Pois é, este foi um dos problemas — admitiu o ex-rei. — Eu estudei; me saí bastante bem nos exames... — Uma pequena corda, na extremidade superior da harpa, partiu-se com um tilintar agudo e enroscou-se para o alto como uma gavinha de hera. — Eu me saí muito *mal* — prosseguiu ele —, e o Conselho de Bardos recusou-se a me aceitar. Francamente, nos dias de hoje eles querem que você saiba tanta coisa.

Livros e mais livros de poesia, e cânticos, e música, e cálculos das estações, e história, e mais todos os tipos de alfabetos que se pode soletrar com os dedos, e mais sinais secretos. Ninguém poderia enfiar tudo isso na cabeça.

— O Conselho foi muito gentil comigo — prosseguiu Fflewddur. — Taliesin, o Chefe dos Bardos, pessoalmente, me presenteou com esta harpa. Disse que era exatamente o que eu precisava. De vez em quando me pergunto se ele quis realmente me fazer um favor. E uma harpa muito bonita, mas tenho tanto trabalho com as cordas. Eu poderia jogá-la fora e arranjar uma outra, mas tem um tom tão bonito, nunca encontrarei uma tão boa. Se ao menos essas cordas abomináveis...

— Elas de fato parecem quebrar com muita frequência — comentou Eilonwy.

— Sim, isto é verdade — admitiu Fflewddur, um pouco encabulado. — Já reparei que geralmente acontece quando... bem, eu sou um sujeito de temperamento passional, costumo me entusiasmar com facilidade. E às vezes, hum, reinterpreto ligeiramente os fatos, apenas para criar um efeito dramático, se me compreendem.

— Se você parasse de reinterpretar tanto os fatos — observou Eilonwy —, talvez não tivesse tantos problemas com a harpa.

— Pois é, imagino que não — disse o bardo com um suspiro. — Eu tento, mas é difícil, muito difícil. Na qualidade de rei, você acaba adquirindo o hábito. Por vezes, acho que passo mais tempo consertando as cordas do que tocando. Mas a vida é assim. Não se pode ter tudo.

— Para onde estava viajando quando Achren o capturou? — perguntou Taran.

— Para nenhum lugar em particular — respondeu Fflewddur. — Esta é uma das vantagens. Você não tem que se apressar para chegar a algum lugar. Você apenas vai andando e, quando vê, chegou lá. Infelizmente, neste caso, foi na masmorra de Achren. Ela não gostou do que toquei. Aquela mulher não tem ouvido para música — acrescentou, estremecendo.

— Majestade — disse Taran —, quero pedir-lhe um obséquo.

— Por favor — disse o ex-rei —, Fflewddur o fará com prazer. Estou encantado! Não concedi nenhum obséquo desde que renunciei ao meu trono.

Fflewddur Fflam e Eilonwy sentaram-se na relva, enquanto Taran relatava sua busca de Hen Wen e o que Gwydion lhe havia contado a respeito do Rei Cornudo e do levante dos cantreves. Gurgi, depois de acabar sua refeição, aproximou-se silenciosamente e agachou-se num morrinho para ouvir.

— Não há qualquer dúvida em minha mente — prosseguiu Taran — de que os Filhos de Don precisam ser informados da insurreição antes que o Rei Cornudo ataque. Se ele triunfar, Arawn estará com as mãos no pescoço de Prydain. Já vi com meus próprios olhos o que isso significa. — Ele se sentiu constrangido por estar falando como se fosse um líder de guerra numa câmara de

conselho, mas logo as palavras começaram a fluir mais facilmente. Talvez, pensou, porque estivesse falando por Gwydion.

— Compreendo seu plano — interrompeu Fflewddur. — Quer continuar à procura de sua porca e quer que eu avise os guerreiros de Don. Esplêndido! Partirei para lá imediatamente. E se os exércitos do Rei Cornudo me alcançarem...

O bardo parou e deu uma estocada no ar. — Eles conhecerão a bravura de um Fflam!

Taran fez que não com a cabeça,

— Não, eu farei a jornada até Caer Dathyl, pessoalmente. Não duvido de sua bravura — disse ao bardo —, mas o perigo é grande demais. Não pediria a mais ninguém que o enfrentasse por mim.

— Quando pretende procurar sua porca? — perguntou Fflewddur.

— Minha missão pessoal — respondeu Taran, olhando para o bardo — deve ser abandonada. Se for possível, depois que a missão mais importante for cumprida, pretendo retomá-la. Até lá, estarei dedicado unicamente ao objetivo de Gwydion. Ele perdeu sua vida por minha causa, e é justo que eu faça o que acredito que ele teria feito.

— Da maneira como compreendo a situação — disse o bardo —, creio que você está culpando demais a si mesmo. Você não tinha como saber que Gwydion não estava na masmorra.

— Isso não muda nada — respondeu Taran. — Já tomei minha decisão.

Fflewddur esteve à beira de protestar, mas a firmeza das palavras de Taran silenciaram o bardo. Depois de um instante, ele perguntou:

— Então qual é o obséquio que deseja pedir?

— Na verdade, são dois — respondeu Taran. — Primeiro, diga-me como posso chegar a Caer Dathyl tão rapidamente quanto for possível. Segundo, suplico-lhe que conduza esta garota em segurança até sua família.

Antes que Fflewddur pudesse abrir a boca, Eilonwy deu um grito de indignação e levantou-se de um salto.

— Conduzida? Eu serei conduzida para onde eu quiser! Não vou ser mandada de volta só para poder ser mandada para algum outro lugar, e será mais um lugar medonho, pode ter certeza. Não, eu também vou para Caer Dathyl!

— Já existe bastante risco — declarou Taran —, sem ter que me preocupar com uma garota.

Eilonwy pôs as mãos sobre os lábios. Seus olhos faiscaram.

— Não gosto de ser chamada de “uma garota” e “esta garota” como se eu não tivesse um nome. E como se alguém lhe enfiasse a cabeça num saco de pano. Se você tomou suas decisões, eu também tomei as minhas. Não vejo como vai me impedir. E se *você* — acrescentou rapidamente, apontando para o bardo — tentar me conduzir de volta para meus parentes idiotas e mesquinhos, e eles mal têm algum laço de parentesco comigo, para começar, aquela harpa vai virar picadinho pendurada em suas orelhas!

Fflewddur piscou os olhos e abraçou a harpa protetoramente, enquanto Eilonwy prosseguia.

— E se um certo Porqueiro-Assistente, eu nem sequer mencionarei o nome dele, discordar disso, vai cometer um erro ainda maior!

Todos começaram a falar ao mesmo tempo.

— Parem com isso! — gritou Taran o mais alto que pôde. — Então muito bem — disse, depois de os outros se calarem. — Você — disse para Eilonwy — poderia ser amarrada e posta no lombo de Melyngar. Mas — acrescentou levantando a mão antes que a garota pudesse interromper — isto não será feito. *Não* por causa de toda a confusão que está criando, mas porque agora me dou conta de que é a melhor solução.

O bardo demonstrou surpresa. Taran prosseguiu.

— Há maior segurança em um número maior de pessoas. Não importa o que aconteça, haverá mais possibilidade de um de nós chegar a Caer Dathyl. Creio que todos nós devemos continuar juntos.

— E o fiel Gurgi também! — berrou Gurgi. — Ele vai junto! Há muitos inimigos malvados de atalaia e de tocaia, só à espera de espetá-lo nas pontas de suas lanças!

— Se ele concordar — disse Taran —, Fflewddur será nosso guia. Mas estou avisando a vocês — acrescentou, olhando para Gurgi e para Eilonwy — que nada deve retardar o cumprimento de nossa missão.

— Normalmente — disse Fflewddur —, prefiro estar no comando desse tipo de expedição. Mas — prosseguiu, quando Taran se preparava para protestar —, uma vez que você está agindo em nome de Lorde Gwydion, aceito sua autoridade como aceitaria a dele. — Ele fez uma profunda mesura. — Eis aqui um Fflam às suas ordens.

— Então, avante! — gritou o bardo. — E se tivermos que dar combate, assim seja! Ora, já não abri caminho com a espada em meio a paredes de lanceiros?...

Seis cordas da harpa se partiram ao mesmo tempo e as outras se retesaram de tal maneira que pareciam prestes a se romperem. Enquanto Taran selava Melyngar, o bardo se dedicava, pesaroso, a consertar sua harpa.

Fuga pelas Montanhas

Logo de início, Taran ofereceu Melyngar para que Eilonwy montasse, mas a garota recusou. — Posso caminhar tão bem quanto qualquer de vocês — exclamou tão furiosa, que Taran não tocou mais no assunto; havia aprendido a ter cuidado com a língua afiada da garota. Então ficou acertado que a égua branca carregaria as armas trazidas do Castelo Espiral, exceto a espada Dyrnwyn, da qual Eilonwy havia se nomeado guardiã.

Riscando a terra com a ponta do punhal, Fflewddur Fflam mostrou a Taran o caminho que pretendia seguir.

— Os exércitos do Rei Cornudo certamente ficarão no vale do Ystrad. E o caminho mais fácil para um exército em marcha. O Castelo Espiral estava aqui — acrescentou, com uma espetadela zangada para marcar o lugar —, a oeste do rio Ystrad. Agora, o caminho mais curto seria seguir direto para o norte, atravessando estas montanhas.

— Então este é o caminho que devemos tomar — disse Taran, tentando vencer a dificuldade para compreender as linhas entrecortadas que Fflewddur Fflam havia riscado.

— Eu não o recomendaria, meu amigo. Estaríamos passando um pouco perto demais de Annuvin. As fortalezas de Arawn ficam próximas do Castelo Espiral e sugiro que nos mantenhamos longe delas. Bem, o que acho que devemos fazer é o seguinte: marchar pelas terras montanhosas da margem oeste do Ystrad. Podemos ir pratica-

mente em linha reta, uma vez que não teríamos que seguir o vale propriamente dito. Dessa maneira, podemos evitar tanto Annuin quanto o Rei Cornudo. Nós quatro podemos andar mais depressa do que guerreiros com armas pesadas. Sairemos do vale muito na frente deles, não muito longe de Caer Dathyl. De lá, teremos que ir correndo, e nossa tarefa estará cumprida. — Fflewddur se levantou, sorrindo radiante de satisfação. — Pronto, está tudo aí— observou limpando a terra do punhal. — Uma estratégia brilhante. Nem meu líder de guerra poderia ter concebido algo melhor.

— Sim — respondeu Taran, a cabeça ainda confusa com a conversa do bardo sobre terras montanhosas e margens oeste —, parece-me muito razoável.

Eles desceram para uma vasta campina ensolarada. A manhã acabara por se abrir num belo dia de sol de temperatura agradável, o orvalho ainda cobria as dobradas folhas de relva. Encabeçando o grupo de viajantes, Fflewddur caminhava a passos largos, andando ligeiro com suas pernas compridas e finas. A harpa balançava sobre suas costas; a capa sobre os ombros estava enrolada para trás. Eilonwy, com os cabelos desalinhados pela brisa, a grande espada preta pendurada nas costas, ia logo atrás, com Gurgi imediatamente depois dela. Tantas novas folhas e gravetos tinham se colado ao cabelo de Gurgi que ele começara a parecer uma represa de castor ambulante; ele caminhava adiante a passos largos, balançando os braços, sacudindo a cabeça de um lado para o outro, gemendo e resmungando.

Segurando as rédeas de Melyngar, Taran vinha por último na fila. Não fosse pelas armas amarradas à sela da égua, aqueles viajantes poderiam estar fazendo um passeio

primaveril. Eilonwy tagarelava alegremente, de vez em quando, Fflewddur soltava a voz e cantava um trecho de canção. Só Taran estava intranquilo. Para ele, a manhã ensolarada parecia enganadoramente agradável: as árvores tingidas de dourado pareciam esconder sombras escuras. Ele estremeceu apesar do calor. Seu coração também estava inquieto, enquanto observava seus companheiros. Em Caer Dallben, a vida de ninguém dependia de seu julgamento. Sentia saudades da força e da orientação de Gwydion. Sua própria força, receava, não estava à altura da missão que deveria cumprir. Virou-se uma vez, para um derradeiro olhar na direção do Castelo Espiral, o marco da sepultura de Gwydion. Na crista do morro, claramente delineadas contra as nuvens, surgiram duas figuras.

Taran gritou e gesticulou para que seus companheiros buscassem cobertura no bosque. Melyngar galopou para a frente. Um momento depois, todos eles estavam agachados numa moita. Os cavaleiros seguiram acompanhando a crista do morro, distantes demais para que Taran pudesse ver seus rostos claramente, mas, pela postura rígida de seus corpos, podia imaginar as feições lívidas e os olhos baços dos Nascidos do Caldeirão.

— Há quanto tempo eles estão atrás de nós? — perguntou Fflewddur. — Eles nos viram?

Taran espiou cautelosamente através da cortina de folhas. Apontou para a encosta.

— Lá está sua resposta — disse.

Da crista do morro, os pálidos guerreiros do Caldeirão tinham virado seus cavalos na direção da campina e implacavelmente desciam a encosta.

— Depressa — ordenou Taran. — Temos que ser mais rápidos do que eles.

O grupo não voltou para a campina; em vez disso, correu na direção do bosque. O aparecimento dos Nascidos do Caldeirão, naquele momento, obrigava-os a abandonar o caminho que Fflewddur havia escolhido, mas o bardo tinha esperanças de que pudessem despistar os guerreiros, depois fazer um desvio e voltar ao caminho em terreno mais alto.

Mantendo-se juntos uns dos outros, seguiram em trote brando, sem ousar parar nem para beber água. Embora a floresta oferecesse alguma proteção contra o sol, depois de algum tempo o ritmo da marcha começou a se fazer sentir. Somente Gurgi não parecia fatigado nem desconfortável. Seguiu galopando, na mesma velocidade, e os enxames de mosquitos-do-mangue e outros insetos que o picavam não conseguiam penetrar seus cabelos emaranhados. Eilonwy, que orgulhosamente havia insistido que gostava de correr, agarrava-se ao estribo de Melyngar.

Taran não tinha como ter certeza de quanto os guerreiros haviam se aproximado. Sabia que os Nascidos do Caldeirão dificilmente deixariam de encontrar seus rastros e seguiu-os, no mínimo pelo som, se por mais nada, pois não mais tentavam se mover silenciosamente. A velocidade era a única esperança que lhes restava e, muito depois de a noite começar a cair, continuaram a correr.

Havia se tornado uma corrida às cegas, em meio à escuridão, sob uma lua encoberta por pesadas nuvens. Galhos invisíveis os agarravam ou lhes fustigavam as faces. Eilonwy tropeçou e caiu uma vez, e Taran a ajudou a se levantar. A garota cambaleou e caiu de novo, e sua cabeça arriou, sem forças. Taran desamarrou as armas presas na sela de Melyngar, dividiu o fardo com Fflewddur e Gurgi, e, sem dar ouvidos às reclamações, levantou e em-

purrou Eilonwy para cima da sela. Ela se dobrou para a frente, com o rosto apertado contra a crina dourada da égua.

A noite inteira avançaram com dificuldade pela floresta, que se tornou mais densa e mais fechada, à medida que se aproximavam do vale do Ystrad. Quando os primeiros e hesitantes raios do dia apareceram, até mesmo Gurgi havia começado a cambalear de cansaço e mal conseguia botar um pé peludo diante do outro. Eilonwy havia mergulhado num sono tão profundo que Taran temeu que estivesse doente. Os longos cabelos espalhavam-se sujos e molhados de suor em sua testa; o rosto estava pálido. Com a ajuda do bardo, Taran atirou de cima da sela e a pôs reclinada em uma ribanceira coberta de musgo. Quando ele se aventurou a desafivelar a pesada e incômoda espada, Eilonwy abriu um olho, fez uma careta irritada e tomou a espada das mãos dele, com mais determinação do que Taran havia esperado.

— Você nunca compreende as coisas da primeira vez — murmurou Eilonwy, segurando a arma com firmeza. — Mas imagino que os Porqueiros-Assistentes sejam todos iguais. Eu já disse a você que não pode pegar nesta espada e agora vou dizer pela segunda vez, ou será que é a terceira, ou quarta? Devo ter perdido a conta. — E, dizendo isso, envolveu entre os braços apertados a bainha e mergulhou no sono novamente.

— Devemos descansar aqui — disse Taran para o bardo —, mesmo que seja por pouco tempo.

— No momento — gemeu Fflewddur, que havia se estendido no solo completamente, com os dedos dos pés e o nariz apontando para o céu —, pouco me importa quem me capture. Daria as boas-vindas até a Arawn em

peessoa, e ainda lhe perguntaria se não teria algo de comer para me dar.

— Os Nascidos do Caldeirão podem ter perdido nossa trilha durante a noite — disse Taran esperançosamente, mas sem grande convicção. — Queria muito saber a que distância os deixamos para trás, se é que realmente os deixamos para trás.

Gurgi animou-se um pouco.

— O esperto Gurgi saberá — exclamou —, com espreitadelas e espiadelas!

Um instante depois, Gurgi estava a meio caminho do topo de um alto pinheiro. Escalou com facilidade até a ponta da árvore e empoleirou-se ali, como um enorme corvo, vasculhando a terra na direção por onde tinham vindo.

Enquanto isso, Taran abriu os alforjes. Restava tão pouca comida que não valia a pena dividi-la. Ele e F-flewddur concordaram em dar a Eilonwy as últimas provisões.

Gurgi farejou a comida, mesmo de cima do pinheiro, e desceu às carreiras, fungando todo animado diante da perspectiva de seus lambiscos e petiscos.

— Pare de pensar em comer por um instante — irritou-se Taran. — O que você viu?

— Dois guerreiros estão longe, mas Gurgi os vê. Sim, sim, estão cavalgando cheios de maldade e ferocidade. Mas há tempo para um pequeno lambisco — suplicou Gurgi. — Ah, muito pequeno, para o esperto e bravo Gurgi.

— Acabaram-se os lambiscos — respondeu Taran. — Se os Nascidos do Caldeirão ainda estão atrás de nós, é

melhor você se preocupar menos com comida e mais com sua pele.

— Mas Gurgi vai encontrar petiscos! Muito rápido. Ah, sim, ele é tão esperto para encontrá-los, para acalmar as barrigas dos nobres lordes. Mas eles se esquecerão do pobre Gurgi e não lhe darão nem pedacinhos nem bocadinhos para sua comidinha.

Depois de uma conversa apressada com Fflewddur, que parecia tão faminto quanto Gurgi, Taran concordou que poderiam dar um pequeno tempo para procurar bagas e raízes comestíveis.

— Certíssimo — declarou o bardo. — Melhor comer o que pudermos encontrar agora, enquanto os Nascidos do Caldeirão nos dão uma oportunidade para fazê-lo. Eu ajudarei vocês. Conheço todos os segredos de buscar alimentos em florestas, faço isso constantemente... — A harpa se retesou e uma corda deu sinais de que ia se romper. — Não — acrescentou rapidamente —, é melhor eu ficar com Eilonwy. Para falar a verdade, não sei distinguir um bom cogumelo de um venenoso. Quem me dera que eu soubesse; tornaria essa vida de bardo errante consideravelmente mais satisfatória.

Com sacolas para carregar de volta o que pudessem encontrar, Taran e Gurgi partiram. Em uma pequena comente d'água, Taran parou para encher o cantil de couro de Gwydion. Gurgi, farejando faminto, correu adiante e desapareceu em meio a um grupo de sorveiras-bravas. Perto da margem do riacho, Taran descobriu cogumelos e colheu-os apressadamente. Concentrado em sua busca, não deu muita atenção a Gurgi, até que de repente ouviu gritos angustiados atrás das árvores. Agarrando seus preciosos cogumelos, Taran comeu para ver o que havia a-

contecido e encontrou Gurgi caído no meio do arvoredor, contorcendo-se e gemendo de dor, com um favo de mel a seu lado.

Inicialmente, Taran pensou que Gurgi tivesse sido picado por abelhas. Depois, viu que a criatura estava com um problema mais sério. Enquanto Gurgi subia na árvore para apanhar o mel, um galho morto tinha se partido sob seu peso. A perna torcida estava imobilizada, presa ao solo com o pesado pedaço de madeira atravessado em cima. Taran levantou e afastou o galho.

Arquejante, Gurgi sacudiu a cabeça. — A perna do pobre Gurgi está quebrada — gemeu. — Agora não haverá mais caminhadas e passeadas para ele!

Taran agachou-se e examinou o ferimento. A perna não estava quebrada, mas sofrerá uma violenta torção e inchava rapidamente.

— Agora a cabeça de Gurgi deve ser cortada fora — gemeu a criatura. — Faça isso, grande lorde, faça rápido. Gurgi fechará os olhos bem apertado para não ver as espadas.

Taran olhou para Gurgi atentamente, bem de perto. A criatura estava falando com sinceridade. Seus olhos estavam cravados em Taran com uma expressão de súplica.

— Sim, sim — exclamou Gurgi. — Agora, antes que cheguem os guerreiros silenciosos. Gurgi estará melhor morto por sua espada do que nas mãos deles. Gurgi não pode andar! Tudo será morto com assustadoras bordoadas e estocadas. E melhor...

— Não — declarou Taran. — Você não será deixado na floresta e não vai ter a cabeça cortada, nem por mim nem por ninguém. — Por um instante, Taran quase se arrependeu de suas palavras. A pobre criatura estava

certa, sabia. O fermento só tornaria a marcha mais lenta. E Gurgi, como todos eles, estaria melhor morto que nas mãos de Arawn. Apesar disso, Taran não teve coragem de empunhar a espada.

— Você e Eilonwy podem ir montados em Melyngar — disse Taran, levantando Gurgi e pondo um de seus braços cabeludos em volta do próprio ombro. — Agora vamos lá. Um passo de cada vez...

Taran estava exausto quando alcançaram Eilonwy e o bardo. A garota visivelmente se recuperara e estava tagarelando, ainda mais depressa que antes. Enquanto Gurgi ficava deitado em silêncio na relva, Taran dividiu o favo de mel. As porções foram miseravelmente pequenas.

Fflewddur chamou Taran para um canto.

— Seu amigo cabeludo vai tornar as coisas difíceis — disse baixinho. — Se Melyngar tiver que carregar dois cavaleiros, não sei por quanto tempo vai agüentar.

— Isso é verdade — concordou Taran. — Contudo, não vejo o que mais podemos fazer. Você o abandonaria? *Você* teria coragem de lhe cortar a cabeça fora?

— Mas é claro! — exclamou o bardo. — Num instante! Um Fflam nunca hesita. Troféus de guerra e tudo o mais. Ah, mas que droga e que maçada! Lá se foi outra corda! E como se não bastasse, uma das grossas.

Quando Taran voltou para rearrumar as armas, que agora seriam obrigados a carregar, ficou surpreso ao encontrar uma grande folha de carvalho no chão ao lado de sua capa. Sobre a folha estava a minúscula porção do favo de mel de Gurgi.

— Para o grande lorde — murmurou Gurgi. — Gurgi não está com fome para lambiscos e petiscos hoje.

Taran olhou para o rosto ansioso de Gurgi. Pela primeira vez, eles sorriram um para o outro.

— Seu presente é generoso — disse Taran, em voz baixa e suave —, mas você faz parte de nosso grupo nesta jornada e vai precisar de todas as suas forças. Guarde sua porção: é sua por direito e mais do que ninguém você a merece.

Pôs a mão sobre o ombro de Gurgi com delicadeza. O cheiro de cão de caça molhado não lhe pareceu tão detestável quanto antes.



CAPÍTULO XII

Os Lobos

Durante algum tempo, ao longo do dia, Taran acreditou que finalmente tinham conseguido despistar e deixar para trás os Nascidos do Caldeirão. Mas, no final daquela tarde, os guerreiros reapareceram, saindo de trás de uma distante franja de árvores. Delineadas pelo sol que descia a oeste, as longas sombras dos cavaleiros estendiam-se imensas por toda a encosta da montanha em direção à planície onde a pequena tropa avançava com dificuldade.

— Mais cedo ou mais tarde, teremos que enfrentá-los — declarou Taran, limpando o suor da testa. — Que seja agora. Não pode haver vitória contra os Nascidos do Caldeirão, mas com sorte poderemos resistir a eles durante algum tempo. Se Eilonwy e Gurgi puderem escapar, ainda haverá uma esperança.

Gurgi, deitado atravessado sobre a sela de Melyngar, imediatamente começou com uma enorme gritaria.

— Não, não! O fiel Gurgi fica com o poderoso senhor que poupou sua pobre cabecinha mimosa! O satisfeito e grato Gurgi também lutará, com espadadas e estocadas...

— Apreciamos seus sentimentos — disse Fflewddur —, mas com essa sua perna, vai ser difícil você dar espadadas e estocadas ou qualquer outra coisa.

— Eu também não vou fugir — comunicou Eilonwy. — Estou cansada de correr e ter meu rosto arra-



nhado e minha túnica rasgada, tudo por causa desses guerreiros idiotas. — Ela saltou lépida da sela e apanhou um arco e um punhado de flechas do fardo de Taran.

— Eilonwy! Pare! — exclamou Taran. — Esses homens são imortais! Eles não podem ser mortos!

Embora sobrecarregada pela longa espada pendurada no ombro, Eilonwy corria mais depressa que Taran. Quando ele finalmente a alcançou, já tinha subido um pequeno morro e estava tensionando a corda do arco. Os Nascidos do Caldeirão vinham atravessando a planície a galope. O sol rebrilhava nas espadas desembainhadas.

Taran agarrou a garota pela cintura e tentou tirá-la dali. Recebeu um violento chute nas canelas.

— Mas será que você tem sempre que se meter em tudo? — perguntou Eilonwy com indignação.

Antes que Taran pudesse segurá-la de novo, Eilonwy apontou uma flecha para o sol e murmurou uma frase estranha. Ela encaixou a flecha na corda do arco e fez o lançamento na direção dos Nascidos do Caldeirão. A seta descreveu um arco para cima e quase desapareceu contra os brilhantes raios solares.

Boquiaberto, Taran observou enquanto a seta começava a descida: à medida que ela mergulhava verticalmente em direção à terra, longas fitas espiraladas, como serpentinas prateadas, saltaram e desenrolaram-se de suas penas. Em um instante, uma enorme teia de aranha rebrilhou no ar e começou a descer, flutuando, lentamente, na direção dos cavaleiros.

Fflewddur, que acabara de chegar correndo ao alto do pequeno morro, parou assombrado.

— Grande Belin! — exclamou ele. — O que é aquilo? Parece com os enfeites de banquetes!

A rede lentamente pousou sobre os Nascidos do Caldeirão, mas os pálidos guerreiros não lhe deram atenção. Esporearam as montarias: os fios da teia se partiram e, aos poucos, desfizeram-se e desapareceram.

Eilonwy espalmou a mão sobre a boca.

— Não funcionou! — exclamou, quase em lágrimas. — Da maneira como Achren faz, transforma-se numa grande rede de corda grossa e pegajosa. Ah, deu tudo errado. Tentei ouvir atrás da porta enquanto ela praticava, mas devo ter perdido alguma coisa importante. — Ela bateu o pé e deu as costas para os outros.

— Tire-a daqui! — gritou Taran para o bardo. Desembainhou a espada e a empunhou para enfrentar os Nascidos do Caldeirão. Dentro de minutos, caíam em cima dele. Porém, no mesmo instante em que se preparava para o ataque, viu os cavaleiros vacilarem. Os Nascidos do Caldeirão puxaram as rédeas, refreando os cavalos subitamente. Então, sem nenhum gesto, viraram suas montarias e silenciosamente cavalgaram de volta para as montanhas.

— Funcionou! Afinal funcionou! — exclamou F-flewddur espantadíssimo e exultante.

Eilonwy sacudiu a cabeça.

— Não —, disse Eilonwy, em tom desanimado —, alguma coisa os fez ir embora, mas receio que não tenha sido meu feitiço. — Ela afrouxou a corda do arco e recolheu as flechas que havia deixado cair.

— Acho que sei o que foi — disse Taran. — Eles estão voltando para junto de Arawn. Gwydion me disse que não podiam passar muito tempo longe de Annuvin. A força deles deve ter minguado desde que deixamos o Castelo Espiral e eles chegaram aos limites dela bem aqui.

— Espero que não lhes reste força para voltar para Annuvin — declarou Eilonwy. — Espero que caiam desfeitos em pedaços ou que se enruguem e murchem como morcegos.

— Duvido que isso aconteça — comentou Taran, observando os cavaleiros desaparecerem lentamente, depois de ultrapassarem o cume. — Eles devem saber quanto tempo podem passar e até que distância podem ir, e que ainda devem voltar para junto de seu senhor. — — Taran lançou um olhar de admiração para Eilonwy. — Isso não importa. Eles foram embora. E aquilo foi uma das coisas mais espantosas que já vi. Gwydion tinha uma malha de relva que explodia em chamas, mas nunca encontrei nenhuma outra pessoa que pudesse fazer uma teia como aquela.

Eilonwy olhou para ele surpreendida. Suas faces ruborizaram-se num vermelho mais forte que o do pôr-do-sol.

— Ora, Taran de Caer Dallben — exclamou ela —, acho que esta foi a primeira coisa delicada que você disse para mim. — Então, de repente, Eilonwy jogou a cabeça para trás e fungou. — E claro, eu deveria ter imaginado; foi a teia de aranha. Você estava mais interessado naquilo, não estava se importando que eu estivesse correndo perigo. — Ela foi andando arrogantemente de volta para Gurgi e Melyngar.

— Mas isso não é verdade — gritou Taran. — Eu... eu estava... — Mas, a essa altura, Eilonwy estava fora do alcance de sua voz. Triste e abatido, Taran a seguiu. — Não consigo entender essa garota — comentou com o bardo. — Você consegue?

— Não se preocupe — respondeu Fflewddur. — Ninguém espera que a gente a compreenda.

Naquela noite, eles continuaram a se revezar em turnos para montar guarda, embora boa parte do medo tivesse passado desde que os Nascidos do Caldeirão haviam sumido. O turno de Taran era o último quarto antes da alvorada e, muito antes que o de Eilonwy tivesse acabado, estava acordado.

— E melhor você ir dormir — disse-lhe Taran. — Deixe, eu termino seu quarto de vigia para você.

— Sou perfeitamente capaz de fazer a parte que me cabe — respondeu Eilonwy, que não havia deixado de demonstrar irritação com ele desde aquela tarde.

Taran sabia que não valia a pena insistir. Apanhou seu arco e a aljava de flechas, postou-se de pé junto do tronco escuro de um carvalho, observou a extensão da pradaria tingida de prata pelo luar. Ali perto, Fflewddur roncava vigorosamente. Gurgi, cuja perna não havia mostrado nenhuma melhora, agitou-se inquieto e choramingou dormindo.

— Sabe — começou Taran, cheio de hesitação e constrangimento —, aquela teia de aranha...

— Não quero mais ouvir falar nisso — retrucou Eilonwy.

— Não, o que eu queria dizer era: eu estava realmente preocupado com você. Mas atei-me surpreendeu tanto que esqueci de dizer. Foi muito corajoso de sua parte lutar contra os guerreiros do Caldeirão. Só queria lhe dizer isso.

— Você demorou um bocado de tempo para fazer isso — comentou Eilonwy, com um tom de satisfação na voz. — Mas imagino que Porqueiros-Assistentes costumam

mem ser mais lentos do que se poderia esperar. Provavelmente é por causa do trabalho que eles fazem. Não me compreenda mal, creio que é realmente importante. Só que não é o tipo de coisa em que, com frequência, é preciso ser rápido.

— No início — prosseguiu Taran —, pensei que eu conseguiria chegar a Caer Dathyl sozinho. Agora, vejo que não teria conseguido chegar sequer até aqui sem ajuda. Foi uma sorte que um destino generoso me tivesse trazido companheiros tão corajosos.

— Pronto, agora você fez de novo — exclamou Eilonwy, num tom tão inflamado, que Fflewddur engasgou em um de seus roncões. — Isso é a única coisa com que você se importa! Alguém para ajudá-lo a carregar lanças e espadas e sei lá mais o quê. Poderia ser *qualquer pessoa* e você estaria igualmente satisfeito. Taran de Caer Dallben, não vou mais falar com você.

— Em casa — disse Taran, para consigo mesmo, pois Eilonwy já havia puxado a capa cobrindo a cabeça e estava fingindo que dormia —, nunca acontecia nada. Agora, tudo acontece. Mas, de alguma maneira, parece que nunca consigo fazer as coisas darem certo. — Com um suspiro, ele empunhou o arco, pronto para um lançamento, e iniciou seu quarto de guarda.

Quando chegou a manhã, Taran viu que a perna de Gurgi havia piorado muito e saiu do acampamento para procurar plantas medicinais, agradecido pelo fato de Coll ter-lhe ensinado as propriedades das ervas. Depois preparou um cataplasma e o aplicou no ferimento de Gurgi.

Enquanto isso, Fflewddur começou a desenhar mapas com seu punhal. Os guerreiros do Caldeirão, explicou o bardo, haviam obrigado os companheiros a penetrar

muito no vale do Ystrad. Retornar ao caminho original iria custar-lhes, no mínimo, dois dias de árdua jornada.

— Uma vez que já viemos até aqui — prosseguiu Fflewddur —, poderíamos muito bem fazer a travessia do Ystrad e seguir pelas montanhas, tratando de ficar longe dos olhos do Rei Cornudo. Estaremos a apenas alguns dias de Caer Dathyl e, se mantivermos um bom ritmo de marcha, deveremos chegar lá bem a tempo.

Taran concordou com o novo plano. Ele se dava conta de que seria mais difícil, entretanto acreditava que Melyngar ainda tinha condições de carregar o desafortunado Gurgi, desde que os companheiros dividissem o peso das armas. Eilonwy, esquecendo-se de que não estava falando com Taran, mais uma vez insistiu em caminhar.

Um dia de marcha os levou às margens do Ystrad.

Taran seguiu adiante cautelosamente, pé ante pé. Olhando rio abaixo, para o largo vale, viu uma nuvem de poeira em movimento. Quando voltou correndo e relatou isso a Fflewddur, o bardo deu-lhe uma palmadinha no ombro.

— Estamos na frente deles — declarou. — Esta é uma excelente notícia. Eu estava temeroso de que eles estivessem muito mais perto de nós e que tivéssemos que esperar pelo anoitecer para atravessar o Ystrad. Com isso salvamos meio dia! Se andarmos depressa agora, estaremos no pé das Montanhas Águia antes do pôr-do-sol!

Com sua preciosa harpa erguida acima da cabeça, Fflewddur mergulhou no rio e os outros o seguiram. Ali, o Ystrad era raso, mal passava da cintura de Eilonwy, e os companheiros cruzaram o rio sem maiores dificuldades. Apesar disso, saíram do outro lado com frio e ensopados, e o sol que se punha nem os secou nem os aqueceu.

Deixando para trás o Ystrad, os companheiros escalaram encostas cada vez mais íngremes e mais pedregosas do que quaisquer outras por onde já tinham passado antes. Talvez fosse apenas sua imaginação, mas, para Taran, o ar nas terras nos arredores do Castelo Espiral havia parecido pesado e opressivo. Agora que se aproximavam das Montanhas Águia, Taran sentiu seu fardo tornar-se mais leve, à medida que inalava o perfume refrescante e aromático dos pinheiros.

Ele planejava continuar a caminhada durante a maior parte da noite, mas o estado de Gurgi tinha piorado, obrigando Taran a ordenar uma parada. Apesar do tratamento com as ervas, a perna de Gurgi estava muito inflamada e ele tremia de febre. Parecia magro e triste, a sugestão de lambiscos e petiscos não foi capaz de animá-lo. Mesmo Melyngar demonstrava preocupação. Enquanto Gurgi permanecia deitado, de olhos semicerrados, os lábios ressequidos apertados contra os dentes por causa da dor, a égua branca esfregou o focinho nele delicadamente, relinchando e bufando ansiosamente, como se tentando confortá-lo da maneira que podia.

Taran decidiu se arriscar a acender uma pequena fogueira. Ele e Fflewddur estenderam Gurgi ao lado dela. Enquanto Eilonwy sustentava a cabeça da pobre criatura sofredora e dava-lhe de beber do cantil de couro, Taran e o bardo afastaram-se um pouco e conversaram em voz baixa.

— Eu fiz tudo o que sei — disse Taran. — Se existe alguma outra coisa, está além dos meus conhecimentos. — Ele sacudiu a cabeça pesaroso. — Gurgi definhou de uma maneira horrível hoje, e agora resta tão pouco dele

que tenho a impressão de que poderia levantá-lo com apenas uma das mãos.

— Caer Dathyl não está muito longe daqui — disse Fflewddur—, mas receio que nosso amigo não vá viver para vê-la.

Naquela noite, lobos uivaram na escuridão além da fogueira.

Durante todo o dia seguinte, os lobos os seguiram, por vezes silenciosamente, por vezes latindo uns para os outros, como se trocando sinais. Permaneciam sempre fora do alcance do arco, mas Taran vislumbrava as formas cinzentas esguias, esgueirarem-se trêmulas, desaparecendo e surgindo de trás das árvores raquíticas.

— Desde que não se aproximem mais — disse Taran para o bardo —, não precisamos nos preocupar com eles.

— Ah, eles não vão nos atacar — garantiu Fflewddur. — Pelo menos, não agora. Podem ser irritantemente pacientes quando sabem que alguém está ferido. — Ele lançou um olhar ansioso na direção de Gurgi. — Para eles, é apenas uma questão de esperar.

— Bem, tenho que confessar que você sabe dar alegria aos outros — comentou Eilonwy. — Fala como se a única possibilidade que temos pela frente é acabar sendo devorados.

— Se eles atacarem, nós os repeliremos — declarou Taran em voz baixa. — Gurgi estava disposto a dar sua vida por nós, não farei menos por ele. Sobretudo, não devemos desanimar. Agora que estamos tão perto do fim de nossa jornada.

— Um Fflam nunca desanima! — exclamou o bardo. — Que venham os lobos ou o que quiserem!

Apesar disso, uma inquietação apoderou-se dos companheiros, enquanto os vultos cinzentos continuavam a segui-los, e Melyngar, dócil e obediente até então, tornou-se espantadiça, dando mostras de nervosismo. A égua de crina dourada atirava a cabeça para trás e revirava os olhos cada vez que alguém tentava conduzi-la.

Para piorar as coisas, Fflewddur declarou que o progresso pelas montanhas estava lento demais.

— Se formos mais para leste — disse o bardo —, encontraremos algumas montanhas realmente altas. No estado em que estamos, não teríamos condição de escalá-las. Mas aqui, estamos praticamente emparedados. Todas as trilhas que seguimos nos desviaram de nossa rota. Aqui, os penhascos — prosseguiu ele, apontando para a gigantesca massa de rocha à sua esquerda — são escarpados demais para serem transpostos. Tinha imaginado que encontraríamos um desfiladeiro antes de chegarmos aonde estamos. Bem, não temos outra alternativa. Podemos apenas continuar seguindo rumo ao norte o máximo que pudermos.

— Os lobos não parecem ter nenhum problema para saber qual o caminho — declarou Eilonwy.

— Minha cara menina — respondeu o bardo, com alguma indignação —, se eu pudesse correr sobre quatro patas e farejar meu jantar a um quilômetro e meio de distância, creio que também não teria qualquer dificuldade.

Eilonwy deu uma de suas risadinhas.

— Eu adoraria ver você tentar — retrucou ela.

— Mas nós temos alguém que pode comer sobre quatro patas — disse Taran, de repente. — Melyngar. — Se há alguém capaz de encontrar o caminho para Caer Dathyl, é ela.

O bardo estalou os dedos.

— Isso mesmo! — exclamou. — Todo cavalo conhece o caminho de casa! Vale a pena tentar... e não podemos ficar em situação pior do que essa em que agora estamos.

— Para um Porqueiro-Assistente — disse Eilonwy para Taran —, você de fato tem umas idéias interessantes de vez em quando.

Quando os companheiros se puseram em marcha de novo, Taran largou as rédeas e deixou Melyngar seguir por onde quisesse. Com Gurgi semiconsciente amarrado à sua sela, a égua branca avançou em trote ligeiro, com passo determinado.

Quando chegou o meio da tarde, Melyngar descobriu um caminho estreito que, Fflewddur admitiu, ele próprio teria deixado passar despercebido. A medida que o dia ia chegando ao fim, Melyngar os conduziu rapidamente por desfiladeiros rochosos até altos espinhaços. Os companheiros tinham que se esforçar para acompanhá-la. Quando ela saiu a meio galope por uma longa ribanceira, Taran a perdeu de vista por um instante e avançou correndo a tempo de ver a égua de relance, enquanto ela fazia uma curva brusca contornando um afloramento de pedra branca.

Gritando para que o bardo e Eilonwy o seguissem rapidamente, Taran continuou a correr mais à frente. Então ele parou de repente. A sua esquerda, numa alta saliência de rocha, estava agachado um enorme lobo de olhos dourados e com a língua vermelha para fora. Antes que Taran pudesse puxar a espada, o animal esguiou saltou.

O Vale Escondido

O impacto do corpo pesado e peludo apanhou Taran em pleno peito e o derrubou no chão. Enquanto caía, ele viu Fflewddur de relance. O bardo também fora derrubado ao solo sob as patas de um outro lobo. Eilonwy, contudo, ainda estava de pé, embora um terceiro animal estivesse agachado à sua frente.

A mão de Taran voou para a espada. O lobo cinzento mordeu seu braço. Entretanto, os dentes do animal não se enterraram na carne, mas seguraram-no com uma firmeza imbatível.

No final da ribanceira, subitamente, apareceu um vulto imenso vestido em trajes cerimoniais. Melyngar estava parada atrás dele. O homem levantou o braço e deu uma ordem. Imediatamente, o lobo segurando Taran abriu os maxilares e afastou-se, tão obediente quanto um cachorro. O homem caminhou a passos largos na direção de Taran, que se levantou rapidamente.

— O senhor salvou nossas vidas — disse Taran. — Estamos muito agradecidos.

O homem falou de novo com os lobos, e os animais se juntaram ao seu redor, ganindo e sacudindo o rabo. Ele era uma figura de aparência estranha, corpulento e musculoso, com o vigor de uma árvore muito velha, mas robusta. Os cabelos brancos desciam abaixo dos ombros e a barba chegava até a cintura. Cingindo-lhe a testa, usava



uma estreita tira de ouro, engastada com uma única pedra preciosa azul.

— Essas criaturas — disse ele numa voz grave e severa, mas não sem gentileza — nunca foram perigo para suas vidas. Mas devem sair deste lugar. Não é residência para a raça dos homens.

— Estávamos perdidos — disse Taran. — Estávamos seguindo nosso cavalo...

— Melyngar? — O homem cravou um par de olhos cinzentos em Taran. Sob a testa alta e as sobrancelhas fartas, eles faiscavam como a geada sobre um vale. — Melyngar me trouxe vocês quatro? Pensei que o jovem Gurgi estivesse sozinho. Então, por favor, venham, se são amigos de Melyngar. E Melyngar, não é? Ela se parece tanto com a mãe dela; e há tantos deles que nem sempre consigo guardar todos os seus nomes.

— Eu sei quem é o senhor —, exclamou Taran. — O senhor é Medwyn!

— Quer dizer que é isso que sou agora? — respondeu o homem com um sorriso que lhe franziu o rosto. — Sim, já fui chamado de Medwyn. Mas como você sabe disso?

— Eu sou Taran de Caer Dallben. Gwydion, Príncipe de Don, era meu companheiro, e ele me falou do senhor antes... antes de sua morte. Estava numa jornada a caminho de Caer Dathyl, como nós estamos agora. Nunca sonhei que pudesse encontrá-lo.

— E tinha toda a razão — respondeu Medwyn. — Não poderia ter-me encontrado. Só os animais conhecem o meu vale. Melyngar o conduziu até aqui. Você disse Taran? De Caer Dallben? — Ele pôs a mão enorme sobre a

testa. — Deixe-me pensar. Sim, tenho certeza de que tenho visitantes de Caer Dallben.

O coração de Taran deu um salto.

— Hen Wen? — exclamou ele. Medwyn lançou-lhe um olhar surpreso.

— Estava procurando por ela? Ora, mas isso é curioso. Não, ela não está aqui.

— Mas eu tinha pensado...

— Falaremos a respeito de Hen Wen mais tarde — disse Medwyn. — Seu amigo está seriamente ferido, você sabe. Venha, farei o que puder por ele. — Ele fez um gesto para que o acompanhassem.

Os lobos caminharam silenciosamente atrás de Taran, Eilonwy e do bardo. No lugar onde Melyngar esperava, ao final do barranco, Medwyn tirou Gurgi da sela, pegando-o no colo, como se a criatura não pesasse mais que um esquilo. Gurgi ficou deitado em silêncio nos braços de Medwyn.

O grupo desceu uma trilha estreita. Medwyn caminhava à frente, em passadas largas, tão lenta e pesadamente que era como se uma árvore estivesse andando. Os pés do ancião estavam descalços, mas as pedras pontiagudas e os seixos não o incomodavam. O caminho fazia uma curva fechada para um lado, depois de novo para o outro. Medwyn passou por uma brecha, em uma saliência de rocha nua no penhasco e, quando Taran viu, eles tinham entrado em um vale ensolarado, verdejante. Montanhas, aparentemente intransponíveis, erguiam-se nas alturas, por toda parte ao redor. Ali, o ar tornou-se mais agradável, sem o sopro cortante do vento; a relva estendia-se farta e macia diante dele. Incrustados em meio a frondosas cicutas havia chalés brancos, de teto baixo, não muito diferen-

tes dos de Caer Dallben. Ao vê-los, Taran sentiu uma pontada de saudades de casa. Em relevo contra o paredão da encosta, atrás dos chalés, ele viu o que, inicialmente, pareciam ser fileiras de troncos de árvores cobertos de musgo. A medida que os observou melhor descobriu, para sua surpresa, que pareciam mais as cavernas e os caibros, semelhantes às costelas de um esqueleto, que partiam perpendicularmente da quilha formando o costado de um navio de grande calado. A terra cobria-os quase que inteiramente; relva e flores do prado haviam crescido ao seu redor, apagando ainda mais seus contornos e tornando-os parte integrante da própria montanha.

— Tenho que admitir que o velho está bem escondido aqui — cochichou Fflewddur. — Eu nunca teria conseguido encontrar a trilha de entrada para o vale e duvido que possa encontrar a trilha de saída.

Taran assentiu. O vale era o mais bonito que jamais vira. O gado pastava tranqüilamente na campina. Perto das cicutas, um pequeno lago refletia o céu e rebrilhava em tons de azul e branco. A plumagem de cores vivas dos passarinhos lampejava em meio às árvores. No mesmo instante em que começou a atravessar a ampla extensão do relvado verde e viçoso, Taran sentiu a exaustão desaparecer de seu corpo dolorido.

— Vejam ali, é uma corça! — exclamou Eilonwy encantada.

Saindo de trás dos chalés, uma corça parda, sarapinhada e de pernas compridas, apareceu, farejou o ar, então trotou rapidamente na direção de Medwyn. A graciosa criatura não deu nenhuma atenção aos lobos, mas saltou, brincando alegremente, ao lado do ancião. A corça manteve-se timidamente afastada dos desconhecidos, mas afi-

nal foi vencida pela curiosidade e, pouco depois, estava encostando o focinho e a boca na mão de Eilonwy.

— Nunca vi uma corça assim de perto — comentou a garota. — Achren nunca teve animais de estimação... pelo menos nenhum que quisesse ficar com ela. Eu realmente não posso censurá-los por isso. Esta aqui é linda, linda; faz você sentir o corpo todo tinindo, como se estivesse tocando no vento.

Medwyn, fazendo um gesto para que esperassem, carregou Gurgi para o interior de um dos chalés. Os lobos sentaram nos quartos traseiros e vigiaram os viajantes com os olhos puxados. Taran tirou a sela de Melyngar, que começou a pastar a relva macia. Meia dúzia de galinhas cacarejavam e ciscavam ao redor de um galinheiro branco bem cuidado. O galo levantou a cabeça e mostrou uma crista chanfrada.

— Aquelas são as galinhas de Dallben! — exclamou Taran. — Têm que ser elas! Lá está a galinha marrom, a branca... eu conheceria aquela crista em qualquer lugar. — Ele correu para junto delas e deu um cacarejo.

As galinhas, mais interessadas em comer, não lhe deram muita atenção.

Medwyn reapareceu na soleira da porta. Trazia uma enorme cesta de vime cheia de jarras de leite, queijo, favos de mel e frutas que, nas planícies, só estariam maduras dali a um mês.

— Vou cuidar do amigo de vocês agora mesmo — disse ele. — Enquanto isso, imaginei que poderiam apreciar... Ah, sim, então você as encontrou, não é? — observou ele, reparando em Taran junto das galinhas. — Estes são meus visitantes de Caer Dallben. Deve haver um enxame de abelhas, também, em algum lugar por aí.

— Elas levantaram vôo em bando e foram embora — relatou Taran — no mesmo dia em que Hen Wen fugiu.

— Imagino que tenham vindo direto para cá — comentou Medwyn. — As galinhas estavam petrificadas de medo, não consegui compreender nada do que diziam. Ah, elas se acalmaram bastante rapidamente, mas é claro que àquela altura já tinham se esquecido de por que haviam fugido. Você sabe como são as galinhas, num instante imaginam que o mundo vai acabar e no seguinte estão ciscando milho. Todas elas voarão de volta quando estiverem prontas, não se preocupe. Embora seja uma tristeza que até lá Dallben e Coll tenham que passar sem ovos.

— Eu gostaria de convidá-los para entrar — prosseguiu Medwyn —, mas no momento está tudo uma enorme bagunça, os ursos estiveram por aqui na hora do café da manhã e vocês podem imaginar o estado em que se encontram as coisas. De maneira que me vejo obrigado a pedir que se sirvam e cuidem de si mesmos sozinhos. Se quiserem descansar, há montes de palha no estábulo: deitar por lá não deve ser assim tão desconfortável para vocês.

Os viajantes não perderam tempo em se servir das provisões oferecidas por Medwyn, nem em ir para o estábulo. O doce perfume do feno enchia a construção de teto baixo. Com as mãos em concha, eles escavaram ninhos no monte de palha e descobriram um dos visitantes de Medwyn daquela manhã, enrascado e dormindo profundamente. Fflewddur, inicialmente temeroso, finalmente se convenceu de que comer bardos não apetecia nem um pouco ao urso, e logo começou a roncar. Eilonwy adormeceu bem no meio de uma de suas frases.

Taran não sentia nenhuma vontade de descansar. O vale de Medwyn o deixara mais repousado que uma noite de sono. Saiu do estábulo e foi passear pela campina. Do outro lado do lago, lontras haviam construído um escorrega e estavam se divertindo descendo por ele às cambalhotas até cair na água. Diante da aproximação de Taran, pararam por um momento, levantaram a cabeça para olhar para ele, como se lamentassem que Taran não pudesse vir brincar com elas, depois retomaram a brincadeira. Um peixe emergiu, agitando a superfície da água com uma cintilação de escamas prateadas; os círculos concêntricos se abriram em ondulações cada vez maiores até o último deles bater suavemente na margem.

Medwyn, observou Taran, tinha jardins floridos e uma horta atrás do chalé. Para sua surpresa, Taran descobriu-se ansiando pelo trabalho com Coll em sua própria horta. A tarefa de limpar as ervas daninhas e de cavar a terra com a enxada, que ele tanto havia desprezado em Caer Dallben, agora parecia, enquanto pensava na jornada que havia feito e na jornada que ainda estava por vir, infinitamente agradável.

Sentou-se junto à margem do lago e olhou para as montanhas mais além. Com o sol descansando sobre os picos, o esqueleto de madeira do grande navio destacava-se muito nitidamente contra o monte que quase o envolvia. Taran não teve muita chance de examiná-lo, pois Medwyn apareceu, atravessando vagarosamente a campina. A corça trotava a seu lado, os três lobos o seguiam. Com a longa bata marrom e seus cabelos brancos, Medwyn parecia tão grandioso e sólido quanto uma montanha de pico nevado.

— Gurgi agora está passando melhor que antes — disse o velhíssimo ancião em sua voz grave. A corça saltava dançando junto ao lago enquanto Medwyn sentava-se pesadamente e inclinava a enorme cabeça na direção de Taran.

— Ele vai se recuperar e ficar bem, agora não há mais perigo. Pelo menos, enquanto ele estiver aqui.

— Tenho pensado muito em Gurgi — revelou Taran, olhando francamente para os olhos cinzentos do ancião. Então explicou o motivo de sua viagem e os eventos que haviam resultado no acidente de Gurgi. Medwyn ouviu atentamente, a cabeça inclinada para um lado, pensativo, enquanto Taran relatava a generosa disposição de Gurgi em sacrificar sua própria vida para não pôr em perigo a dos outros. — Inicialmente, ele não me agradava nem um pouco — admitiu Taran. — Agora, comecei a gostar dele, apesar de todas as manhas, lamúrias e queixas.

— Todas as coisas vivas merecem nosso respeito — disse Medwyn, franzindo as longas sobranceiras desgrenhadas —, sejam elas humildes ou orgulhosas, feias ou bonitas.

— Eu não diria isso sobre os guidaintes — respondeu Taran.

— A única coisa que sinto por essas infelizes criaturas é uma pena enorme — declarou Medwyn. — Outra, há muito tempo eram livres como pássaros, meigas e dóceis. Com sua astúcia, Arawn atraiu-as, seduziu-as e tomou-as prisioneiras de seu feitiço. Ele construiu as gaiolas de ferro que agora são as jaulas que as abrigam em Annuvin. As torturas infligidas aos guidaintes foram vergonhosas e indescritíveis. Agora eles servem Arawn por puro temor.

— Ele se dedicaria a corromper todos os animais em Prydain — Medwyn continuou — exatamente da mesma maneira, até mesmo a raça dos homens. Este é um dos motivos pelos quais permaneço aqui neste vale. Aqui, Arawn não pode lhes fazer mal. Apesar disso, se ele vier a se tornar o soberano dessa terra, duvido que eu de alguma forma possa ajudá-los. Aqueles que caírem em suas mãos deverão se considerar afortunados se tiverem uma morte rápida.

Taran assentiu.

— Compreendo cada vez mais por que devo alertar os Filhos de Don. Quanto a Gurgi, fico me perguntando se não seria mais seguro para ele ficar aqui.

— Mais seguro? — perguntou Medwyn. — Sim, com certeza seria. Mas você o feriria profundamente se o deixasse para trás agora. A infelicidade de Gurgi é que, no presente momento, ele não é nem uma coisa nem outra. Ele perdeu a sabedoria dos animais e ainda não adquiriu o saber dos homens. Por causa disso, uns e outros o evitam. Se lhe fosse dada a possibilidade de fazer alguma coisa importante, significaria muito para ele.

— Duvido que ele vá atrasar sua jornada, pois poderá andar tão bem quanto você a partir de amanhã, facilmente — prosseguiu Medwyn. — Recomendo-lhe enfaticamente que o leve. Pode ser até que ele descubra, à sua maneira, uma forma de prestar serviço a você. Nunca se recuse a prestar ajuda quando sua ajuda for necessária nem tampouco se recuse a aceitar ajuda de alguém quando esta lhe for oferecida. Gwythir, Filho de Greidawl, aprendeu isso com uma formiguinha manca, sabe?

— Uma formiga manca? — Taran sacudiu a cabeça. — Dallben me ensinou muita coisa sobre formigas, mas nunca me disse nada sobre uma formiguinha manca.

— E uma longa história — disse Medwyn — e talvez você vá ouvi-la inteira numa outra ocasião. Por ora, só precisa saber que quando Kilhuch, ou será que foi o pai dele? Não, foi o jovem Kilhuch. Pois muito bem. Quando o jovem Kilhuch pediu a mão da formosa Olwen em casamento, foi incumbido de cumprir numerosas tarefas pelo pai dela, Yspadadden, que era o Gigante Chefe naquela época. Quais foram essas tarefas, agora não nos interessa, exceto que eram realmente quase que impossíveis, e

Kilhuch não poderia tê-las cumprido sem a ajuda de seus companheiros.

“Uma das tarefas era colher nove alqueires de sementes de linho, embora dificilmente houvesse toda essa quantidade em suas terras. Pelo bem de seu amigo, Gwythir, Filho de Greidawl, tomou a seu cargo fazer isso. Enquanto estava caminhando pelas montanhas, perguntando a si mesmo como poderia conseguir realizá-la, ouviu terríveis gritos angustiados vindos de um formigueiro: um incêndio espontâneo havia irrompido ao redor do formigueiro e as formigas estavam correndo risco de vida. Gwythir, sim, tenho certeza absoluta de que foi Gwythir, empunhou a espada e apagou o fogo.

“Em troca, para manifestar sua gratidão, as formigas esquadrinharam todos os campos até terem recolhido os nove alqueires. Contudo, o Gigante Chefe, um sujeito exagerada-mente detalhista e desagradável, reclamou que a medida não estava completa. Faltava uma semente de linho e, esta, deveria ser entregue antes do anoitecer.

“Gwythir não tinha idéia de onde poderia encontrar mais uma semente de linho, mas, finalmente, justo quando o sol havia começado a se pôr, mancando, apareceu uma formiguinha carregando um fardo pesado. Era aquela única semente de linho que faltava e assim a medida foi completada.”

— Eu estudei por muito tempo a raça dos homens — prosseguiu Medwyn. — Já vi que, sozinhos, vocês ficam fracos como juncos nas margens de um lago. Vocês precisam aprender a ajudar a si próprios, isto é verdade; mas também precisam aprender a se ajudar uns aos outros. Não são vocês, todos vocês, formiguinhas mancas?

Taran ficou em silêncio. Medwyn pôs a mão dentro do lago e agitou a água. Depois de um momento, um venerando salmão subiu à tona formando círculos na água. Medwyn acariciou as mandíbulas do enorme peixe.

— Que lugar é este? — Taran perguntou finalmente, em voz bem baixinha. — O senhor é mesmo Medwyn? O senhor fala da raça dos homens como se não fosse um deles.

— Este é um lugar de paz — respondeu Medwyn — e, portanto, não é adequado para os homens, pelo menos por enquanto. Até que venha a ser, sou o guardião deste vale para as criaturas das florestas e das águas. Quando estão em perigo mortal, elas vêm procurar por mim, se tiverem forças para fazê-lo, e trazem consigo suas dores, sofrimentos, pesar e luto. Você não acredita que os animais saibam o que é luto e medo e dor? O mundo dos homens não é um mundo fácil para eles.

— Dallben — disse Taran — me ensinou que, quando as águas negras inundaram Prydain, há muitas eras, Nevvid Nav Neivion construiu uma arca e nela levou

um casal de todos os seres vivos. As águas depois baixaram, a arca foi parar ninguém sabe onde. Mas os animais que vieram de novo ao mundo, são e salvos, lembravam-se, e suas crias nunca esqueceram. E aqui — disse Taran, apontando para a encosta—, vejo um navio muito distante da água. Gwydion chamou o senhor de Medwyn, mas eu pergunto...

— Eu sou Medwyn — respondeu o homem de barba branca —, apesar de toda a preocupação que meu nome possa lhe causar. Mas agora isto não é importante. Pessoalmente, minha maior preocupação é com Hen Wen.

— Então o senhor não viu sinal dela?

Medwyn sacudiu a cabeça.

— O que Lorde Gwydion disse é verdade: de todos os lugares em Prydain, ela primeiro teria vindo para cá, especialmente se sentisse que sua vida estava em perigo. Mas não houve nenhum sinal, nenhum rumor. Contudo, ela saberia como chegar aqui, mais cedo ou mais tarde, a menos que... Taran sentiu um calafrio contrair seu coração.

— A menos que tenha sido morta — murmurou.
— O senhor acha que foi isso que aconteceu?

— Eu não sei — respondeu Medwyn —, embora receie que seja possível que sim.



O Lago Negro

Naquela noite, Medwyn preparou um banquete para os viajantes. A bagunça deixada pelos ursos tomando café havia sido limpa. O chalé era acolhedor e bem arrumado, embora fosse ainda menor que Caer Dallben. Taran pôde perceber que Medwyn realmente não estava habituado a receber visitantes humanos, pois sua mesa mal tinha o comprimento necessário para que todos sentassem — e como cadeiras, ele fora forçado a usar bancos e banquetas de ordenha.

Medwyn sentou-se à cabeceira da mesa. A corça havia adormecido, mas os lobos estavam agachados a seus pés e sorriam felizes da vida. No encosto de sua cadeira, empoleirava-se uma gigantesca águia de penas douradas, observando todos os movimentos com seus aguçados olhos que não piscavam. Fflewddur, embora ainda apreensivo, não permitiu que o medo afetasse seu apetite. Comeu o bastante para três, sem demonstrar nenhum sinal de estar perto de ficar satisfeito. Mas, quando pediu mais uma porção de carne de veado, Medwyn deu uma longa e gostosa gargalhada e explicou ao espantadíssimo Fflewddur que aquilo não era absolutamente carne e sim verduras preparadas de acordo com uma de suas receitas.

— E claro que é — disse Eilonwy para o bardo. — Você não iria querer que ele cozinhasse seus convidados, não é? Isso seria como convidar alguém para jantar e depois botá-lo para assar. Francamente, acho que os bardos



são tão trapalhões quanto os Porqueiros-Assistentes; nenhum de vocês dois parece ser capaz de pensar muito claramente.

Por mais que apreciasse a comida e a oportunidade de descansar, Taran manteve-se em silêncio durante toda a refeição e permaneceu em silêncio quando se retirou para seu leito de palha. Até aquele momento, nunca imaginara que Hen Wen pudesse não estar viva. Tinha conversado de novo com Medwyn, mas o ancião não pudera lhe dar nenhuma garantia.

Não conseguindo dormir, Taran deixou o estábulo e ficou do lado de fora, olhando para o céu. No ar cristalino da montanha, as estrelas estavam branco-azuladas, mais próximas do que ele jamais as vira. Tentou afastar seus pensamentos de Hen Wen; chegar a Caer Dathyl era a tarefa que havia prometido cumprir e isso por si só seria um bocado difícil. Uma coruja passou voando bem acima de sua cabeça, silenciosa como as cinzas. Uma sombra surgiu de repente a seu lado, sem fazer nenhum ruído. Era Medwyn.

— Não está dormindo? — perguntou Medwyn. — Uma noite sem descanso não é maneira de se começar uma jornada.

— E uma jornada que estou ansioso para ver chegar ao fim — declarou Taran. — De vez em quando, há momentos em que receio que nunca mais volte a ver Caer Dallben.

— O dom de conhecer o fim de suas jornadas não é concedido aos homens — respondeu Medwyn. — Pode ser que você nunca mais volte aos lugares que lhe são mais queridos. Mas de que maneira isso pode importar, se o que você tem que fazer está aqui e agora?

— Eu acho — respondeu Taran em tom veemente e emocionado — que, se eu soubesse que nunca mais voltaria a ver meu lar, ficaria feliz em ficar aqui neste vale.

— Seu coração é jovem e ainda está em formação — observou Medwyn. — Porém, se estou fazendo uma boa leitura do que vejo nele, você está dentre os poucos que eu receberia aqui de bom grado. Na verdade, você pode ficar se assim quiser. Certamente pode confiar sua missão a seus amigos.

— Não — disse Taran, depois de uma longa pausa —, eu me encarreguei de cumpri-la por minha própria escolha e decisão pessoal.

— Se isto é verdade — respondeu Medwyn —, então você também pode desistir dela por sua própria escolha.

De toda parte do vale, pareceu a Taran, soaram vozes pedindo-lhe com insistência que ficasse. As cicutas sussurravam falando de descanso e paz; o lago falava da luz do sol que se demorava em suas profundezas, da alegria das lontras em suas brincadeiras. Ele lhes deu as costas.

— Não — respondeu rapidamente —, minha decisão foi tomada muito antes disso.

— Então — respondeu Medwyn, com gentileza —, assim seja. — Pôs a mão sobre a testa de Taran. — Agora, eu lhe concederei a única coisa que você me permite conceder: uma boa noite de descanso. Durma bem.

Taran não se lembrava de mais nada, nem de voltar para o estábulo nem de se deitar e adormecer, mas na manhã seguinte acordou com sol alto, sentindo-se refeito e fortalecido. Eilonwy e o bardo já tinham acabado a refeição da manhã e Taran ficou radiante ao ver que Gurgi es-

tava com eles. Quando Taran se aproximou, Gurgi deu um ganido de alegria e começou a dar cambalhotas de felicidade.

— Ah, que alegria! — exclamou. — Gurgi está pronto para novas caminhadas e caçadas, ah, sim! E novas procuradelas e espreitadelas! Os grandes lordes foram muito gentis com o feliz e risonho Gurgi!

Taran reparou que Medwyn não só havia curado sua perna, mas também tinha dado um banho e uma boa penteada na criatura. Gurgi agora parecia menos galhudo e folhudo do que antes. Além disso, Taran descobriu que Medwyn enchera os alforjes de comida e acrescentara mantos grossos para todos eles usarem como agasalho.

O ancião chamou os viajantes convidando-os a sentarem-se ao seu redor e depois sentou-se no chão.

— Os exércitos do Rei Cornudo agora estão à frente de vocês, tomaram uma dianteira de um dia de marcha — disse ele —, mas, se seguirem pelos caminhos que revelarei e se andarem depressa, vocês poderão recuperar o tempo que perderam. É possível até mesmo que cheguem a Caer Dathyl um dia, talvez dois antes deles. Contudo, devo adverti-los, as trilhas das montanhas não são fáceis. Se preferirem, posso indicar-lhes um caminho que os levará mais uma vez em direção ao vale do Ystrad.

— Mas assim estaríamos seguindo o Rei Cornudo — disse Taran. — Teríamos menos chance de ultrapassá-lo e também haveria muito perigo.

— Não pense que as montanhas não são perigosas — advertiu Medwyn. — Embora seja um tipo diferente de perigo.

— Um Fflam floresce com o perigo! — exclamou o bardo. — Seja ele montanhas ou os exércitos do Rei

Cornudo, não temo nenhum dos dois... pelo menos não muito — acrescentou rapidamente.

— Arriscaremos as montanhas — declarou Taran.

— Pelo menos desta vez você escolheu a coisa certa — interrompeu Eilonwy. — As montanhas certamente não vão atirar lanças contra nós, por mais perigosas que sejam. Realmente acho que você está melhorando.

— Então escutem com atenção — ordenou Medwyn. Enquanto falava, suas mãos moveram-se com destreza na terra macia diante dele, moldando um minúsculo modelo das montanhas, o qual Taran achou mais fácil de seguir que os esboços de mapas riscados por Fflewddur. Depois que ele acabou, e que os pertences e as armas dos viajantes estavam bem amarrados no dorso de Melyngar, Medwyn conduziu o grupo até a saída do vale. Por mais atentamente que Taran observasse cada passo da jornada, sabia que o caminho para o vale de Medwyn estaria perdido para ele assim que o velhíssimo ancião os deixasse.

Pouco tempo depois Medwyn parou.

— O caminho de vocês agora encontra-se na direção norte — disse —, e aqui devemos nos separar. E você, Taran de Caer Dallben, a resposta para a questão de a escolha ser feita com sabedoria ou não, você descobrirá em seu próprio coração. Talvez venhamos a nos encontrar novamente e então você me contará. Até lá, adeus!

Antes que Taran pudesse se virar e agradecer a Medwyn, o homem de barbas brancas desapareceu, como se as montanhas o tivessem engolido. Os viajantes ficaram sozinhos em um platô rochoso varrido pelo vento.

— Bem — disse Fflewddur, prendendo a harpa nas costas —, de alguma forma tenho a sensação de que se

encontrarmos mais lobos, eles saberão que somos amigos de Medwyn.

O primeiro dia de marcha foi menos difícil do que Taran havia temido. Dessa vez, ele seguiu à frente do grupo, pois o bardo admitiu, depois de várias cordas da harpa terem se partido, que não havia conseguido guardar na memória todas as instruções de Medwyn.

Prosseguiram subindo sem parar até muito depois do sol ter começado a descer rumo ao oeste: embora o terreno fosse difícil e acidentado, o caminho que Medwyn havia indicado estendia-se claramente diante deles. As águas dos córregos da montanha fluíam frias e límpidas, riscavam serpenteantes linhas cor de prata reluzente enquanto dançavam descendo pelas encostas rumo às terras distantes dos vales. O ar da montanha era estimulante, ainda que tivesse um toque de frio cortante que deixou os viajantes agradecidos pelos mantos que Medwyn lhes tinha dado.

Ao chegar a uma fenda alongada, bem protegida do vento, Taran fez sinal para uma parada. Tinham feito excelente progresso durante o dia, avançando muito mais do que ele havia esperado. Não viu motivo para se exaurirem forçando uma marcha durante a noite. Amarrando as rédeas de Melyngar numa das árvores raquíticas que cresciam nas altas encostas, os viajantes montaram acampamento. Uma vez que não havia mais perigo por parte dos Nascidos do Caldeirão, e que as tropas do Rei Cornudo estavam em marcha muito abaixo, a oeste do grupo, Taran considerou seguro fazer uma fogueira. As provisões que Medwyn lhes dera não precisavam ser cozidas, mas as chamas aqueceram e animaram os companheiros. A medida que as sombras da noite desciam suavemente, vindas

dos picos, Eilonwy acendeu a esfera dourada e a colocou numa falha de rocha fendida.

Gurgi, que não havia emitido um único queixume ou gemido durante aquela parte da jornada, empoleirou-se num pedregulho e começou a se cocar exuberantemente; se bem que, depois da boa lavada e penteada que Medwyn lhe dera, isso fosse mais por força do hábito que por qualquer outra coisa. O bardo, esguio como sempre, apesar da enorme quantidade de comida que havia consumido, reparou as cordas partidas de sua harpa.

— Você está carregando esta harpa desde que o conheci — comentou Eilonwy —, e nunca, nem uma única vez, a tocou. Isso é como dizer às pessoas que quer falar com elas e, quando estão prontas para ouvir, não dizer nada.

— Você não podia esperar que eu fosse tocar modinhas enquanto aqueles guerreiros do Caldeirão estavam nos seguindo — disse Fflewddur. — De modo algum me pareceu apropriado. Mas um Fflam sempre atende amavelmente aos pedidos, de modo que se vocês quiserem realmente me ouvir tocar... — acrescentou, parecendo ao mesmo tempo encantado e envergonhado. Ele ajustou o instrumento em um braço e, quase antes que seus dedos tocassem nas cordas, uma melodia delicada, tão linda quanto a curva da própria harpa, ressoou, como uma voz cantando sem palavras.

Aos ouvidos de Taran, a melodia tinha sua própria letra, como se tecesse um fio maleável entre as notas que iam surgindo. Minha casa, minha casa, cantavam; e, além das próprias palavras, de maneira tão fugaz que ele não conseguia ter muita certeza de vê-los, estavam os campos e pomares de Caer Dallben, as tardes douradas de outono

e as manhãs frias de inverno, com a luz do sol rosada sobre a neve.

Então a harpa silenciou. Fflewddur ficou sentado com a cabeça baixa junto das cordas, com uma curiosa expressão no rosto.

— Bem, isto foi uma surpresa — comentou finalmente o bardo. — Eu havia planejado tocar algo um pouco mais animado, o tipo de coisa que meu líder de guerra sempre gosta de ouvir, para nos pôr num estado de espírito arrojado, se me compreendem. Mas, francamente, a verdade é que — admitiu ele com um ligeiro tom de desânimo —, quando começo a tocar, realmente não sei o que vai sair dela a seguir.

Meus dedos vão junto, mas, por vezes, tenho a impressão de que a harpa toca sozinha.

— Talvez — prosseguiu Fflewddur — seja por isso que Taliesin achou que estivesse me fazendo um favor quando me deu esta harpa. Porque quando me apresentei ao Conselho dos Bardos, para minha prova, eu tinha uma harpa velha, caindo aos pedaços, que um dos menestréis tinha deixado para trás, e não pude fazer mais que tanger alguns cânticos. Contudo, um Fflam nunca olha os dentes de cavalo dado, bem, neste caso, eu deveria dizer harpa.

— Foi uma melodia triste — comentou Eilonwy. — Mas a coisa estranha a respeito dela é que a gente não se incomoda com a tristeza. E como sentir-se bem melhor depois de dar uma boa chorada. Ela fez com que eu voltasse a pensar no mar, embora nunca mais tenha estado lá desde que era pequena. — Ao ouvir isso, Taran fungou fazendo troça. Eilonwy não lhe deu atenção. — As ondas quebram contra os penhascos, e se encrespam, transformando-se em espuma, e bem longe, lá fora, até onde sua

vista alcança, estão aquelas cristas brancas, os Cavalos Brancos Llyr, é assim que são chamados; mas, na verdade, são apenas ondas esperando por sua vez de vir bater.

— Estranho — comentou o bardo —, eu, pessoalmente, estava pensando em meu castelo. E pequeno e cheio de correntes de ar, mas gostaria de vê-lo novamente; chega uma hora em que a gente se cansa dessa vida de vagar pelo mundo, sabem? Me fez pensar que eu poderia até voltar a fixar uma residência, sossegar e tentar ser um rei digno de respeito.

— Caer Dallben, agora, está mais perto de meu coração — disse Taran. — Depois que parti, nunca parei para pensar em minha casa. Agora, tenho pensado muito nela.

Gurgi, que estivera ouvindo em silêncio, lançou um longo uivo.

— Sim, sim, logo, logo os grandes guerreiros estarão de volta a seus salões, para contar suas histórias com risadas e piadas. Então, de novo, para o pobre Gurgi, só restará a assustadora floresta, para deitar sua cabecinha mimosa e se enrascando e roncando tirar sua soneca.

— Gurgi — disse Taran —, eu prometo que vou levar você para Caer Dallben, se algum dia eu conseguir voltar para lá. E se você gostar de lá, e se Dallben concordar, pode ficar o tempo que quiser.

— Que alegria! — exclamou Gurgi. — O honesto e trabalhador Gurgi agradece e os melhores votos oferece. Ah, sim, o carinhoso e obediente Gurgi muito duro vai trabalhar...

— Por enquanto, é melhor que o obediente Gurgi trate de ir dormir — aconselhou Taran —, e todos nós também. Medwyn nos encaminhou muito bem para nossa

jornada, e agora não deve faltar muito. Vamos retomar a caminhada ao raiar do dia.

Durante a noite, contudo, começou a ventar muito, armou-se um grande temporal e, quando chegou a manhã, a chuva batia forte dentro da fenda na rocha. Em vez de amainar, o vento ganhou força e uivou sobre os rochedos. Batia como um punho contra o abrigo dos viajantes, depois penetrava como se fosse dedos a procurá-los, para arrancá-los e arremessá-los no vale.

Mesmo assim puseram-se em marcha, segurando os capuzes das capas diante do rosto. Para piorar as coisas, o caminho interrompeu-se totalmente e, diante deles, assomaram penhascos muito íngremes. A chuva parou, depois de os viajantes estarem molhados até os ossos, mas agora as rochas estavam escorregadias e traiçoeiras. Até Melyngar, normalmente de andar tão seguro, tropeçou uma vez e, por um instante aflitíssimo, Taran temeu que estivesse perdida.

As montanhas abriram-se em um semicírculo ao redor de um lago negro e sombrio sob as nuvens ameaçadoras. Taran fez uma parada num afloramento de pedra e apontou para as montanhas do outro lado do lago.

— De acordo com o que Medwyn nos disse — falou para o bardo —, deveríamos seguir para aquele desfiladeiro, fazendo a volta inteira contornando por ali. Mas não vejo nenhum propósito em seguir pelas montanhas quando podemos cortar caminho e atravessar o vale quase em linha reta. A margem do lago, pelo menos, é plana, enquanto por aqui está ficando quase impossível continuar a subir.

Fflewddur cocou o nariz pontudo.

— Mesmo levando em conta o tempo que levaríamos para descer e depois tornar a subir, acho que deverá nos poupar várias horas. Sim, definitivamente vale a pena tentar.

— Medwyn não disse uma palavra sobre atravessar vales — aparteu Eilonwy.

— Ele também não disse nada sobre penhascos como estes — respondeu Taran. — Para ele, não parecem grande coisa, há muito tempo que vive por aqui. Para nós, é uma coisa um bocado diferente.

— Se você não dá ouvidos ao que uma pessoa lhe diz — comentou Eilonwy —, é a mesma coisa que enfiar os dedos nas orelhas e pular dentro de um poço. Para um Porqueiro-Assistente que tem muito pouca experiência de viagem, você de repente parece saber muito sobre o assunto.

— Quem encontrou o caminho de saída do dólmen? — rebateu Taran. — Está decidido. Vamos atravessar o vale.

A descida foi difícil e penosa, mas, depois de chegarem a terreno plano, Taran sentiu-se ainda mais convencido de que iriam economizar tempo. Segurando as rédeas de Melyngar, conduziu o grupo pela margem estreita. As águas do lago chegavam muito perto da base das montanhas, obrigando Taran a passar chapinhando pelos baixios. O lago, ele percebeu, não era negro por refletir o céu: a própria água era escura, opaca, sombria e pesada como ferro. Além disso, o fundo do lago era tão traiçoeiro quanto os rochedos acima. Apesar de todo seu cuidado, Taran deu um escorregão e quase levou um banho. Quando se virou para advertir os outros, para sua surpresa, viu Gurgi com água já pela cintura e seguindo para o centro do lago.

Fflewddur e Eilonwy também estavam chapinhando e se afastando da terra cada vez mais.

— Não sigam por dentro da água — gritou Taran.
— Fiquem na margem!

— Nós bem que gostaríamos — gritou o bardo em resposta. — Mas de alguma forma estamos presos. Há uma correnteza tremendamente forte...

Um instante depois, Taran compreendeu de que o bardo estava falando. Uma vaga inesperada o derrubou e, no mesmo instante em que estendia as mãos para se proteger da queda, o lago negro o sugou para baixo. Ao lado dele, Melyngar escoiceou e relinchou. O céu girou acima. Ele foi arrastado como um graveto por uma torrente. Eilonwy passou correndo por Taran, que tentou recuperar o equilíbrio e alcançá-la. Era tarde demais. Ele derrapou e saiu deslizando pela superfície. A margem do outro lado os faria parar, pensou Taran, lutando para manter a cabeça acima das ondas. Um rugido encheu-lhe os ouvidos. O meio do lago era um redemoinho agarrando-o e arremessando-o para as profundezas. A água negra fechou-se sobre sua cabeça, e Taran soube que estava se afogando.



O Rei Eiddleg

E Taran desceu girando e girando, lutando para respirar, numa torrente que se abateu sobre ele como uma montanha desmoronando. Rápidas, cada vez mais rápidas, as águas o arrastaram, arremessando-o para a esquerda e para a direita. Taran colidiu com alguma coisa — o que era, ele não sabia dizer —, mas agarrou-se a ela quando suas forças se esvaíam. Houve um grande estrondo, como se a terra estivesse se partindo em pedaços. A água transformou-se em espuma e Taran sentiu ser arremessado contra uma parede inflexível. Não se lembrava de mais nada.

Quando abriu os olhos, estava deitado numa superfície dura e lisa, com a mão agarrando firmemente a harpa de Fflewddur. Ouviu o ruído do correr impetuoso da água muito próximo. Cautelosamente, tateou ao seu redor; seus dedos tocaram apenas uma superfície plana de pedra molhada, algum tipo de dique ou barragem. Uma luz azul-clara brilhava lá no alto, acima dele. Taran chegou à conclusão de que tinha ido parar dentro de uma caverna ou de uma gruta. Sentou-se e seu movimento fez a harpa soar com estridência.

— Olá! Quem está por aí? — Uma voz ecoou descendo pela barragem. Embora estivesse muito distante, Taran a reconheceu, era a voz do bardo. Pôs-se de pé rapidamente e rastejou na direção do som. No caminho,



tropeçou numa forma que repentinamente adquiriu voz e desandou a falar com indignação.

— Você realmente se saiu muito bem, Taran de Caer Dallben, com todos os seus atalhos. O pouco que resta de mim está ensopado até os ossos, e não consigo encontrar minha esfera. Ah, aqui está ela, toda molhada, é claro. E quem sabe o que terá acontecido com os outros?

A luz dourada brilhou, palidamente, revelando o rosto gotejante de Eilonwy, os olhos azuis faiscando de fúria e irritação.

A sombra cabeluda de Gurgi rolou na direção deles, falando confusamente.

— Ah, a pobre cabecinha mimosa está cheia de água lodosa e lamorosa!

Um instante depois, Fflewddur os encontrou. Melyngar relinchou um pouco mais para trás.

— Tive a impressão de ouvir minha harpa soar aqui — disse o bardo. — De início, nem acreditei. Pensei que nunca mais fosse voltar a vê-la. Mas um Fflam nunca se desespera! Mesmo assim, foi um belo golpe de sorte.

— Pois eu pensei que nunca mais fosse voltar a ver coisa alguma — comentou Taran, entregando o instrumento a Fflewddur. — Fomos arrastados pela água para uma espécie de caverna, mas não é uma caverna natural. Olhem só para estas lajes.

— Se você olhasse para Melyngar — gritou Eilonwy —, veria que todas as nossas provisões sumiram. E também todas as nossas armas, graças ao seu precioso atalho!

Era verdade. As tiras tinham se partido e a sela fora arrancada no redemoinho. Por sorte, os companheiros ainda tinham suas espadas.

— Lamento muito — desculpou-se Taran. — Admito que estamos aqui por minha culpa. Não deveria ter seguido este caminho. Mas o que está feito está feito. Fiz com que viéssemos parar aqui e encontrarei uma maneira de sair.

Ele se virou e olhou ao redor. O rugido líquido vinha de um largo canal de águas que corriam rápidas. A barragem propriamente dita era muito mais larga do que havia se dado conta. Luzes de várias cores brilhavam nos altos arcos. Taran voltou-se para seus companheiros.

— Isto é muito curioso. Parece que estamos em um subterrâneo profundo, mas isto não é o fundo do lago.

Antes que pudesse dizer mais alguma coisa, foi agarrado por trás, e uma saca, com forte cheiro de cebola, foi enfiada em sua cabeça. Eilonwy gritou, depois sua voz tornou-se abafada. Taran estava sendo empurrado para um lado e puxado para outro, em duas direções ao mesmo tempo. Gurgi começou a ganir furiosamente.

— Aqui! Agarre aquele ali — gritou uma voz rouca e hostil.

— Agarre você! Não está vendo que estou com dificuldades por aqui?

Taran partiu para o ataque. Uma bola sólida, redonda, que deveria ser a cabeça de alguém, acertou-o no estômago. Havia ruídos de tapas que penetravam na escuridão acebolada ao seu redor. Devia ser Eilonwy. Então, ele foi empurrado pelas costas, jogado para frente em alta velocidade, enquanto vozes furiosas gritavam com ele, e umas com as outras.

— Empurre por ali!

— Seu idiota, você não lhes tomou as espadas! — Logo depois, seguiu-se mais um berro estridente de Ei-

lonwy, o som do que poderia ter sido um chute, depois um momento de silêncio... — Está bem, deixem-nos ficar com as espadas. Vocês serão culpados por isso, por deixar que eles sejam levados à presença do Rei Eiddileg armados!

Em um trote cego, Taran foi empurrado em meio ao que parecia ser uma grande multidão. Todo mundo estava falando ao mesmo tempo, o ruído era ensurdecedor. Depois de várias curvas, foi novamente empurrado para a frente. Uma porta pesada fechou-se às suas costas com um estrondo; a saca de cebolas foi arrancada de sua cabeça.

Taran piscou os olhos. Ao lado de Fflewddur e Eilonwy, encontrava-se no centro de uma câmara de teto alto e abobadado, repleta de luzes que brilhavam e faiscavam. Gurgi não estava em nenhum canto que se pudesse ver. Os captores eram meia dúzia de guerreiros baixos, atarracados e gorduchos, de pernas curtas. Traziam machados pendurados nos cintos e cada homem tinha um arco e uma aljava de flechas. O olho esquerdo do sujeito baixo e troncudo, postado junto de Eilonwy, estava começando a ficar preto-esverdeado.

Diante deles, sentado a uma comprida mesa de pedra, um homem nanico, com uma espessa barba amarela, grossa e abundante, olhava furioso para os guerreiros. Ele vestia uma bata e um manto que lhe desciam até os calcanhares, em vermelho e verde berrantes. Em seus dedos grossos, reluziam anéis.

— O que é isso? — gritou. — Quem são estas pessoas? Eu não dei ordens para não ser perturbado?

— Mas, Majestade — começou um dos guerreiros, movendo-se nervosamente —, nós os capturamos...

— Mas será que você tem que me incomodar com os detalhes? — exclamou o Rei Eiddileg, apertando a testa nas mãos. — Vocês vão me levar à ruína! Vão me matar e acabar comigo! Fora daqui! Fora! Não, *não* os *prisioneiros*, seus idiotas! — Sacudindo a cabeça, suspirando e bufando, o rei deixou-se cair em um trono entalhado na rocha. Os guardas saíram correndo. O Rei Eiddileg lançou um olhar furioso para Taran e seus companheiros. — Pois muito bem. Vamos, diga, ande, diga. O que você quer? E melhor que fique sabendo logo de antemão que não conseguirá, seja o que for.

— Majestade — disse Taran, tomando a palavra —, não pedimos nada além de salvo-conduto para sair de seu reino. Nós quatro...

— Vocês são apenas três — interrompeu asperamente o Rei Eiddileg. — Não sabe contar?

— Um de meus companheiros está desaparecido — admitiu Taran pesaroso. Tivera esperanças de que Gurgi conseguisse vencer seu medo, mas não podia culpar a criatura por ter fugido depois do suplício que havia passado no redemoinho. — Suplico que seus súditos nos ajudem a encontrá-lo. E também, além disso, nossas provisões e armas se perderam...

— Isto é pura besteira! — berrou o Rei. — Não minta para mim, não tolero mentiras. — Ele puxou um lenço laranja da manga e enxugou a testa. — Por que vieram para cá?

— Porque um Porqueiro-Assistente nos conduziu a uma tentativa vã por precipitação — interrompeu Eilonwy. — Não sabemos nem onde estamos, quanto mais por quê. E pior que rolar por uma encosta abaixo no escuro.

— Mas é claro — disse Eiddileg, sua voz carregada de sarcasmo. — Vocês não têm idéia de que estão no verdadeiro coração do Reino de Tylwyth Teg, do Povo Formoso, da Família Feliz, do Povo Pequeninino, ou quaisquer outros dos nomes insípidos que vocês nos deram. Ah, não, é claro que não. Apenas aconteceu de estarem passando por aqui.

— Fomos apanhados pelo lago — protestou Taran. — Ele nos puxou para baixo.

— Ele é bom, não é? — respondeu o Rei Eiddileg, com um rápido sorriso de orgulho. — Acrescentei algumas melhorias de minha autoria, é claro.

— Se o senhor está tão ansioso para manter visitantes longe daqui — comentou Eilonwy —, deveria ter algo melhor, algo para fazer as pessoas ficarem *fora* daqui.

— Quando as pessoas chegam perto desse ponto — respondeu Eiddileg —, elas já estão perto *demais*. Nesse ponto, eu não quero que fiquem fora. Quero-as aqui *dentro*.

Fflewddur sacudiu a cabeça.

— Sempre ouvi dizer que o Povo Formoso vivia por toda parte em Prydain, não apenas aqui.

— E claro que não estamos apenas aqui — disse Eiddileg com impaciência. — Aqui é a sede do trono. Ora, temos túneis e minas por toda parte que puder imaginar. Mas o trabalho de verdade, a verdadeira labuta da organização, fica aqui, exatamente neste lugar, exatamente nesta sala do trono. Sobre meus ombros! E coisa demais, eu posso dizer, demais. Mas em quem mais você pode confiar? Se você quer que alguma coisa seja bem feita... — O Rei se calou repentinamente e tamborilou com seus dedos faiscantes na mesa de pedra. — Isto não importa

para vocês — prosseguiu. — Da forma como estão as coisas, vocês já estão em grandes dificuldades. Isso não pode ser ignorado.

— Eu não vejo nenhum trabalho sendo feito — disse Eilonwy.

Antes que Taran pudesse advertir Eilonwy para não ser imprudente, a porta da sala do trono abriu-se com um estrondo e uma multidão de gente do Povo Formoso avançou sala adentro. Olhando melhor, Taran viu que nem todos eram anões; alguns eram altos, esguios, vestidos com longas batas brancas; outros eram cobertos de escamas reluzentes, como peixes; outros ainda adejavam grandes asas delicadas. Durante alguns instantes, Taran não conseguiu ouvir nada exceto uma confusão de vozes, berros e brigas furiosas, com Eiddileg tentando gritar mais alto que todos. Finalmente, o Rei conseguiu empurrá-los todos para fora.

— Nenhum trabalho sendo feito? — exclamou ele. — Você não pode avaliar, quanto mais apreciar, todas as coisas que ele envolve. As Crianças do Anoitecer, um outro nome ridículo que vocês humanos inventaram, têm um compromisso de cantar na floresta de Cantreve Mawr hoje à noite. Eles nem ensaiaram. Dois estão doentes e um sumiu, ninguém sabe onde está.

— As Fadas do Lago estiveram brigando o dia inteiro, e agora estão mal-humoradas — continuou ele. — Estão com os cabelos desgrenhados. E quem leva a culpa, quem é censurado por isso? Quem tem que alegrá-las, li-sonjeá-las, persuadi-las, argumentar com elas e suplicar? A resposta é óbvia.

— Que agradecimento recebo por isso? — o Rei Eiddileg prosseguiu com seu discurso inflamado. — Ab-

solitamente nenhum! Algum de vocês, simplórios de pernas compridas, se deu ao trabalho, sequer uma única vez, uma só, vejam bem, de oferecer a mais simples manifestação de gratidão, como por exemplo; ‘Obrigado, Rei Eiddileg, pelo tremendo esforço e dificuldades que o senhor enfrentou, de modo que nós pudéssemos apreciar um pouco de encanto e beleza no mundo de cima, que seria tão indescritivelmente feio e deprimente sem o senhor e seu Povo Formoso?’”. Apenas algumas palavras de honesto agradecimento?

— De nenhuma maneira! — suspirou o Rei. — Muito pelo contrário! Se algum de vocês, imbecis estúpidos, encontra alguém do Povo Formoso acima da terra, o que acontece? Vocês o agarram, pegam-no com suas enormes mãos exageradas e tentam fazê-lo conduzi-los a um tesouro enterrado. Ou apertam-no até lhe arrancar a realização de três pedidos. Não se satisfazem com um, ah, não, são três!

— Bem, não me importo nem um pouco em dizer-lhes o seguinte — prosseguiu Eiddileg, seu rosto ficando cada vez mais vermelho —, acabei com toda essa história de conceder pedidos e de encontrar tesouros. Não tem mais, nunca mais! Absolutamente não! Fico surpreso que vocês não tenham nos levado à ruína há muito tempo!

Justo naquele instante, um coro de vozes elevou-se vindo de trás da porta da sala do trono de Eiddileg. As harmonias penetraram até as paredes de pedra maciça. Em sua vida, Taran jamais escutara um canto tão bonito. Ouviu encantado, por um momento, esquecendo-se de tudo, exceto a sublime melodia. O próprio Eiddileg parou de gritar e bufar até que as vozes se calaram.

— Isto pelo menos é um bom motivo para me sentir grato — disse o Rei finalmente. — As Crianças do Anoitecer claramente fizeram as pazes. Não está tão bom quanto seria de se desejar, mas de alguma forma eles vão se sair bem.

— Não tinha ouvido as canções do Povo Formoso até agora — disse Taran. — Nunca imaginei que fossem tão encantadoras.

— Não tente me lisonjear — exclamou Eiddileg, procurando parecer furioso, mas, ao mesmo tempo, sorrindo radiante.

— O que me surpreende — disse Eilonwy, enquanto o bardo tangia sua harpa meditativamente, tentando recapturar as notas da canção — é por que o senhor se dá a todo esse trabalho. Se vocês do Povo Formoso não gostam de nós, que vivemos sobre a terra, por que se incomodar?

— Orgulho profissional, minha cara menina — disse o Rei Anão, pondo a mão gorducha sobre o coração e fazendo uma ligeira mesura. — Quando nós do Povo Formoso fazemos alguma coisa, nós a fazemos bem-feita. Ah, sim — ele suspirou —, não importam os sacrifícios que tenhamos que fazer. E uma tarefa que precisa ser cumprida, e assim nós a cumprimos. Não importa qual seja o custo. Para mim, pessoalmente — acrescentou, com um aceno de mão —, não importa. Já perdi sono, já perdi peso, mas isso não é importante...

Se o Rei Eiddileg já havia perdido peso, pensou Taran, como ele teria sido antes? Achou melhor não fazer aquela pergunta.

— Bem, eu aprecio — disse Eilonwy. — Acho que é espantoso o que o senhor conseguiu fazer. O senhor

deve ser extremamente hábil e inteligente, e qualquer Porqueiro-Assistente que porventura esteja nesta sala do trono faria bem em prestar atenção.

— Obrigado, minha cara menina — disse o Rei Eiddileg, fazendo uma mesura mais acentuada. — Vejo que você é o tipo de pessoa com quem se pode conversar inteligentemente. E sem precedentes que um de vocês, grandes grosseirões bamboleantes, tenha algum tipo de compreensão dessas questões. Mas você, pelo menos, parece compreender os problemas que enfrentamos.

— Majestade — interrompeu Taran —, compreendemos que seu tempo é precioso. Não permita que o incomodemos mais. Conceda-nos o salvo-conduto para irmos até Caer Dathyl.

— O quê? — berrou Eiddileg. — Sair daqui? Impossível! Jamais aconteceu! Depois que você entra nos domínios do Povo Formoso, meu bom rapaz, você *fica* e não se engane quanto a isso. Ah, eu suponho que poderia deixar passar por esta vez, por causa da jovem dama, impor-lhes uma pena mais leve e perdoá-los. Apenas botá-los para dormir por cinquenta anos, ou transformar todos vocês em morcegos; mas isto seria pura e simplesmente um favor.

— Nossa missão é urgente! — exclamou Taran. — Já nos atrasamos demais.

— Isso é problema seu, não meu. — Eiddileg deu de ombros.

— Então abriremos nosso caminho à força — gritou Taran, desembainhando a espada. Num piscar de olhos, Fflewddur estava de espada em punho e pronto para lutar.

— Mais um monte de pura besteira — declarou o Rei Eiddileg, olhando desdenhosamente para as espadas apontadas em sua direção. Sacudiu os dedos para eles. — Tome isto! E você isto! Agora quero ver vocês tentarem mexer os braços.

Taran forçou todos os músculos. Seu corpo parecia ter-se transformado em pedra.

— Embainhem suas espadas e vamos conversar a respeito dessa questão com calma — disse o Rei Anão, mais uma vez gesticulando. — Se me derem algum motivo decente pelo qual eu deva deixá-los partir, eu posso pensar no assunto e responder-lhes prontamente, digamos, dentro de um ou dois anos.

Não seria de nenhuma utilidade, percebeu Taran, esconder os motivos de sua jornada. Ele explicou a Eiddileg tudo o que lhes havia acontecido. O Rei Anão cessou suas ameaças tão logo Arawn foi mencionado, mas, quando Taran concluiu seu relato, o Rei sacudiu a cabeça.

— Este é um conflito que vocês, grandes estúpidos, devem resolver sozinhos. O Povo Formoso não lhes deve nenhuma lealdade — disse furioso. — Prydain nos pertencia antes que a raça dos homens chegasse. *Vocês* nos obrigaram a vir para baixo da terra. Vocês pilharam nossas minas, vocês, seus estúpidos, cabeças-duras, asnos descuidados! Vocês roubaram nossos tesouros e continuam a roubá-los, seus imbecis trapalhões...

— Majestade — respondeu Taran —, não posso falar por ninguém, só por mim mesmo. Eu nunca roubei nada do senhor e não tenho nenhum desejo de roubar. Minha missão significa mais para mim do que seus tesouros. Se existe má vontade entre o Povo Formoso e a raça dos homens, então isto é uma questão a ser acertada entre

eles. Mas se o Rei Cornudo triunfar, se a sombra de Arawn cair sobre a terra acima de vocês, as mãos de Arawn alcançarão mesmo suas mais profundas cavernas.

— Para um Porqueiro-Assistente — disse Eiddileg —, você é razoavelmente eloqüente. Mas o Povo Formoso se preocupará com Arawn quando chegar a hora.

— já chegou a hora — declarou Taran —, espero apenas que não tenha se passado.

— Eu não creio que o senhor saiba realmente o que está acontecendo lá em cima na terra — exclamou Eilonwy de repente. — O senhor fala de encanto e de beleza, de se sacrificar para tornar as coisas mais agradáveis para as pessoas. Não acredito que realmente se importe nem um pouquinho com isso. O senhor é presunçoso e teimoso e egoísta demais...

— Presunçoso! — berrou Eiddileg, os olhos se arregalando. — Egoísta! Você não encontrará ninguém mais franco e generoso do que eu. Como é que você ousa dizer isso? O que você quer, o sangue de minha vida? — Com essas palavras, ele arrancou o manto e atirou-o pelos ares, tirou os anéis e arremessou-os em todas as direções. — Vá em frente! Pode pegar tudo! Deixe-me arruinado! O que mais você quer? Meu reino inteiro? Vocês querem partir? Pois podem ir, quando quiserem. Quanto antes melhor! Teimoso? Eu sou tolerante demais! Isso ainda vai acabar me matando! Mas para vocês pouco importa!

Naquele momento, a porta da sala do trono de novo se abriu violentamente. Dois anões agarravam-se com unhas e dentes a Gurgi, que os sacudia de um lado para outro como se fossem coelhos.

— Jubilosas saudações! O fiel Gurgi volta a se encontrar com os poderosos heróis! Desta vez, o valente

Gurgi não fugiu! Ah, não, não! O bravo Gurgi lutou com grandes pancadas e bofetadas. Ele triunfou! Mas então os poderosos lordes são levados embora. O esperto Gurgi vai procurar com espreitadelas e espiadelas para salvá-los, sim! E ele os encontra!

— Mas isso não é tudo. Ah, o fiel, honesto e destemido Gurgi encontra mais. Surpresas e boas novas maravilhosas, oh, alegria! — Gurgi estava tão radiante que começou a dançar sobre um pé, girando em piruetas e batendo palmas.

— Poderosos guerreiros, uma porquinha andam a buscar! É Gurgi, o entendido e sabido, que a porquinha acaba de encontrar! — conclui triunfante.

— Hen Wen! — exclamou Taran. — Onde está ela?

— Aqui, grande lorde — gritou Gurgi —, a porquinha está aqui!

CAPÍTULO XVI

Doli

Taran virou-se para o Rei Eiddileg com um olhar acusador. — O senhor não disse nada sobre Hen Wen. — Você não me perguntou — retrucou Eiddileg.

— Isto é conversa de trapaceiro — resmungou F-flewddur —, mesmo para um rei.

— É pior do que uma mentira — declarou Taran furioso. — O senhor teria nos deixado ir embora e nunca saberíamos o que havia acontecido com ela.

— O senhor deveria ter vergonha de sua atitude — acrescentou Eilonwy, apontando e sacudindo o dedo para o rei, que parecia estar extremamente embaraçado por ter sido descoberto. — É como olhar para o outro lado e fazer de conta que não viu quando alguém está andando distraído, prestes a cair dentro de um buraco.

— O que perdido está é de quem achar — replicou o Rei Anão, com aspereza. — Uma tropa do Povo Formoso encontrou-a perto das margens do Avren. Ela estava correndo por um barranco. E vou lhes contar uma coisa que vocês não sabem. Meia dúzia de guerreiros estavam atrás dela, os lacaios do Rei Cornudo. A tropa cuidou dos guerreiros, temos nossos meios de lidar com vocês, seus brutamontes grosseiros, e trouxe sua porca para cá, através de caminhos subterrâneos pela maior parte do percurso.



— Não é de admirar que Gwydion não conseguisse encontrar nenhum rastro — murmurou Taran consigo mesmo.

— O Povo Formoso a salvou deles — prosseguiu Eiddileg furibundo, o rosto ficando escarlate —, e este é mais um bom exemplo. Alguém me diz uma palavra de agradecimento? É claro que não. Mas me dizem coisas horrorosas, me acusam de coisas desagradáveis e ainda têm pensamentos odiosos a meu respeito. Ah, eu posso vê-los no rosto de vocês. Eiddileg é um ladrão e um imprestável, é isto o que estão dizendo para si próprios. Bem, só por causa disso vocês não a terão de volta. E vão ficar aqui, todos vocês, até eu me sentir disposto a deixá-los partir.

Eilonwy arquejou de indignação,

— Se fizer isso — exclamou ela —, é porque *realmente* é um ladrão e um imprestável! O senhor me deu sua palavra. O Povo Formoso não falta com a palavra.

— Não houve nenhuma menção a uma porca, absolutamente nenhuma. — Eiddileg bateu com as mãos na pança e cerrou as mandíbulas numa carranca.

— Não — concordou Taran —, de fato não houve. Mas há uma questão de honestidade e de honra.

Eiddileg piscou e olhou para o lado. Puxou o lenço laranja e tornou a enxugar a testa.

— Honra — resmungou —, sim, eu estava receoso de que fossem falar disso. E verdade que o Povo Formoso nunca deixa de cumprir palavra dada. Bem — suspirou ele —, este é o preço de ser sincero e generoso. Assim seja. Vocês terão de volta a porca.

— Vamos precisar de armas para substituir as que perdemos — disse Taran.

— O quê? — berrou Eiddileg. — Está tentando me arruinar?

— E muitos lambiscos e petiscos! — gritou Gurgi, com estridência.

Taran concordou, balançando a cabeça.

— E provisões também.

— Isto está indo longe demais — berrou Eiddileg. — Vocês estão me explorando, me arrancando até o sangue! Armas! Comida! Porcos!

— E rogamos que nos dê um guia que nos mostre o caminho para Caer Dathyl.

Ao ouvir isso, Eiddileg quase explodiu. Quando finalmente se acalmou, assentiu, relutantemente.

— Vou lhes emprestar Doli — disse ele. — E o único que posso dispensar. — Bateu palmas e deu ordens aos anões armados, depois virou-se para os companheiros.

— Agora tratem de ir, antes que eu mude de idéia. Eilonwy aproximou-se rapidamente do trono, inclinou-se e beijou Eiddileg no cocuruto da cabeça.

— Obrigada — sussurrou. — O senhor é um rei absolutamente encantador.

— Fora daqui! Fora! — gritou o anão. Enquanto a porta de pedra ia se fechando às suas costas, Taran viu o Rei Eiddileg acariciando a cabeça e sorrindo radiante.

Uma tropa do Povo Formoso conduziu o grupo pelos abobadados corredores subterrâneos. Inicialmente, Taran imaginara que o reino de Eiddileg não fosse mais que um labirinto de galerias subterrâneas. Para seu espanto, os corredores logo se alargaram em avenidas. Nos grandiosos domos, bem longe, nas alturas, resplandeciam pedras preciosas com um fulgor tão intenso quanto a luz do sol.

Não havia relva, mas grossos e macios tapetes de líquenes verdejantes estendiam-se como pradarias. Havia lagos azuis que reluziam tanto quanto as jóias acima, e chalés e pequenas casas de fazenda. Era difícil para Taran e seus companheiros se recordarem de que estavam debaixo da terra.

— Estive pensando — sussurrou Fflewddur — que talvez fosse melhor deixar Hen Wen por aqui, até poderemos voltar para buscá-la.

— Eu também pensei nisso — admitiu Taran. — Não é que eu duvide que Eiddileg vá cumprir sua palavra, pelo menos a maior parte do tempo. Mas não tenho certeza de que devamos nos arriscar mais uma vez naquele lago e duvido que possamos encontrar uma outra maneira de entrar em seu reino. E ele certamente não vai facilitar as coisas para nós voltarmos. Não, devemos levar Hen Wen enquanto temos oportunidade. Depois que ela estiver de novo comigo, não deixarei que saia de minha vista.

De repente, a tropa do Povo Formoso se deteve diante de um dos chalés e, de um cercado de primorosa carpintaria, Taran ouviu um alto “Huóóinchl”.

Ele correu para o chiqueiro. Hen Wen estava de pé, com as patas dianteiras apoiadas na cerca, grunhindo o mais alto que podia.

Um membro da tropa do Povo Formoso abriu o portão e a porca branca irrompeu para fora correndo, zigagueando e guinchando.

Taran agarrou-se ao pescoço de Hen Wen num abraço apertado.

— Ah, Hen! — exclamou ele. — Até mesmo Medwyn pensou que você estivesse morta!

Huoch! Huaau! — Hen Wen riu baixinho, feliz da vida. Seus olhos grandes, redondos e lustrosos faiscavam. Com o grande focinho rosa, ela fuçou afetuosamente debaixo do queixo de Taran e quase o derrubou no chão.

— Ela parece ser uma porca maravilhosa — disse Eilonwy, cocando Hen Wen atrás das orelhas. — E sempre bom ver dois amigos se reencontrarem. E como acordar com o sol brilhando.

— Ela certamente é uma porca um bocado grande — concordou o bardo —, mas é muito bonita, tenho que confessar.

— E o esperto, nobre, bravo e sabido Gurgi a encontrou.

— Não se preocupe, Gurgi — disse Taran, com um sorriso —, não há a menor possibilidade de esquecermos disso.

Bamboleando e gingando nas patas curtas, Hen Wen seguiu Taran toda contente, enquanto a tropa do Povo Formoso seguia adiante atravessando os campos até onde esperava uma figura atarracada. O comandante da tropa anunciou que aquele era Doli, o guia que Eiddileg havia prometido. Doli, baixotinho e gorducho, tinha uma largura quase igual a sua altura, vestia um curto casaco de couro, de cor ferrugem, e botas de cano alto até o joelho. Um gorro redondo cobria-lhe a cabeça, mas não o bastante para esconder uma franja vermelho flamejante. No cinto, trazia um machado e uma espada curta; sobre o ombro, usava o arco curto e grosso dos guerreiros do Povo Formoso.

Educadamente, Taran fez-lhe uma mesura. O anão o encarou com um par de olhos vermelhos vivos e bufou. Então, para a surpresa de Taran, Doli inspirou profunda-

mente e prendeu a respiração até seu rosto ficar escarlate e ele parecer que estava a ponto de explodir. Depois de alguns instantes, o anão esvaziou as bochechas, ofegante, e bufou novamente.

— Qual é o problema? — perguntou Taran.

— Você ainda pode me ver, não é? — explodiu Doli, furibundo.

— Claro que sim, ainda posso vê-lo. — Taran franziu a testa. — Por que não haveria de vê-lo?

Doli lançou-lhe um olhar desdenhoso e não respondeu.

Dois homens do Povo Formoso vieram trazendo Melyngar. O Rei Eiddileg, Taran viu com alívio, cumpria bem sua palavra. Os alforjes estavam carregados de provisões e a égua branca também carregava uma boa quantidade de lanças, arcos e flechas curtas e pesadas, como eram todas as armas do Povo Formoso, mas cuidadosa e robustamente bem-feitas.

Sem dizer mais uma palavra, Doli gesticulou para que o seguissem através da pradaria. Resmungando e balbuciando consigo mesmo, o anão conduziu-os rumo ao que parecia ser a parede vertical de um penhasco. Somente depois de chegar lá Taran viu lances de escada entalhados na rocha viva. Doli sacudiu a cabeça na direção da escada, e eles começaram a subir.

Aquela passagem feita pelo Povo Formoso era mais íngreme que qualquer das montanhas por onde haviam passado. Melyngar avançou com dificuldade. Arquejando e bufando, Hen Wen se alçava a cada degrau. A escadaria serpenteava em curvas ora para lá, ora para cá. Em certo ponto, a escuridão era tamanha que os companheiros se perderam de vista. Depois de algum tempo, os degraus

acabaram e o grupo começou a galgar um estreito corredor de pedras compactadas. Lâminas de luz branca ondulavam adiante, e os viajantes descobriram-se atrás de uma alta cachoeira. Um depois do outro, eles saltaram sobre as pedras reluzentes, chapinharam nas águas espumosas de um córrego e finalmente emergiram para o ar frio das montanhas.

Doli apertou os olhos observando o sol.

— Não resta mais muito tempo de luz do dia — resmungou, com mais aspereza que o próprio Rei Eiddileg. — Não pensem também que vou cansar minhas pernas andando a noite inteira. Eu não pedi que me dessem este trabalho, sabem? Fui escolhido para ele. Guiar uma equipe de... de quê?! Um Porqueiro-Assistente. Um idiota de cabeça amarela com uma harpa. Uma garota com uma espada. Um desgrenhado sei-lá-o-quê. Para não mencionar os animais. Tudo o que podem esperar é que não encontremos um bando de guerreiros a caminho do combate. Eles fariam picadinho de vocês, e como fariam. Não há um único entre vocês que pareça capaz de empunhar uma espada direito. Humm!

Aquele tinha sido o discurso mais longo de Doli desde que deixaram o reino de Eiddileg e, a despeito das opiniões pouco elogiosas do anão, Taran esperava que ele finalmente acabasse por ceder um pouco, aceitasse-os e mostrasse alguma cortesia. Doli, contudo, tinha dito tudo o que pretendia dizer durante algum tempo. Mais adiante, quando Taran se aventurou a falar com ele, o anão deu-lhe as costas furioso e começou a prender a respiração de novo.

— Por favor, mas que coisa! — exclamou Eilonwy.
— Eu gostaria que você parasse com isso. Só de olhar para você sinto como se tivesse bebido água demais.

— Mesmo assim não funciona — rosnou Doli.

— Mas o que você está tentando fazer? — perguntou Taran.

— O que lhe parece que é? — respondeu Doli. — Estou tentando me tornar invisível.

— Isto é uma coisa esquisita de se tentar — comentou Fflewddur.

— Eu *deveria* ser invisível — retrucou Doli zangado. — Minha família inteira consegue fazer isso. Assim! Fácil, fácil. Como apagar uma vela com um sopro. Mas eu não. Não é de admirar que todo mundo ria de mim. Não é de admirar que Eiddileg me mande sair com um bando de tolos. Se há alguma coisa vexatória e desagradável para ser feita, é sempre “vamos chamar o bom e velho Doli”. Se há pedras preciosas que precisam ser lapidadas ou lâminas de espadas a serem ornamentadas ou flechas a serem balanceadas, isto é um trabalho para o bom e velho Doli!

O anão prendeu a respiração de novo, dessa vez por tanto tempo que seu rosto ficou azulado e suas orelhas tremeram.

— Acho que agora você está quase conseguindo — disse o bardo, com um sorriso encorajador. — Eu simplesmente não consigo vê-lo. — No instante exato em que este comentário saiu de seus lábios, uma corda da harpa se partiu em dois pedaços. — Droga de coisa mais aborrecida — murmurou ele —, eu sabia que estava exagerando um pouco. Só fiz isso para que ele se sentisse melhor. Ele realmente parecia estar se apagando ligeiramente.

— Se eu soubesse lapidar pedras preciosas e fazer todas essas outras coisas — comentou Taran, com simpatia para Doli —, não me importaria de não ser invisível. A única coisa que sei é cuidar de verduras e fazer ferraduras, e não sei fazer muito bem nenhuma das duas.

— Isso é uma tolice — acrescentou Eilonwy —, ficar se preocupando com uma coisa que não consegue fazer simplesmente porque não consegue. É pior que tentar se tornar mais alto ficando de cabeça para baixo.

Nenhum desses comentários bem-intencionados alegrou o anão, que seguiu em frente pisando duro e balançando o machado de um lado para o outro. Apesar de seu mau humor, Doli era um excelente guia, Taran logo percebeu. A maior parte do tempo, o anão falava muito pouco, exceto por seus grunhidos e bufadas de costume, sem fazer nenhuma tentativa de explicar o caminho que estava seguindo nem de sugerir quanto tempo levaria para que os companheiros chegassem até Caer Dathyl. Apesar disso, Taran tinha aprendido muita coisa da arte de andar na floresta e de seguir rastros durante sua jornada, e se deu conta de que haviam começado a virar para oeste para descer as montanhas. Durante aquela tarde, eles haviam coberto mais terreno do que Taran pensava que fosse possível e sabia que aquilo era graças ao magnífico trabalho de guia de Doli. Quando parabenizou o anão, Doli respondeu apenas:

— Hummm! — e prendeu a respiração.

Naquela noite, eles acamparam na encosta protegida da última barreira de montanhas. Gurgi, a quem Taran havia ensinado como fazer uma fogueira, ficava encantado toda vez que podia ser útil: alegremente, ele catava gravetos, cavava o buraco para cozinhar e, para surpresa de to-

dos, distribuía as provisões irmãmente, sem guardar nem um único pedacinho só para seus lambiscos e petiscos mais tarde.

Doli recusava-se terminantemente a fazer qualquer coisa. Tirava a comida que trouxera de uma grande sacola de couro, que usava a tiracolo, e, sentado numa pedra, mastigava desanimadamente; bufava de irritação nos intervalos entre as mordidas e, volta e meia, prendia a respiração.

— Continue tentando, meu velho! — estimulou F-flewddur. — Quem sabe na próxima tentativa você consegue! Sua silhueta parece definitivamente meio borrada.

— Ah, fique calado! — disse Eilonwy para o bardo. — Não o encoraje, senão é capaz de ele resolver prender a respiração para sempre.

— Só estava dando um apoio — explicou o bardo desanimado. — Um Fflam nunca desiste e não vejo por que um anão deveria.

Hen Wen não havia saído do lado de Taran o dia inteiro. Naquele momento, quando ele estendeu sua capa no chão, a porca branca grunhiu de prazer, aproximou-se em seus passinhos de trote gracioso e gingado, e acocorou-se ao lado dele. As orelhas pregueadas relaxaram, ela enfiou o focinho confortavelmente no ombro de Taran e deu uma risadinha satisfeita, com um sorriso radiante no rosto. Não demorou muito e todo o peso de sua cabeça estava apoiado nele, tornando impossível que Taran se virasse de lado. Hen Wen começou a roncar sonoramente, e Taran se resignou a dormir assim mesmo, apesar da sinfonia de assobios e roncos imediatamente abaixo de sua orelha.

— Estou feliz de ver você, Hen — disse ele —, e estou feliz por você estar feliz de me ver. Mas bem que gostaria que não fizesse tanto estardalhaço por causa disso.

Na manhã seguinte, eles deram as costas para as Montanhas Águia e começaram a se encaminhar para o que Taran esperava que fosse Caer Dathyl. A medida que as árvores se elevavam mais densamente ao redor, Taran se virou para trás, para lançar um último olhar para a Águia propriamente dita, alta e serena a distância. Sentia-se grato pelo fato de aquele caminho não tê-los conduzido até ela, mas no fundo do coração esperava voltar um dia e escalar suas torres de gelo e pedra negra sarapintadas pelos reflexos do sol. Até fazer aquela jornada, nunca tinha visto montanhas, mas agora compreendia porque Gwydion havia falado tão saudosamente de Caer Dathyl.

Este pensamento levou Taran a refletir novamente sobre o que mais Gwydion esperara saber através de Hen Wen. Quando fizeram uma parada, conversou com Fflewddur sobre o assunto.

— Pode ser que haja alguém em Caer Dathyl que seja capaz de compreendê-la — comentou Taran. — Mas se ao menos pudéssemos fazer com que Hen Wen fizesse uma profecia agora, talvez nos revelasse alguma coisa importante.

O bardo concordou; contudo, como Taran havia ressaltado, eles não tinham varetas com letras.

— Eu poderia tentar fazer um novo feitiço — ofereceu Eilonwy. — Achren me ensinou alguns outros, mas não sei se serviriam para alguma coisa. Não têm nada a ver com porcas oraculares. Mas conheço realmente bem um que é maravilhoso para convocar sapos. Achren ia me

ensinar um para abrir fechaduras, mas agora imagino que nunca vá aprendê-lo. De qualquer jeito, fechaduras também não têm muita coisa a ver com porcas.

Eilonwy ajoelhou-se ao lado de Hen Wen e sussurrou rapidamente. Hen Wen pareceu ouvir educadamente por algum tempo, sorrindo largamente, chiando e bufando. Não deu nenhum sinal de ter entendido uma palavra do que a garota estava dizendo e, por fim, com um alegre “Huóinch!”, saiu de junto dela e comeu, ziguezagueando feliz da vida, para junto de Taran.

— Não adianta — disse Taran —, e não vale a pena perdermos tempo. Espero que eles tenham varetas com letras em Caer Dathyl. Embora duvide muito. Qualquer coisa que Dallben tenha, parece ser a única que existe de sua espécie em toda Prydain.

Eles retomaram a marcha. Gurgi, agora o cozinheiro oficial e fazedor de fogueiras, caminhava destemidamente atrás do anão. Em linha reta, Doli conduziu os companheiros por uma clareira, ultrapassando uma fileira de amieiros. Alguns minutos depois, o anão parou e levantou a cabeça inclinada para o lado.

Taran também ouviu o ruído: um som fraco de grito agudo. Parecia vir de um espinheiro de galhos retorcidos. Desembainhando a espada, Taran correu à frente do anão. Inicialmente, não conseguiu ver nada no emaranhado escuro. Chegou um pouco mais perto, então parou abruptamente.

Era um guidainte.

A Avezinha Emplumada

O guidainte estava pendurado como um trapo preto, uma asa levantada, a outra dobrada desajeitadamente sobre o peito. Não maior do que um corvo, a avezinha ainda era pequena, mal acabara de sair da muda e criar suas primeiras plumas. A cabeça parecia um pouco grande demais para o corpo, as penas finas e franzidas. A medida que Taran se aproximava cautelosamente, o guidainte debateu-se inutilmente, sem conseguir se libertar. O pássaro abriu o bico curvo e sibilou preventivamente, mas seus olhos estavam baços e semicerrados.

Os companheiros haviam seguido Taran. Tão logo Gurgi viu o que era, encolheu-se, curvando os ombros e com muitos olhares temerosos para trás, virou-se e se esgueirou silenciosamente para uma distância segura. Melyngar relinchou nervosamente. A porca branca, sem se alterar, tranqüilamente sentou-se nos quartos traseiros e pareceu satisfeita. Fflewddur, ao ver o pássaro, assobiou baixinho. — Que sorte enorme a nossa de que os pais não estejam por aqui — observou. — Essas criaturas são capazes de dilacerar um homem em fiapos quando seus filhotes estão em perigo.

— Me faz lembrar de Achren — comentou Eilonwy —, especialmente a expressão dos olhos, nos dias em que ela estava mal-humorada.

Doli puxou o machado do cinto.



— O que vai fazer? — perguntou Taran. O anão olhou para ele com surpresa.

— O que vou fazer? Você tem mais alguma pergunta estúpida? Não pode imaginar que eu deixaria que ficasse ali onde está, será que pode? Vou cortar-lhe a cabeça, para começar.

— Não! — gritou Taran, agarrando o braço do anão. — A avezinha está ferida.

— Pois fique grato por isso — retrucou Doli, rispidamente. — Se não estivesse, nem você, nem eu, nem nenhum de nós estaria de pé por aqui.

— Não admito que seja morta — declarou Taran. — Está machucada e precisa de ajuda.

— Isso é verdade — concordou Eilonwy—, não parece nem um pouco bem. Para falar a verdade, está com uma cara ainda pior do que a de Achren.

O anão atirou o machado no chão e pôs as mãos nos quadris.

— Eu não sou capaz de me tornar invisível — bufou —, mas pelo menos não sou idiota. Vá em frente. Vá pegar a coisinha feroz e traiçoeira. Dê-lhe de beber. Afaque-lhe a cabeça. Então você vai ver o que acontece. Assim que tiver forças, a primeira coisa que fará será picar você em pedacinhos. E a coisa seguinte será voar direto para Arawn. Então estaremos numa bela de uma encrenca.

— O que Doli diz é verdade — acrescentou Fflewddur. — Eu, pessoalmente, não gosto de retalhar coisas. O pássaro é interessante, de uma maneira meio desagradável. Mas tivemos muita sorte até agora, pelo menos não tivemos problemas com guidaintes. Não vejo de que nos serviria trazer um dos espões de Arawn para o nosso

convívio, por assim dizer. Um Fflam é sempre bondoso, mas isto me parece um certo exagero.

— Medwyn não diria isso — respondeu Taran. — Quando estávamos nas montanhas, ele me falou de tratar com bondade todas as criaturas e me contou muita coisa sobre os guidaintes. Creio que é importante levar este aqui para Caer Dathyl. Ninguém jamais capturou um guidainte vivo, pelo menos que eu saiba. Quem saberia dizer o valor que pode ter?

O bardo cocou a cabeça.

— Bem, sim, suponho que se tivesse alguma utilidade, seria melhor que estivesse vivo do que morto. Mas, de qualquer maneira, o que você propõe é arriscado.

Taran gesticulou para que os outros se afastassem do arbusto. Viu que o guidainte estava ferido por algo mais do que apenas espinhos; talvez uma águia o tivesse desafiado para um combate, pois havia sangue salpicado em suas costas e muitas penas haviam sido arrancadas. Ele estendeu a mão cuidadosamente. O guidainte sibilou de novo, e um longo e áspero estertor soou em sua garganta. Taran temeu que o pássaro estivesse morrendo naquele exato instante. Pôs uma das mãos sob o corpo agitado. O guidainte golpeou com bico e garras, mas não tinha mais força. Taran soltou-o e tirou-o do espinheiro.

— Se eu conseguir encontrar as ervas certas, vou fazer um cataplasma — disse Taran para Eilonwy. — Mas vou precisar de água quente para fazer a infusão. — Enquanto a garota preparava um ninho de relva e folhas, Taran pediu a Gurgi que fizesse uma fogueira e aquecesse algumas pedras, que poderiam ser postas dentro de uma caneca de água. Então, com Hen Wen nos calcanhares, rapidamente saiu em busca das plantas.

— Quanto tempo vamos ficar aqui? — gritou Doli, enquanto ele se afastava. — Não que eu me importe. São vocês que estão com pressa, não eu. Huumm! — Ele enfiou o machado no cinto, enterrou ainda mais o gorro na cabeça e furiosamente prendeu a respiração.

Taran mais uma vez sentiu-se grato pelo que Collhe havia ensinado sobre ervas. Encontrou a maior parte do que precisava crescendo nas vizinhanças. Hen Wen engajou-se na caçada com entusiasmo, grunhindo feliz da vida, fuçando a terra debaixo de folhas e pedras. Na verdade, a porca branca foi a primeira a descobrir uma variedade importante que Taran deixara passar despercebida.

O guidainte não se debateu quando Taran aplicou o cataplasma. Embebendo um pedaço de pano que havia rasgado de seu gibão em uma outra infusão medicinal, o rapaz espremeu o líquido, gota a gota, dentro do bico do pássaro.

— Está tudo muito bem — comentou Doli, que por fim foi vencido pela própria curiosidade e se aproximou para observar a operação. — Mas como você imagina que vai carregar essa coisinha perversa? Empoleirada em seu ombro?

— Não sei — respondeu Taran. — Tinha pensado em embrulhá-lo em minha capa.

Doli fungou.

— Este é o problema de vocês, lavradores ignorantes. Não conseguem ver um palmo à frente do nariz. Mas se espera que eu vá construir uma gaiola para você, está enganado.

— Uma gaiola seria exatamente a coisa certa — concordou Taran. — Não, eu não iria querer incomodá-lo com isso. Vou tentar fazer uma eu mesmo.

O anão ficou observando desdenhosamente, enquanto Taran catava galhos verdes de árvores novas e tentava trançá-los.

— Ah, pare já com isso! — explodiu finalmente Doli. — Não suporto ver um trabalho malfeito. Vamos, saia do caminho. — Com o ombro empurrou Taran para o lado, agachou-se no chão e apanhou os galhos novos. Ele os aparou habilmente com a faca, amarrou-os com cipós trançados e, num piscar de olhos, o anão apresentou uma gaiola bem-feita e resistente.

— Isto certamente é mais prático do que se tornar invisível — comentou Eilonwy.

O anão não respondeu e apenas ficou olhando para ela furioso.

Taran cobriu o fundo da gaiola com folhas, delicadamente pôs o guidainte dentro dela e eles retomaram a caminhada. Para recuperar o tempo que tinham perdido, Doli agora os conduzia em um passo mais acelerado. Seguia em tropel, em marcha pesada e constante, descendo as encostas da colina sem nem sequer se virar para ver se Taran e os outros estavam conseguindo acompanhá-lo. A velocidade da marcha, percebeu Taran, de pouco adiantava, uma vez que eram obrigados a fazer paradas com mais frequência. Mas não achou aconselhável comentar isso com o anão.

Ao longo do dia, o guidainte apresentou sinais constantes de melhora. A cada parada, Taran alimentava o pássaro e aplicava os medicamentos. Gurgi ainda estava aterrorizado demais para se aproximar, somente Taran ousava tocar na criatura. Quando Fflewddur, tentando fazer amizade, pôs o dedo na gaiola, o guidainte despertou e deu-lhe um golpe cortante com o bico.

— Estou avisando — disse Doli rispidamente —, nada de bom resultará disso. Mas não prestem nenhuma atenção ao que eu digo. Vão em frente. Cortem suas próprias gargantas. Então, depois venham correndo e reclamando. Eu sou apenas um guia, faço o que me mandam fazer, e isto é tudo.

Ao anoitecer, eles montaram acampamento e discutiram os planos para o dia seguinte. O guidainte se recuperara totalmente, e também adquirira um apetite enorme. Gritava aguda e furiosamente quando Taran não lhe trazia comida depressa o bastante, e chocalhava o bico contra a gaiola. Devorava os pedaços que Taran lhe dava, depois olhava em volta à procura de mais. Depois de comer, o guidainte se agachava no fundo da gaiola, a cabeça levantada e inclinada para o lado, ouvindo, os olhos seguindo todos os movimentos. Taran finalmente se aventurou a enfiar um dedo entre as barras e a acariciar a cabeça do guidainte. A criatura agora não sibilava mais e não fez nenhuma tentativa para mordê-lo. O guidainte permitiu até que Eilonwy o alimentasse, mas as tentativas do bardo de fazer amizade fracassaram.

— Ele sabe perfeitamente bem que você teria concordado em cortar-lhe a cabeça — disse Eilonwy para Fflewddur —, de modo que não pode culpar a pobrezinha da criatura por estar aborrecida com você. Se alguém quisesse cortar fora a *minha* cabeça e mais tarde aparecesse, querendo se aproximar e se mostrar amigável, eu também lhe daria uma bicada.

— Gwydion me contou que os pássaros são treinados quando são bem novinhos — disse Taran. — Gostaria muito que ele estivesse aqui. Saberia a melhor maneira de lidar com a criatura. Talvez pudesse ser treinada de

maneira diferente. Mas com certeza há de ter um bom falcoeiro em Caer Dathyl e veremos o que ele poderá fazer.

Mas, na manhã seguinte, a gaiola estava vazia. Doli, que havia se levantado muito antes de todos os outros, foi o primeiro a descobrir isso. O anão furioso enfiou a gaiola debaixo do nariz de Taran. As barras de galhos verdes tinham sido cortadas em pedacinhos pelo bico do guidainte.

— E aí está, bem feito! — berrou Doli. — Eu não disse a você que isso aconteceria? Não diga que eu não lhe avisei. A esta altura, a criatura traidora está a meio caminho de volta para Annuvín, depois de ter ouvido cada palavra que dissemos. Se Arawn não sabia onde estamos, ele saberá muito brevemente. Você fez um belo trabalho, ah, belo trabalho — Doli fungou. — Eu só quero distância de tolos e de Porqueiros-Assistentes!

Taran não conseguiu esconder o desapontamento nem o medo.

Fflewddur não disse nada, mas o rosto do bardo estava sombrio.

— Eu fiz a coisa errada, como sempre — admitiu Taran com raiva. — Doli tem razão. Não há nenhuma diferença entre um tolo e um Porqueiro-Assistente.

— Isto provavelmente é verdade — concordou Eilonwy, cujo comentário não contribuiu em nada para animar Taran. — Mas — prosseguiu ela — não suporto ouvir gente dizer “eu não disse a você que isso aconteceria”. Isto é pior que alguém aparecer e comer seu jantar antes de você ter uma chance de sentar à mesa.

— Mesmo assim — acrescentou ela —, Doli é bem-intencionado. Não é nem de longe tão antipático quanto finge ser, tenho certeza de que está preocupado

conosco. Ele é como um porco-espinho, todo cheio de farpas por fora, mas muito sensível e delicado quando você o vira de barriga para cima. Se ele parasse de tentar ficar invisível, acho que ajudaria muito a melhorar seu humor e temperamento.

Não havia tempo para mais arrependimentos. Doli retomou a caminhada e impôs uma marcha ainda mais acelerada. Eles ainda seguiam as montanhas acompanhando o vale do Ystrad, mas ao meio-dia o anão virou para oeste e mais uma vez começou a descer em direção às planícies. O céu tornara-se carregado e cinzento como chumbo. Violentas rajadas de vento açoitavam-lhes o rosto. O sol pálido não aquecia. Melyngar relinchou inquieta; Hen Wen, plácida e dócil até aquele momento, começou a revirar os olhos e a resmungar consigo mesma.

Enquanto os companheiros faziam uma breve parada para descansar, Doli seguiu adiante para fazer um reconhecimento de terreno. Pouco tempo depois estava de volta. Ele conduziu-os até a crista de uma colina, fez um gesto indicando que se mantivessem abaixados junto ao solo e apontou em direção ao Ystrad, lá embaixo.

A planície estava tomada por guerreiros, que marchavam a pé e a cavalo. Estandartes negros tremulavam ao vento. Mesmo àquela distância, Taran podia ouvir o clangor das armas, o bater pesado e ritmado de pés marchando. A frente das colunas serpenteantes, cavalgava o Rei Cornudo.

O vulto gigantesco destacava-se muito acima dos homens de armas que galopavam atrás dele. Os cornos curvados para o alto erguiam-se como garras vorazes. Enquanto Taran observava aterrorizado, mas incapaz de desviar o olhar, a cabeça do Rei Cornudo virou-se lentamente

na direção das terras altas. Taran achatou o corpo contra a terra. Tinha certeza de que o paladino de Arawn não podia vê-lo, que aquilo era apenas uma artimanha criada por sua imaginação, espelhando seu próprio medo, mas pareceu-lhe que os olhos do Rei Cornudo procuraram-no, encontraram-no e cravaram-se como punhais em seu coração.

— Eles nos ultrapassaram — disse Taran em voz baixa e sem força.

— Vamos embora, agora! — retrucou o anão asperamente. — Vamos tratar de andar depressa, em vez de ficar nos lamentando e choramingando. Estamos a pouco mais de um dia de marcha de Caer Dathyl e eles também. Se você não tivesse parado por causa daquele ingrato espião de Annuvín, agora estaríamos muito à frente deles. Não diga que eu não lhe avisei.

— Deveríamos nos armar um pouco melhor — observou o bardo. — O Rei Cornudo certamente terá batedores posicionados em ambos os lados do vale.

Taran desamarrou as armas presas à sela de Melyngar e entregou um arco e uma aljava de flechas para seus companheiros, bem como uma lança curta para cada um. O Rei Eiddileg lhes dera broquéis, pequenos escudos redondos de bronze: eram de tamanho adequado para anões e, depois de ter visto os exércitos em marcha, Taran achou-os lamentavelmente pequeninos. Gurgi afivelou um cinturão com uma espada curta ao redor da cintura. De todos do grupo, ele era o mais animado.

— Sim, sim! — exclamou. — Agora o valente, o bravo e corajoso Gurgi também é um poderoso guerreiro! Ele tem um cutelo cortante e uma lança penetrante! Ele está pronto para grandes combates e embates!

— E eu também! — declarou Fflewddur. — Nada resiste ao ataque ardoroso de um Fflam furioso!

O anão pôs as mãos na cabeça e rangeu os dentes.

— Basta de conversa fiada e tratem de andar! — explodiu espumando. Desta vez estava furioso demais para prender a respiração.

Taran enfiou o braço na alça e levantou o escudo sobre o ombro. Hen Wen manteve-se parada e grunhiu assustada.

— Eu sei que você está com medo — sussurrou Taran em tom persuasivo —, mas estará a salvo em Caer Dathyl.

A porca seguiu-o relutante, entretanto, à medida que Doli mais uma vez acelerou a marcha, ela foi ficando para trás e Taran não teve alternativa senão insistir para que se apressasse. Seu focinho rosado tremia, os olhos dardejavam ora para um, ora para o outro lado da trilha.

Na parada seguinte, Doli deu uma chamada em Taran.

— Continue assim — exclamou —, e não terão nenhuma chance. Primeiro nos atrasamos por causa de um guidainte, agora por causa de uma porca!

— Ela está assustada — Taran tentou explicar ao anão furioso. — Ela sabe que o Rei Cornudo está por perto.

— Então amarre-a — disse Doli. — Ponha a porca no lombo do cavalo.

Taran assentiu.

— Está bem. Ela não vai gostar, mas não há mais nada que possamos fazer.

Pouco antes, a porca estivera agachada entre as raízes de uma árvore. Agora, não havia sinal dela.

— Hen? — gritou Taran. Ele virou-se para o bardo. — Para onde ela foi? — perguntou aflito.

O bardo sacudiu a cabeça. Nem ele nem Eilonwy tinham visto Hen Wen sair de onde estava. Gurgi estivera dando de beber à Melyngar e não havia prestado nenhuma atenção na porca.

— Ela não pode ter fugido novamente — exclamou Taran. Ele correu para a floresta. Quando voltou, seu rosto estava pálido.

Ela sumiu — disse ofegante. — Está se escondendo em algum lugar, tenho certeza.

Taran deixou-se cair de joelhos no chão e pôs a cabeça nas mãos.

— Eu deveria ter ficado de olho nela, não deveria tê-la perdido de vista, nem por um instante — lamentou amargurado e triste. — Fracassei duas vezes.

— Deixe que os outros prossigam — sugeriu Eilonwy. — Nós a encontraremos e os alcançaremos.

Antes que Taran pudesse responder, ouviu um som que fez seu sangue gelar. Das montanhas vinham as vozes de uma matilha de cães de caça latindo alto e as notas longas e límpidas de uma trompa de caça.

Os companheiros ficaram paralisados pelo pavor. Com a mão gelada do terror apertando-lhe a garganta, Taran olhou para os rostos silenciosos ao seu redor. A música temida tremulou no ar, uma sombra tremeluziu atravessando o céu ameaçador.

— Por onde Gwyn, o Caçador, cavalga — murmurou Fflewddur —, cavalga a morte logo atrás.



A Chama de Dyrnwyn

Tão logo o eco das notas da trompa de caça de Gwyn se apagou nas montanhas, Taran teve um sobressalto, como se despertando de um sonho assustador. O som surdo de cascos de cavalo estrondeou pela pradaria.

— Os batedores do Rei Cornudo! — exclamou Fflewddur, apontando para os guerreiros a cavalo que galopavam na direção deles. — Eles nos avistaram!

Subindo da planície, os cavaleiros vinham a toda a velocidade, o corpo dobrado sobre a sela, esporeando seus cavalos de batalha. Eles se aproximaram, lanças em riste como se cada ponta brilhante buscasse seu próprio alvo.

— Eu poderia tentar fazer uma outra teia — sugeriu Eilonwy e acrescentou —, mas receio que a última não tenha servido para muita coisa.

A espada de Taran lampejou rapidamente empunhada. — Há somente quatro deles — observou. — Pelo menos, estamos em igualdade de número.

— Guarde sua espada — aconselhou Fflewddur. — Primeiro as flechas. Teremos bastante trabalho para as espadas mais tarde.

Eles empunharam seus arcos. Seguindo as instruções de Fflewddur, formaram uma fileira e ajoelharam-se ombro a ombro. Os espetados e amarelos cabelos do bardo esvoaçavam ao vento, seu semblante irradiava empolgação.



— Há anos que não entro numa boa luta — comentou ele. — Isso é uma das coisas que perdi e de que sinto falta, por ser um bardo. Eles verão o que significa atacar um Fflam!

Taran encaixou uma flecha na corda. Ao ouvir a ordem do bardo, os companheiros tencionaram os arcos e fizeram pontaria.

— Lançar! — gritou Fflewddur.

Taran viu sua própria seta passar longe do cavaleiro na liderança. Com um grito de raiva, arrancou uma outra da aljava. A seu lado, ouviu Gurgi dar um urro triunfante. Da saraivada de flechas, somente a de Gurgi acertou o alvo. Um dos guerreiros tombou de seu cavalo, a flecha profundamente enterrada em sua garganta.

— Agora eles sabem que podemos feri-los! — exclamou Fflewddur. — Lançar de novo!

Os cavaleiros giraram as montarias. Agora, mais cautelosos, levantaram os escudos. Dos três, dois cavalgaram diretamente para os companheiros; o terceiro puxou as rédeas da montaria e veio galopando para o flanco dos defensores.

— Agora, amigos — gritou o bardo —, todos de costas uns para os outros!

Taran ouviu Doli grunhir, enquanto o anão disparava uma flecha contra o guerreiro mais próximo. A flechada certa de Gurgi havia sido pura sorte; agora as setas cortavam o ar sibilando apenas para resvalar nos escudos dos atacantes. Atrás de Taran, Melyngar relinchou e bateu com as patas no chão freneticamente. Taran recordou-se de como ela havia combatido valentemente por Gwydion, mas agora estava amarrada e ele não ousou se separar dos defensores para ir soltá-la.

Os cavaleiros giraram as montarias em círculo ao redor dos companheiros. Um virou o flanco exposto para eles. A flecha de Doli saltou da corda do arco e enterrou-se no pescoço do guerreiro. Os outros cavaleiros fizeram meia-volta e saíram a galope pela pradaria.

— Nós os derrotamos! — gritou Eilonwy. — Isto é como abelhas conseguirem afugentar águias!

Ofegante, Fflewddur fez que não, sacudindo a cabeça.

— Eles não vão desperdiçar mais homens conosco. Quando voltarem, estarão com um bando de guerreiros. Isto é altamente lisonjeiro para nossa valentia, mas não creio que devamos esperar por eles. Um Fflam sabe quando deve combater e quando deve correr. E, no presente momento, é melhor tratarmos de correr.

— Não vou abandonar Hen Wen — exclamou Taran.

— Vá procurá-la — rosnou Doli. — Vai perder a cabeça além da porca.

— O astucioso Gurgi dará destemidas buscas e espiadas — sugeriu Gurgi.

— E bem provável — retrucou o bardo — que eles nos ataquem novamente. Não podemos nos dar ao luxo de perder as poucas forças que temos. Um Fflam nunca se preocupa com o fato de estar superado em número pelo adversário, mas uma espada a menos poderia ser fatal. Tenho certeza de que sua porca é capaz de cuidar de si mesma; onde quer que esteja, estará correndo menos perigo do que nós.

Taran assentiu.

— E verdade. Mas é doloroso para mim perdê-la uma segunda vez. Eu já decidira abandonar minha busca e

ir para Caer Dathyl. Então, depois que Gurgi encontrou Hen Wen, esperava cumprir as duas tarefas. Mas receio que tenha que ser uma ou outra.

— A questão mais importante é: existe realmente alguma possibilidade de avisarmos os Filhos de Don antes que o Rei Cornudo ataque? — indagou Fflewddur. — Doli é o único que pode respondê-la.

O anão fez uma carranca e refletiu por alguns instantes.

— Possível é — respondeu —, mas teremos que descer e entrar no vale. Estaremos no meio da vanguarda do Rei Cornudo se o fizermos.

— Será que conseguiremos passar? — perguntou Taran.

— Não se saberá, enquanto não se tentar — resmungou Doli.

— A decisão é sua — declarou o bardo, dando uma olhadela para Taran.

— Vamos tentar — respondeu Taran.

Durante o resto do dia, eles viajaram sem fazer nenhuma parada. Ao anoitecer, Taran teria ficado satisfeito em descansar, mas o anão desaconselhou isso. Os companheiros seguiram adiante num silêncio fatigado. Tinham escapado do ataque que Fflewddur havia previsto, mas uma coluna de cavaleiros empunhando tochas passou ao alcance de uma flechada. Os companheiros agacharam-se na orla de árvores até que os raios das chamas serpentearam atrás de uma colina e desapareceram. Pouco depois, Doli conduziu o pequeno bando para o interior do vale e eles encontraram esconderijo no arvoredo fechado dos bosques.

Mas a alvorada revelou uma visão que encheu Taran de desespero. O vale fervilhava com turbilhões de guerreiros para qualquer direção que virasse os olhos. Os estandartes negros chicoteavam o céu ao alto. Os exércitos do Rei Cornudo eram como os membros do corpo de um gigante armado, despertando com inquietação.

Por um instante, Taran ficou olhando fixamente, com incredulidade. Então virou o rosto.

— Tarde demais — murmurou. — Tarde demais. Nós fracassamos.

Enquanto o anão observava as colunas em marcha, Fflewddur seguiu adiante, caminhando em passadas largas e rápidas.

— Ainda há uma coisa que podemos fazer — gritou para os outros. — Caer Dathyl fica bem ali adiante. Vamos prosseguir e travar nosso último combate em sua defesa.

Taran assentiu.

— Vamos. Meu lugar é ao lado dos homens de Gwydion. Doli conduzirá Gurgi e Eilonwy para um lugar seguro. — Ele respirou fundo e ajustou o cinto da bainha de sua espada. — Você nos guiou bem — disse baixinho para o anão. — Volte para junto de seu rei e transmita-lhe nossa gratidão. Seu trabalho está feito.

O anão olhou para ele furibundo.

— Feito! — ele fungou. — Idiotas e brancos cabeçudos! Não é que eu me importe com o que vai lhes acontecer, mas não pense que vou ficar parado assistindo a vocês serem retalhados em pedaços. Não suporto ver um trabalho malfeito. Quer lhes agrade ou não, vou junto.

Antes que as palavras tivessem acabado de sair de sua boca, uma flecha zuniu, passando pouco acima, de sua

cabeça. Melyngar empinou. Um grupo de soldados de infantaria preparava um ataque saindo do arvoredado atrás dos companheiros.

— Vá embora! — gritou o bardo para Taran. — Cavalgue tão rápido quanto puder ou será a morte para todos nós.

Quando Taran hesitou, o bardo agarrou-o pelos ombros, empurrou-o para o cavalo e em seguida empurrou Eilonwy bem atrás dele. Fflewddur desembainhou a espada.

— Faça o que mandei! — gritou o bardo, os olhos faiscando.

Taran saltou para a sela de Melyngar. A égua branca disparou adiante velozmente. Eilonwy agarrou-se na cintura de Taran, enquanto a égua galopava em meio às grandes samambaias, em direção à vanguarda do Rei Cornudo. Taran não fez nenhuma tentativa de guiá-la; a égua havia escolhido seu próprio caminho. Subitamente, ele estava bem no meio dos guerreiros. Melyngar empinou e corcoveou. A espada de Taran, desembainhada, estava pronta, em punho, e ele golpeou à esquerda e à direita. Uma mão agarrou os estribos e foi arrancada com violência. Taran viu o guerreiro cambalear para trás aos tropeções e mergulhar na turba de homens que se debatia. A égua branca conseguiu ganhar terreno aberto e comeu a toda a velocidade para a crista da colina. Agora, um vulto montado galopava atrás deles. Com um olhar rápido e atemorizado, Taran viu a imponente armação do elmo do Rei Cornudo.

O cavalo de batalha negro começou a ganhar terreno e aproximar-se deles. Melyngar virou bruscamente e seguiu em direção à floresta. O Rei Cornudo virou-se com

ela e, enquanto eles arremetiam estrepitosamente em meio à vegetação rasteira e passavam pelas primeiras fileiras de árvores, o gigante cornudo foi se aproximando até que os dois cavalos de batalha galopassem lado a lado. Numa veloz arrancada final, o cavalo do Rei Cornudo se aproximou para ultrapassá-los. Os flancos do animal chocaram-se contra Melyngar, que empinou furiosamente e escoiceou. Taran e Eilonwy foram arremessados para fora da sela. O Rei Cornudo virou sua montaria, tentando atropelá-los.

Taran levantou-se depressa e golpeou cegamente com a espada. Então, agarrando o braço de Eilonwy, puxou-a e comeu embrenhando-se em meio às árvores em busca de proteção. O Rei Cornudo saltou pesadamente para o solo e em poucas e largas passadas aproximou-se deles rapidamente.

Eilonwy gritou. Taran girou nos calcanhares para enfrentar o homem com o elmo cornudo. Estranhos temores se apoderaram de Taran, como se o próprio Lorde de Annuin tivesse aberto um abismo a seus pés e ele estivesse despencando dentro dele. Taran arquejou de dor, como se seu velho ferimento mais uma vez voltasse a se abrir. Todo o desespero que havia sentido quando estivera prisioneiro de Achren retornou para minar suas forças.

Por detrás do crânio esbranquiçado, os olhos do Rei Cornudo flamejaram, enquanto ele levantava um braço manchado de vermelho.

As cegas, Taran ergueu a espada. Ela tremeu em sua mão. A lâmina da espada do Rei Cornudo bateu contra sua arma e a despedaçou com um único golpe.

Taran deixou cair os pedaços quebrados e inúteis. O Rei Cornudo parou por um instante, um rosnado de

alegria brutal elevou-se em sua garganta, e ele empunhou com mais firmeza sua arma.

Um terror mortal impeliu Taran a agir. Ele saltou para trás e voltou-se depressa na direção de Eilonwy.

— Dyrnwyn! — gritou ele. — Me dê a espada!

Antes que ela pudesse se mover, ele arrancou o cinto e a arma de seu ombro. O Rei Cornudo viu a bainha negra e hesitou por um momento, como se temeroso.

Taran agarrou o punho da arma. A lâmina não se soltava da bainha. Ele puxou com toda sua força. A espada moveu-se só um pouco na bainha. O Rei Cornudo levantou sua arma.

Quando Taran deu um puxão final, a bainha girou em sua mão. Um clarão ofuscante rasgou o ar diante dele. Um raio escaldante queimou seu braço, e ele foi arremessado ao chão com violência.

A espada Dyrnwyn, fulgurando numa chama branca, saltou de sua mão e caiu fora de seu alcance. O Rei Cornudo estava de pé diante dele. Com um grito, Eilonwy arremessou-se sobre o homem cornudo. Rosnando, o gigante a atirou longe.

Uma voz reverberou atrás do Rei Cornudo. Através dos olhos embaçados pela dor, Taran vislumbrou a silhueta de um vulto alto contra as árvores e ouviu ser gritada uma palavra que não conseguiu distinguir.

O Rei Cornudo permaneceu imóvel, o braço erguido. Raios e relâmpagos fulguraram em sua espada. O gigante irrompeu em chamas como uma árvore se incendiando. Os cornos de veado tornaram-se raios carmesins, a máscara de crânio correu como ferro fundido. Um rugido de dor e de furor elevou-se da garganta do Rei Cornudo.

Com um grito, Taran atirou o braço para cobrir o rosto. O chão trovejou e pareceu se abrir debaixo dele. E então tudo desapareceu.

O Segredo

A luz do sol jorrava pela janela alta de um quarto agradavelmente fresco e perfumado. Taran piscou e tentou se levantar do diva baixo e estreito. Sua cabeça girou; o braço, enfaixado com tiras de linho branco, latejou dolorosamente. Juncos secos cobriam o piso, os raios luminosos tingiam-nos de amarelo cor de trigo. Ao lado do diva, uma forma branca salpicada pela luz do sol se mexeu e levantou-se.

— Huóinch!

Hen Wen bufando, gargalhando baixinho, abriu o rosto redondo inteirinho num sorriso. Com um grunhido alegre, começou a esfregar o focinho na face de Taran. A boca de Taran se abriu, mas ele não conseguiu falar. Uma gargalhada cristalina ressoou vinda de um canto do quarto.

— Você realmente tinha que ver a expressão de seu rosto. Parece um peixe que subiu para dentro de um ninho de passarinho por engano.

Eilonwy levantou-se do banco de vimeiro.

— Estava com esperança de que fosse despertar logo. Você não pode imaginar como é aborrecido ficar sentada olhando alguém dormir. E como contar pedras numa parede.

— Para onde eles nos levaram? Isto aqui é Annuvin? Eilonwy deu mais uma de suas gargalhadas e sacudiu a cabeça.



— Este é exatamente o tipo de pergunta que se poderia esperar de um Porqueiro-Assistente. Annuvin? Ugh! Eu não iria querer estar lá de jeito nenhum. Por que você tem sempre que pensar em coisas desagradáveis? Imagino que seja porque seu ferimento afetou sua cabeça. Mas está parecendo muito melhor agora do que antes, embora ainda esteja com uma cor branco-esverdeada, como um alho-poró fervido.

— Pare com essa tagarelice e me conte onde estamos! — Taran tentou se levantar do sofá, então tornou a se recostar e pôs a mão na cabeça.

— Você não deve se levantar ainda — advertiu Eilonwy —, mas acho que já descobriu isso sozinho.

Serpenteando e grunhindo alto, Hen Wen, feliz da vida, havia começado a subir no sofá. Eilonwy estalou os dedos.

— Pare com isso, Hen — ordenou ela —, você sabe que ele não deve ser incomodado nem deve se agitar e, especialmente, que ninguém deve sentar em cima dele. — A garota virou-se novamente para Taran. — Estamos em Caer Dathyl — disse ela. — É um lugar muito lindo. Muito mais agradável que o Castelo Espiral.

Taran sobressaltou-se mais uma vez, à medida que as recordações encheram sua mente como uma inundação.

— O Rei Cornudo! — exclamou. — O que aconteceu? Onde está ele?

Dentro de um dólmen, muito provavelmente, imagino.

— Ele está morto?

— Mas é claro — respondeu a garota. — Você não acha que ele toleraria ser posto dentro de um dólmen, se não estivesse, acha? Não sobrou muita coisa dele, mas o

que sobrou foi enterrado. — Eilonwy estremeceu. — Acho que ele foi a pessoa mais aterradora que jamais encontrei, e isso inclui Achren. Ele me deu um tombo horrroso pouco antes de sair para matar você. — Ela esfregou a cabeça. — Aliás, por falar nisso, você tomou minha espada de uma maneira um bocado bruta. Eu disse a você e lhe disse muitas vezes para não desembainhá-la. Mas você teimou em não me ouvir. Foi isso que queimou seu braço.

Taran reparou que a bainha preta de Dyrnwyn não estava mais pendurada no ombro de Eilonwy.

— Mas então o que...

— Foi sorte você perder a consciência — prosseguiu Eilonwy. — Assim não viu a pior parte. Houve o terremoto e o Rei Cornudo ardendo em chamas até que ele simplesmente, bem, se desfez em pedaços. Não foi agradável. Para falar a verdade, eu prefiro não falar a respeito disso. Ainda me dá pesadelos, mesmo quando não estou dormindo.

Taran rangeu os dentes.

— Eilonwy — disse finalmente —, eu quero que você me conte, muito devagar e cuidadosamente, o que aconteceu. Se não contar, *eu vou* ficar zangado e *você vai* se arrepender.

— Como... posso... contar... alguma... coisa... a... você — Eilonwy disse, pronunciando devagar e enfaticamente cada palavra e fazendo caretas extravagantes enquanto o fazia —, se... você... não... quer... que... eu... fale? — Ela deu de ombros. — Pois bem, de todo modo — ela retomou seu relato, falando depressa, em seu habitual ritmo afobado —, assim que os exércitos viram que o Rei Cornudo estava morto, praticamente se desfizeram em pedaços também. Não da mesma maneira, naturalmente.

No caso deles, foi mais uma espécie de debandada, como um bando de coelhos. Não, isso não está certo, não acha? Mas foi vergonhoso ver homens adultos tão acovardados. E claro que, àquela altura, os Filhos de Don tiveram sua oportunidade de atacar. Você deveria ter visto os estandartes dourados. E guerreiros tão nobres e elegantes.

— Eilonwy suspirou. — Foi como... foi como... Ah, eu não sei nem dizer como foi.

— E Hen Wen...

— Hen Wen não saiu deste quarto desde o instante em que trouxeram você para cá — respondeu Eilonwy. — E eu também não — acrescentou, lançando um olhar para Taran.

— Ela é uma porca muito inteligente — prosseguiu Eilonwy.

— Ah, ela realmente fica assustada e perde a cabeça de vez em quando, imagino. E pode ser muito teimosa quando quer, o que, por vezes, faz com que eu me pergunte que diferença existe entre porcos e as pessoas que cuidam deles. Não estou me referindo a ninguém em particular, você entende.

A porta defronte ao diva onde Taran estava deitado se abriu parcialmente. Enfiando-se pela abertura apareceu a cabeça de cabelos amarelos espetados e o nariz pontudo de Fflewddur Fflam.

— Quer dizer que está de volta à nossa companhia — exclamou o bardo. — Ou, como você poderia dizer, cá estamos nós de volta à sua companhia!

Gurgi e o anão, que tinham esperado logo atrás do bardo, naquele instante entraram apressadamente. A despeito dos protestos de Eilonwy, eles se acotovelaram ao redor de Taran. Fflewddur e Doli não exibiam nenhum

sinal de ferimento, mas a cabeça de Gurgi estava enfaixada e ele manquejava ao andar.

— Sim! Sim! — exclamou ele. — Gurgi lutou por seu amigo com espadadas e cutiladas! Que castigadas! Ferozes guerreiros o golpeiam em toda sua pobre cabeça mimosa, mas o valente Gurgi não foge, oh, não!

Taran sorriu para ele, profundamente emocionado.

— Sinto muito por sua pobre cabeça mimosa — declarou, pondo a mão no ombro de Gurgi —, e que um amigo tenha sido ferido por minha causa.

— Que alegria! Que pancadas e golpeadas! O feroz Gurgi enche os guerreiros malvados de terror e berros horríveis.

— É verdade — comentou o bardo. — De todos nós, ele foi o mais bravo. Embora meu amigo rechonchudo aqui seja capaz de fazer coisas surpreendentes com um machado.

Doli, pela primeira vez, sorriu.

— Nunca pensei que nenhum de vocês tivesse tutano que se pudesse ver — disse, tentando mostrar aspezeza. — De início, achei que todos eram covardes. Aceitem minhas mais sinceras desculpas — acrescentou, com uma mesura.

— Impedimos o avanço do bando de infantaria — relatou Fflewddur —, até termos certeza de que vocês estavam bem longe. Alguns deles terão motivos para pensar em nós, com muito desagrado, por um bom tempo ainda. — O semblante do bardo se iluminou. — Lá estávamos nós — disse ele —, lutando como loucos contra um grupo impossivelmente maior de adversários. Mas um Fflam nunca se entrega! Combati com três ao mesmo tempo. Corta daqui! Espeta dali! Um outro me agarrou

pelas costas, o covarde ordinário. Mas eu o arremessei longe. Nós nos desembaraçamos deles e nos dirigimos para Caer Dathyl, com golpes de espada e machadadas, cortando e talhando o caminho inteiro, cercados por todos os lados...

Taran esperava que as cordas da harpa de Fflewddur se partissem a qualquer instante. Para sua surpresa, elas mantiveram-se inteiras.

— E assim — concluiu Fflewddur, com um dar de ombros despreocupado —, essa foi a parte que nos coube. Bastante fácil, quando se tem tempo para pensar. Não tive nenhum medo de que as coisas pudessem correr mal, nem por um instante.

Uma corda se partiu com um grave *tóing* metálico. Fflewddur inclinou-se, aproximando a boca do ouvido de Taran.

— Estava apavorado — cochichou. — Absolutamente verde de medo.

Eilonwy agarrou o bardo e o empurrou para a porta.

— Fora daqui! — gritou ela. — Todos vocês! Vão deixá-lo exausto com todo esse falatório. — A garota empurrou Gurgi e o anão depois de Fflewddur. — E fiquem fora daqui! Ninguém deve entrar enquanto eu não disser que pode.

— Nem eu?

Taran soergueu-se bruscamente ao ouvir a voz conhecida.

Gwydion estava no umbral da porta.

Por um momento, Taran não o reconheceu. Em vez da capa manchada e do gibão grosseiro, Gwydion vestia os trajes suntuosos de um príncipe. Seu rico manto a-

bria-se em pregas fundas. Preso numa corrente em sua garganta, fulgurava um disco de ouro com o formato do sol. Os olhos verdes brilhavam com uma intensidade e uma força novas. Taran o viu naquele momento como sempre o imaginara.

Sem dar atenção ao braço ferido, Taran levantou-se do diva de um salto. O homem alto aproximou-se dele em passadas largas. A autoridade que emanava do porte do guerreiro fez Taran dobrar um joelho no chão e abaixar a cabeça.

— Lorde Gwydion — murmurou.

— Isto não é maneira de um amigo cumprimentar um amigo — disse Gwydion, delicadamente fazendo Taran se levantar. — Tenho mais prazer em me lembrar de um Porqueiro-Assistente que temia que eu o envenenasse na floresta perto de Caer Dallben.

— Depois do Castelo Espiral — gaguejou Taran —, eu nunca pensei que fosse vê-lo vivo de novo. — Ele apertou a mão de Gwydion e chorou sem nenhum pudor.

— Estou um pouco mais vivo do que você. — Gwydion sorriu. Depois ajudou Taran a se sentar no sofá.

— Mas como foi... — Taran começou a perguntar, quando reparou numa arma preta e maltratada pendendo rente ao quadril de Gwydion.

Gwydion viu a pergunta estampada no rosto de Taran.

— Um presente — explicou —, um régio presente de uma jovem dama.

— Fiz questão de cintá-la nele, pessoalmente — interrompeu Eilonwy. Ela virou-se para Gwydion. — Eu disse a ele para não desembainhá-la, mas ele é de uma teimosia impossível.

— Felizmente você não a desembainhou totalmente — disse Gwydion para Taran. — Receio que a chama de Dyrnwyn tivesse sido poderosa demais até mesmo para um Porqueiro-Assistente.

— É uma arma de poder mágico, como Eilonwy soube reconhecer — acrescentou Gwydion. — Tão antiga que eu acreditava que não passava de uma lenda. Ainda existem misteriosos segredos relacionados à Dyrnwyn que são desconhecidos até dos mais sábios. Sua perda destruiu o Castelo Espiral e foi um duro golpe para Arawn.

Com um único gesto firme, Gwydion desembainhou a espada e a empunhou apontada para o alto. A arma fulgurou de maneira ofuscante. Tomado de temor e espanto, Taran encolheu-se para trás, o ferimento latejando com força renovada. Gwydion rapidamente enfiou a espada de volta na bainha.

— Assim que vi Lorde Gwydion — acrescentou Eilonwy, lançando-lhe um olhar de admiração —, soube que era ele quem deveria portar a espada. Tenho que confessar que estou satisfeita por ter me livrado desse trambolho.

— Mas pare de interromper! — exclamou Taran. — Deixe-me descobrir o que aconteceu com o meu amigo antes de você começar com sua tagarelice.

— Não vou cansar você com um longo relato — disse Gwydion. — Você já sabe que a ameaça de Arawn foi desmantelada. Ele pode voltar a atacar, como ou quando ninguém pode imaginar. Mas, por enquanto, há muito pouco a temer.

— E que foi feito de Achren? — perguntou Taran. — E o Castelo Espiral...

— Eu não estava no Castelo Espiral quando desmoronou — respondeu Gwydion. — Achren me tirou de minha cela e me amarrou num cavalo. Acompanhados pelos Nascidos do Caldeirão, cavalgamos até o castelo de Oeth-Anoeth.

— Oeth-Anoeth? — indagou Taran.

— É uma fortaleza de Annuvin — respondeu Gwydion —, não fica longe do Castelo Espiral. Foi construída quando Arawn tinha um domínio mais amplo sobre Prydain. É um lugar de morte, suas muralhas são cheias de ossos humanos. Eu podia prever os tormentos que Achren havia planejado para mim.

“Entretanto, antes que ela me enfiasse em suas masmorras, agarrou o meu braço. ‘Por que escolhe a morte, Lorde Gwydion?’, argumentou, ‘quando posso lhe oferecer vida eterna e poder muito além da compreensão de mentes mortais?’

“‘Eu fui soberana de Prydain muito antes de Arawn’, disse-me Achren, ‘e fui eu quem o fez rei de Annuvin. Fui eu quem lhe deu poder, embora ele o tenha usado para me trair. Mas agora, se o desejar, ocupará o trono real de Arawn e será o soberano em seu lugar’

“‘Com muito prazer eu derrubaria Arawn’, respondi. ‘E usarei esses poderes para destruí-la junto com ele.’”

— Enfurecida, ela me lançou na mais profunda masmorra — prosseguiu ele. — Nunca estive tão perto de minha morte quanto em Oeth-Anoeth.

— Quanto tempo fiquei caído lá, não posso dizer com certeza — continuou Gwydion. — Em Oeth-Anoeth, o tempo não é como vocês o conhecem aqui. É melhor que eu não fale dos tormentos que Achren havia tramado para mim. Os piores não eram para o corpo, mas

para o espírito, e, destes, o mais doloroso era o desespero. Contudo, mesmo em minha angústia mais profunda, eu me agarrei à esperança. Pois existe uma coisa com relação a Oeth-Anoeth: se um homem for capaz de resistir àquele lugar, até a morte lhe entregará seus segredos.

— Eu resisti a Oeth-Anoeth — disse Gwydion baixinho — e ao final me foi revelada muita coisa que antes havia sido obscura. A respeito disso, também não falarei. Basta que você saiba que compreendi como funcionam os mecanismos da vida e da morte, do riso e das lágrimas, de fins e começos. Vi a verdade do mundo e com essa revelação soube que não existiam mais correntes que pudessem me prender. Meus grilhões tornaram-se leves como sonhos. Naquele momento, os muros de minha prisão se dissolveram.

— Que aconteceu com Achren? — perguntou Eilonwy.

— Não sei — respondeu Gwydion. — Eu não a vi depois disso. Durante alguns dias, fiquei escondido na floresta, esperando que os ferimentos de meu corpo se curassem. O Castelo Espiral estava em ruínas quando voltei para procurar você; e ali eu pranteei sua morte.

— Como nós pranteamos a sua — disse Taran.

— Então, retomei a jornada para Caer Dathyl — prosseguiu Gwydion, — Durante algum tempo, segui o mesmo caminho que Fflewddur escolheu para vocês, embora não tenha cruzado o vale senão muito mais tarde. A essa altura, eu havia ganhado um pequeno avanço sobre vocês.

“Naquele dia, um guidainte mergulhou do céu e voou diretamente na minha direção. Para minha surpresa, nem me atacou nem fugiu correndo depois de ter-me vis-

to, mas em vez disso ficou esvoaçando diante de mim, emitindo estranhos gritos. A língua dos guidaintes não é mais segredo para mim, tampouco o é a fala de qualquer criatura viva, e compreendi que um grupo de viajantes estava a caminho numa jornada desde as montanhas próximas e que uma porca branca os acompanhava.

“Corri de volta e retracei meus passos. A essa altura, Hen Wen pressentiu que eu estava por perto. Quando ela fugiu de você, Taran, não fugiu porque estivesse aterrorizada, e sim para me encontrar. O que fiquei sabendo por ela era mais importante do que eu suspeitava e compreendi por que o paladino de Arawn a buscava desesperadamente. Ele também se dava conta de que ela sabia qual era a única coisa que podia destruí-lo.”

— E o que era isso? — perguntou Taran ansioso.

— Ela sabia qual era o nome secreto do Rei Cornudo.

— O nome dele? — exclamou Taran espantadíssimo. — Nunca imaginei que um nome pudesse sertão poderoso.

— Sim — respondeu Gwydion. — Uma vez que você tem a coragem de olhar para o mal, ver o que ele realmente é e chamá-lo por seu nome verdadeiro, ele toma-se impotente diante de você, e você pode destruí-lo. Mesmo assim, apesar de toda minha sabedoria — admitiu ele —, não poderia ter descoberto o nome do Rei Cornudo sem Hen Wen.

“Hen Wen me contou este segredo na floresta. Não precisei de varetas de letras nem tomos de magia, pois podíamos falar um com o outro como se fôssemos um só coração e mente. O guidainte, voando em círculos, me conduziu ao Rei Cornudo. O resto você já sabe.

— Onde está o guidainte agora? — perguntou Taran. Gwydion sacudiu a cabeça.

— Não sei. Mas duvido que ele algum dia volte a Annuvin, pois Arawn o rasgaria em pedaços se soubesse o que ele fez. Eu sei apenas que ele retribuiu plenamente a sua generosidade.

— Agora descanse — pediu Gwydion. — Mais tarde nós conversaremos sobre coisas mais alegres.

— Lorde Gwydion — disse Eilonwy, quando ele se levantou para ir embora —, qual era o nome secreto do Rei Cornudo?

O rosto marcado pelas rugas de Gwydion abriu-se num largo sorriso.

— Deve permanecer em segredo — respondeu ele, depois bateu de leve no rosto da garota. — Mas posso lhe assegurar que não é nem de longe tão bonito quanto o seu.

Alguns dias depois, quando Taran havia recuperado as forças de modo a poder andar sem ajuda, Gwydion o acompanhou em um passeio por Caer Dathyl. Imponente no alto de uma montanha, a fortaleza, sozinha, era grande o bastante para conter várias Caer Dallben. Taran viu oficinas de armeiros, estábulos para os cavalos de batalha dos guerreiros, cervejarias e salas de tecelagem. Os chalés agrupavam-se nos vales abaixo e riachos de águas cristalinas corriam tingidos de dourado pela luz do sol. Mais tarde, Gwydion convocou todos os companheiros a se apresentarem no grande salão de Caer Dathyl e ali, em meio a estandartes e companhias de lanças enfileiradas, eles receberam as manifestações de gratidão de Math Filho de Mathonwy, soberano da Casa de Don. O monarca de barbas brancas, que parecia tão velho quanto Dallben e igualmen-

te impaciente, era ainda mais falante do que Eilonwy. Quando ele finalmente concluiu um dos discursos mais longos que Taran jamais ouvira na vida, os companheiros fizeram reverências e uma guarda de honra o levou embora do grande salão carregado numa liteira envolta em tecido de fios de ouro. Quando Taran e seus amigos estavam prestes a se retirarem, Gwydion os chamou e pediu que se aproximassem.

— Estes são pequenos presentes para retribuir grande bravura — declarou ele. — Mas está ao meu alcance concedê-los, o que faço com alegria no coração e com a esperança de que vocês os apreciem, não tanto pelo valor e sim para guardarem como recordação.

“A Fflewddur Fflam será dada uma corda de harpa. Embora todas as outras se partam, esta para sempre permanecerá inteira, não importa quantas galantes extravagâncias ele possa fazê-la ouvir. E seu som será o mais verdadeiro e de imensa beleza.

“A Doli do Povo Formoso será concedido o dom da invisibilidade, portanto tempo quanto ele desejar conservá-la.

“Ao fiel e valente Gurgi será concedida uma mochila de comida que estará sempre cheia. Guarde-a bem; é um dos tesouros de Prydain.

“A Eilonwy da Casa de Llyr será dado um anel de ouro ornado com uma pedra preciosa que foi lapidada pelos antiquíssimos artesãos do Povo Formoso. É precioso, mas para mim ter a sua amizade é ainda mais precioso.

“E a Taran de Caer Dallben...”, Gwydion fez uma pausa. “A escolha de sua recompensa foi a mais difícil de todas.”

— Não desejo nenhuma recompensa — disse Taran. — Não quero que nenhum amigo me pague pelo que fiz de boa vontade, por amizade e por minha própria honra.

Gwydion sorriu.

— Taran de Caer Dallben — observou ele —, você continua tão melindroso e cabeçudo como sempre. Creia-me, eu sei aquilo pelo que você anseia em seu coração. Os sonhos de heroísmo, de mérito, de façanhas são sonhos nobres; mas é você, e não eu, quem deve fazer com que se tornem realidade. Peça-me qualquer outra coisa e eu a concederei.

Taran baixou a cabeça. — A despeito de tudo o que me aconteceu, acabei por amar os vales e as montanhas de suas terras do norte. Mas meus pensamentos têm se voltado cada vez mais para Caer Dallben. Tenho muita vontade de voltar para casa.

Gwydion assentiu. .

— Então assim seja.

Boas-vindas

A jornada para Caer Dallben foi rápida e sem empecilhos, pois os lordes dos cantreves do sul, ao verem sua força desintegrar-se, tinham se retirado sorrateiramente, cada um de volta para o trono de sua própria tribo. Taran e seus companheiros, conduzidos pessoalmente por Gwydion, cavalgaram rumo ao sul pelo vale do Ystrad. Eilonwy, que tanto ouvira Taran falar de Coll e de Dallben, não quis perder aquela oportunidade para uma visita, e ela também cavalgou com eles. Gwydion tinha dado a cada um dos companheiros um bonito cavalo de batalha, e a Taran ele dera o mais belo de todos: Melynlas, o garanhão cinzento de crina prateada, da linhagem de Melyngar e tão veloz quanto ela. Hen Wen viajou triunfantemente a bordo de uma liteira carregada por um cavalo, parecendo imensamente satisfeita consigo mesma.

Caer Dallben nunca tinha visto uma festa de boas-vindas tão cheia de alegria — embora, àquela altura, Taran não tivesse mais muita certeza com relação ao que Dallben já tinha visto ou não —, com um banquete tão farto que até mesmo Gurgi, depois de muito comer, pela primeira vez se disse satisfeito, Coll abraçou Taran, que se sentiu maravilhado com o fato de que um herói como ele se dignasse a se lembrar de um Porqueiro-Assistente, e também de Eilonwy, Hen Wen e mais todo mundo que passasse ao alcance de suas mãos; seu semblante radiante



estava caloroso como uma fogueira no inverno e a calva no alto da cabeça reluzia de satisfação.

Dallben interrompeu suas meditações para estar presente ao banquete, embora, assim que acabaram os festejos, tivesse se retirado para seus aposentos e não fosse mais visto durante um bom tempo. Mais tarde, ele e Gwydion passaram várias horas sozinhos, pois havia a tratar questões importantes que Gwydion só revelaria ao velho feiticeiro.

Gurgi, pondo-se completamente à vontade, roncava debaixo de uma pilha de feno no celeiro. Enquanto Fflewddur e Doli saíam para explorar os arredores, Taran mostrou a Eilonwy o cercado de Hen Wen, onde a porca gargalhou e grunhiu tão feliz da vida quanto antes.

— Então foi aqui que tudo começou — comentou Eilonwy. — Não quero parecer crítica, mas acho que você não devia ter encontrado tanta dificuldade para mantê-la aqui dentro. Caer Dallben é um lugar tão adorável quanto você disse e deve estar muito contente por estar em casa — prosseguiu ela. — E exatamente como quando, de repente, a gente se lembra de onde colocou uma coisa que estava procurando.

— É, acho que é mesmo — disse Taran, apoiando-se na cerca e examinando-a atentamente.

— O que você vai fazer agora? — perguntou Eilonwy. — Imagino que vá voltar a seu trabalho de Porqueiro-Assistente.

Sem levantar a cabeça, Taran assentiu.

— Eilonwy — disse com hesitação —, estava esperando... quero dizer, estava pensando...

Antes que pudesse concluir, Coll aproximou-se correndo e disse baixinho que Dallben queria ter uma conversa reservada com ele.

— Eilonwy... — Taran começou a falar de novo, então parou abruptamente e foi caminhando em passadas largas e rápidas para o chalé.

Quando entrou no aposento, Dallben estava escrevendo com uma grande pluma em *O Livro dos Três*. Assim que viu Taran, rapidamente fechou o grande livro e empurrou-o para o lado.

— Ora, muito bem — disse Dallben. — Eu gostaria que nós dois tivéssemos uma conversa tranqüila. Primeiro, estou interessado em saber o que você acha de ser um herói. Imagino que esteja muito orgulhoso de si mesmo. Embora — acrescentou — não seja esta a impressão que me passa a expressão que vejo em seu rosto.

— Não tenho nenhum motivo justo para estar orgulhoso — disse Taran, ocupando seu lugar habitual no banco. — Foi Gwydion quem destruiu o Rei Cornudo, e Hen Wen o ajudou a fazê-lo. Mas foi Gurgi, e não eu, quem a encontrou. Doli e Fflewddur lutaram gloriosamente, enquanto eu fui ferido por uma espada que não tinha nenhum direito de desembainhar. E foi Eilonwy quem tirou a espada do dólmen para começar. Quanto a mim, o que fiz, principalmente, foi cometer erros.

— Ai, ai, ai — disse Dallben. — Mas quantas queixas. Elas são tantas que seriam capazes de entristecer o mais alegre dos banquetes. Embora o que diz possa ser verdade, mesmo assim você tem motivos para sentir algum orgulho. Foi você quem manteve os companheiros unidos e quem os liderou. Você fez aquilo que saiu para fazer, cumpriu sua tarefa, e Hen Wen está de volta em

segurança. Se cometeu erros, você os reconhece. Conforme eu lhe disse, existem ocasiões em que a busca tem mais valor do que encontrar aquilo que se procura.

— Tem realmente alguma importância — prosseguiu Dallben — qual de vocês fez o quê, uma vez que todos tinham em comum um mesmo objetivo e enfrentaram o mesmo perigo? Nada do que fazemos é feito por nós inteiramente sozinhos. Existe uma pequena parcela de nós em todas as outras pessoas. Você, dentre todas as pessoas, deveria saber disso. Pelo que ouvi, foi tão impetuoso quanto seu amigo Fflewddur. Contaram-me, dentre outras coisas, de uma noite em que você mergulhou de cabeça em um espinheiro. E, certamente, sentiu tanta pena de si mesmo quanto Gurgi. E, como Doli, empenhou-se para obter o impossível.

— É verdade — admitiu Taran —, mas isso é o que me deixa aflito. Sonhei muitas vezes com Caer Dallben e amo este lugar, e o senhor e Coll, mais do que nunca. Não havia nada que eu desejasse mais que estar em casa, e meu coração se rejubila. Contudo, é um sentimento curioso. Voltei ao quarto onde dormia e o achei menor do que me recordava. Os campos são bonitos, mas não exatamente tão bonitos quanto me lembrava. E sinto-me aflito, pois agora me pergunto se me tornarei um estranho em minha própria casa.

Dallben sacudiu a cabeça.

— Não, isto você nunca será. Mas não é Caer Dallben que se tornou menor. Foi você que cresceu. E assim que são as coisas.

— E há a questão de Eilonwy — disse Taran. — Que acontecerá com ela? Será que... seria possível o senhor deixar que ela fique conosco?

Dallben franziu os lábios e brincou com as páginas de *O Livro dos Três*.

— Por uma questão de direito — respondeu ele —, a Princesa deveria ser mandada de volta para junto de sua família. Sim, ela é uma princesa. Não contou a você? Mas não há nenhuma pressa em fazer isso. Ela poderia consentir em ficar. Quem sabe, se você conversasse a respeito disso com ela...

Taran levantou-se de um salto.

— Vou falar!

Saiu apressado do aposento e correu para o cercado de Hen Wen. Eilonwy ainda estava lá, observando a porca oracular com interesse.

— Você deve ficar! — exclamou Taran. — Eu já pedi a Dallben!

Eilonwy jogou a cabeça para trás e arrebitou o nariz.

— Imagino — disse ela — que nunca tenha ocorrido a você vir me pedir para ficar.

— Pois é... mas quero dizer... — ele gaguejou —, eu não pensei...

— Você geralmente não pensa — suspirou Eilonwy. — Não tem importância. Coll está preparando um lugar para mim.

— Já? — exclamou Taran — Como ele ficou sabendo? Como *você* ficou sabendo?

— Huumm! — disse Eilonwy.

— Huóinch! — disse Hen Wen.



Digitalização/ Revisão: YUNA



Prepare-se, você está prestes a experimentar um mundo de magia e aventuras: o reino de Prydain (Prídein – é assim que se fala). Além do nome estranho, esse reino guarda muitas surpresas. Tendo como base as lendas e a mitologia do País de Gales, Prydain foi criado pelo mestre da ficção infanto-juvenil, Lloyd Alexander. Se você quer saber exatamente o que acontece nas terras de Prydain, acompanhe Taran, o jovem herói dessa história, e seu grupo de amigos. Eles estão prestes a mergulhar numa aventura perigosíssima, enfrentando Arawn, o Senhor das Trevas, e seu diabólico paladino, o Rei Cornudo. Eles são do mal e farão tudo para ter Prydain em suas mãos.

O Livro dos Três é o primeiro volume da série *As Aventuras de Prydain*, uma coleção de histórias que vão fazer você rir, se emocionar e, pode apostar, morrer de medo também.

Essa fantástica série criada por Lloyd Alexander ganhou a medalha Newbery e o prêmio literário Newbery Honor – duas das mais importantes premiações para literatura jovem da Inglaterra.

"Um encantador reino de fantasia."

Booklist

"Narrado em estilo direto e simples, esta história movimentada e repleta de aventuras tem uma mistura bem equilibrada de fantasia, realismo e humor."

Library Journal



Princesa Eilonwy

Taran de Caer Dallben

ISBN 85 - 7302 - 499 - 2



9 788573 024999

